



a fonte

FONTE DE ESTÍMULO INTELECTUAL

EDIÇÃO 15

2024

Ficha Técnica

Direção

José Manuel Tedim

Coordenação

Alexandra Guedes Pinto

Comissão Editorial

*Alexandra Guedes Pinto
Maria Arminda Bragança
Maria de Fátima Martins
Marília Rocha*

Comissão Científica

*Alexandra Guedes Pinto
Elvira Mea
Isaac Ferreira
Isabel Ponce de Leão
José Manuel Tedim*

ISBN 323-1-2345678-9-0 (EPUB)

*Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes
Rua Santa Joana Princesa 38
Porto, Portugal 4150-644*

icafg.pt

Copyright © 2025

Artigos e outros textos são da responsabilidade dos autores

índice

Editorial	5
José Manuel Tedim	

Sinopse	6
----------------------	---

Secção 1 - Pintura

Tributo a Ana de Gonta Colaço: Ensaio Visual	10
Beatriz Albuquerque	

Olhar a Liberdade: Ensaio Visual	16
Beatriz Albuquerque	

Secção 2 - Ficção

Como conheci o Álvaro	23
Maria Beatriz Jurado	

A Casa	28
Maria Beatriz Jurado	

Anda desde a manhã uma palavra a perseguir-me	33
Teresa Vieira	

Despedido	34
Teresa Vieira	

Abraço de Natal	37
Eduardo Pereira Cernadas	

Ainda não se deu a conhecer	39
Eduardo Pereira Cernadas	

A Begónia	40
Francisco Príncipe	

E se...	43
Maria de Fátima Martins	

índice

O “Lixo” que não é Lixo	44
Maria de Fátima Martins	
...Uma vez em Nova Iorque	45
José Nery	
Nadar contra a corrente	47
Maria Fernanda Bahía	

Secção 3 - Poesia

Espanto	49
Albertina Ribeiro	
Jardim	50
Albertina Ribeiro	
Desencanto	50
Maria de Fátima Martins	
Passado, Presente e Futuro	51
Maria de Fátima Martins	
No meu Porto	51
Francisco Príncipe	
A Voz	52
Carlos Silva Santos	
Leva-me	52
Carlos Silva Santos	
Sobrevivente	53
José Nery	

Secção 4 - Varia

Aprofundar a Democracia: “Nem o que está, nem o que estava”	55
Hélder Pacheco	

índice

<i>Casa do Infante</i>	63
Francisco Mesquita Guimarães	
<i>Uma Inesquecível Viagem ao Egipto</i>	71
António Vasconcelos	
<i>Jesus - Esse Homem de Hoje</i>	80
Maria Fernanda Bahía	

EDITORIAL

por José Manuel Tedim

Quando em maio de 2021 esta atual Direção do Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes tomou posse, assumiu o compromisso de, depois do interregno provocado pela pandemia que pairou por todo o Mundo, voltar a editar a Revista Fonte, instrumento fundamental de divulgação da atividade cultural desta Instituição.

Agora que o nosso mandato está a terminar aqui está A Fonte, ainda não em formato papel, mas sim usando as novas tecnologias, acessíveis, cada vez mais, a todos.

Quando, em junho de 2006, foi lançado o primeiro volume, no seu editorial, o Prof. Levi Guerra, seu responsável, considerou que com esta iniciativa pretendia-se que A Fonte fosse um espelho da Vida Cultural que pulula tanto na sequência regular e rigorosa das sessões semanais como durante as visitas culturais, dentro e fora do país.

Mais tarde, em 2016, num formato renovado, os princípios e objetivos mantiveram-se, mantendo-se como o Órgão Institucional de divulgação dos resultados das diferentes Unidades Culturais que funcionam e que fazem parte integrante da Vida do Instituto.

Não pretendemos alterar nada. Uma Revista como a Fonte terá que manter a sua vocação inicial. Estará sempre aberta a todos que com ela queiram colaborar.

Terá que estar sempre ao serviço da comunidade cultural que constitui o Instituto e sempre obedecer aos princípios orientadores que estiveram na sua Origem.

O Instituto D. António Ferreira Gomes nasceu, cresceu e afirmou-se tendo como lema a mensagem do seu patrono, ou seja, fazer da Cultura “fonte de estímulo intelectual”. Nesse sentido, esta Revista estará sempre aberta a todos os trabalhos que contribuam para a dignidade e seriedade da Instituição que a alberga.

Somos uma Instituição que pretende valorizar a pessoa humana na continuidade das suas capacidades, dignas de serem divulgadas. Cumpriremos esse objetivo mantendo- a, agora online, e mais tarde, sabe-se lá, em formato papel, como sempre apareceu à comunidade nas 14 edições anteriores.

A todos os autores agradecemos o contributo que deram e tornaram possível o reaparecer deste importante instrumento cultural que é A Fonte.

SINOPSE

A Fonte - Volume 2024

É com grande prazer que apresentamos o novo volume da revista A Fonte, uma publicação-bandeira do nosso Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, e que se tem consolidado como um espaço de convergência entre diversas expressões artísticas, literárias e culturais. A edição de 2024 reflete a diversidade e a profundidade das vozes que compõem a nossa instituição, abordando temas e géneros que vão desde o relato de experiências artísticas, às narrativas ficcionais, à poesia, até às crónicas de viagem, à crónica literária e ao ensaio histórico.

Beatriz Albuquerque, cuja prática artística se desdobra entre diferentes linguagens, narra, numa primeira secção da nossa revista dedicada à **Pintura**, uma residência artística vivida no ano de 2023, nos EUA, complementada por sete imagens que documentam momentos significativos dessa experiência. Nesse projeto criativo e criador, a autora recorreu aos mais vanguardistas processos artísticos, materializando o seu projeto fisicamente, mas também contemplando a sua projeção no Metaverso, um espaço de realidade virtual que permite realizar obras virtuais em 3D, acessíveis por um utilizador/avatar em qualquer parte do mundo. Este Ensaio Visual prestou homenagem a Ana de Gonta Colaço (1903-1954), uma mulher-artista precursora em Portugal, voz de empoderamento feminino na escultura, num contexto que limitava a ação da mulher aos papéis tradicionais da maternidade e dos afazeres domésticos. Num segundo texto, um ensaio verbo-visual realizado em conjunto com os seus alunos da classe de Pintura do ICAFG, intitulado “Olhar a Liberdade”, Beatriz Albuquerque constrói uma dialética entre a pintura e o poema "Liberdade" de Fernando Pessoa (1888-1935), num tributo à comemoração da Revolução de 25 de Abril. Os alunos foram desafiados a criar uma obra pictórica, tendo como ponto de partida o poema de Fernando Pessoa e a memória do 25 de Abril, desafio de que resultaram composições exibidas neste volume da Revista A Fonte.

A secção **Ficção** destaca-se pela pluralidade de estilos e narrativas. Beatriz Jurado, Teresa Vieira, Eduardo Pereira Cernadas, Francisco Príncipe, Maria de Fátima Martins, José Nery e Fernanda Bahia contribuem com textos que transitam entre diferentes universos temáticos e formas de escrita. Uma carta de uma mãe para uma filha relatando a experiência difícil da entrada num Lar, no texto A Casa, e ainda o relato de um processo de envelhecimento e perda de autonomia no texto Como conheci Álvaro, de Beatriz Jurado, mostram como com estruturas narrativas muito diferentes se pode focar um tema com traços comuns, altamente relevante nos tempos atuais e no universo de interesses da comunidade ICAFG. Teresa Vieira, em Anda desde a manhã uma palavra a perseguir-me, narra um episódio curto da vida de uma personagem feminina, Cecília, que se vê perseguida pela presença do remorso até conseguir enfrentar a causa, reparar o mal e fazer dissipar o sentimento da sua vida. Já em Despedido, a mesma autora retrata a vida de um casal, duas almas simples da aldeia, em que um despedimento gera a oportunidade de, em conjunto, abraçarem uma nova vida, cheia de horizontes promissores. Em Abraço de Natal, Eduardo Pereira Cernadas, partilha uma “pequena estória de um enorme arrependimento”, como resume o próprio autor na

epígrafe da narrativa, e em *Ainda* não se deu a conhecer! dedica um belíssimo texto ao nascimento de uma criança, Maria. Com o conto *A Begónia*, Francisco Príncipe rememora um episódio que mostra, da forma mais crua, a “inutilidade, tenebrosa, da guerra”. E se *E se* e *O “lixo” que não é lixo* são dois contributos de Maria de Fátima Martins. O primeiro confronta a mesma personagem em dois momentos contrastantes, um momento onírico, bem captado na frase do título *E se....*, e um momento de rotina, com o regresso ao trabalho mecânico e repetitivo de uma fábrica; o segundo narra um singelo episódio de solidariedade de alguém que consegue ver o outro para além do que o outro aparenta ser. José Nery, em *...Uma vez em Nova Iorque*, narra um excerto da vida de Ralph, passado em Nova Iorque, nos anos 70, em que mescla elementos de realismo, mistério e sobrenatural, deixando em aberto o que é realidade ou delírio na experiência da personagem.

E, encerrando a primeira parte deste volume de *A Fonte*, Maria Fernanda Bahia escreve sobre uma avó que tenta Nadar contra a corrente, numa família cheia de desencontros na navegação das águas revoltas do dia a dia.

Na secção dedicada à **Poesia**, celebra-se a força evocativa das palavras de Albertina Ribeiro, Francisco Príncipe, Maria de Fátima Martins, Carlos Santos e José Nery. Com abordagens que variam entre o lírico, o contemplativo e o experimental, os textos poéticos aqui reunidos convidam ao deleite estético. Albertina Ribeiro abre a secção com um elogio ao Espanto: “E o espanto mora em nós. Deve morar.” E prossegue com um poema em verso livre, num tom levemente irónico, dedicado ao Jardim, um jardim dos tempos modernos. Maria de Fátima Martins escreve *Desencanto*, o retrato de um (des)encontro amoroso e *Passado, Presente e Futuro*, “Se o passado me chama / há o futuro que me espera / à esquina do presente...”. Com o texto *No meu Porto*, Francisco Príncipe percorre a cidade do Porto em caminhos entrelaçados com a sua própria vida, “És a Cidade que me habita” declara o autor numa homenagem à sua cidade. Carlos Silva Santos propõe um poema com o título *A Voz*, aludindo a um tempo de censura que precedeu a conquista da liberdade. *Ainda*, em *Leva-me*, o autor anseia aproximar-se do mar, onde “o infinito é mais longínquo / e eu como tu sabes, estou a chegar lá.” José Nery encerra a secção **Poesia**, com um retrato autobiográfico no poema *Sobrevivente*: “Sou um naufrago anónimo e singular sobrevivente”.

Na secção **Varia**, concentram-se quatro contributos que colocam em diálogo os temas da memória, da viagem, da história e da narrativa pessoal. Hélder Pacheco contribui com um ensaio histórico que nomeia como *Aprofundar a democracia: Nem o que está, nem o que estava. Nem o que está, nem o que estava*, uma citação da figura histórica que Hélder Pacheco evoca e elogia. Tal como defende o autor: “A consolidação da Democracia faz-se, também, na consagração e no respeito por quantos não hesitaram em sacrificar a comodidade e os interesses pessoais em benefício daquilo que, para eles, representava o bem comum e o progresso da Pátria. Muitos dos que se devotaram à implantação de um sistema político em que a soberania «emana do povo e a sua organização pertence a cidadãos – sujeitos de direitos fundamentais – com órgãos de fiscalização de exercício do poder e dos poderes» (V. Magalhães Godinho), estão hoje completamente esquecidos. Além da ingratidão, somos cultivadores da desmemória. Para combater esse esquecimento recordarei a figura do Dr. José Domingues dos Santos (...).” Maria Fernanda Bahia, escreve, desassombradamente, sobre *e a Jesus - Esse Homem de hoje*: “Tentando despir a cumplicidade do personagem Homem-Deus, converge um ser formidável e diferenciado para aquele que, se habitasse hoje a Terra, era a voz que clamava a esta humanidade desconcertada, sob o olhar impávido das cristas do clima e com inimigos sem rosto.” Francisco Mesquita Guimarães relata uma visita à Casa do Infante, com o objetivo de conservar um registo escrito da exposição, “1820. Revolução Liberal do Porto”, inserida no programa comemorativo dos 200 anos daquela revolução e

que documenta a importância daquele momento histórico para a cidade. A secção Varia encerra com a crónica de viagem de António Vasconcelos, Uma inesquecível viagem ao Egipto, que, como o título indica, relata uma viagem ao Egipto, incluindo um Cruzeiro no Nilo, entre Luxor e Assuão, e uma estadia no Cairo para visitar a Necrópole de Sakkara e as Pirâmides.

Com este volume de A Fonte, reafirmamos o compromisso do Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes com a promoção e divulgação da criatividade, do pensamento crítico e do diálogo cultural. Cada texto aqui presente reflete a riqueza das vozes que se cruzam no nosso espaço, convergindo para um testemunho vibrante das inquietações, memórias e esperanças do nosso tempo. Que este novo volume inspire os nossos leitores a explorar, refletir e contribuir para a continuidade desta Fonte de saberes e vivências que nos une.

Agradecemos a todos os autores e colaboradores que, com generosidade e dedicação, deram vida a este volume.

A comissão editorial

Coordenação: Alexandra Guedes Pinto

Equipa Editorial:

Maria Arminda Bragança

Maria de Fátima Martins

Marília Rocha

Revista A Fonte – Volume 2024



SECÇÃO 1

PINTURA

ARTE EM MOVIMENTO

TRIBUTO A ANA DE GONTA COLAÇO: ENSAIO VISUAL

por *Beatriz Albuquerque (UTAD, CITAR - UCP, CI-ISCE - ISCE Douro)*

Afiliação por extenso: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Centro de Investigação do Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo e Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro.

A discriminação de género tem sido um problema de longa data, mesmo dentro das artes. Apesar dos preconceitos sociais, houve pessoas que lutaram contra essas ideias como a Ana de Gonta Colaço (escultura) e Aurélia de Sousa (pintura). Ambas foram artistas femininas proeminentes em Portugal durante o início do século XX, provenientes de famílias com forte influência artística. Estas mulheres enfrentaram expectativas sociais que limitavam os seus papéis à maternidade e aos afazeres domésticos. Na sua procura de aceitação e reconhecimento pelos seus talentos artísticos, elas aventuraram-se em Paris, onde encontraram um ambiente mais inclusivo. Em Portugal, a escultura era considerada inadequada para mulheres, como destacado em escritos da época. As mulheres eram confinadas a papéis tradicionais, com direitos limitados e inúmeras obrigações. A ditadura de Salazar reforçou ainda mais as disparidades de género. Apesar dos desafios enfrentados

pelas mulheres em Portugal durante esse período, indivíduos como Ana de Gonta Colaço e Aurélia de Sousa abriram caminho para futuras gerações de artistas femininas.

Ana de Gonta Colaço (1903-1954) foi uma dessas vozes de empoderamento na escultura em Portugal no início do século XX, proveniente de Parada de Gonta. Portugal era uma sociedade fechada na qual nos apercebemos deste preconceito da mulher escultora presente no artigo desta mesma altura de Norberto de Araújo (29 Maio de 1924). Ele escreve que a escultura não é uma arte para as mulheres e muito menos para crianças; isto porque na altura a mulher ou era filha ou esposa, estatuto esse mais importante.

Um poema escrito por Ana de Gonta Colaço, ou Aninhas, diz-nos que esta luta da mulher sofrida na altura reduz o papel dela para escrava e dá exemplos múltiplos de violência doméstica, física e psicológica, por exemplo, quando a mulher não tem o jantar pronto a horas, se o filho fizer barulho ou mesmo se o marido estiver com ciúmes, mesmo que seja sem nenhuma razão (in Pérez-Quiroga, 2024), demonstrando a realidade portuguesa na época. A mulher desta altura tem quase nenhuns direitos perante a lei, mas tem muitos deveres. Esta situação mantém-se durante a ditadura Salazarista, na qual o feminismo assume uma forma particular em Portugal, visto que Salazar não entendia os direitos das mulheres (Silva, 1995). A Constituição Política do Estado Novo considerava os homens iguais mas as mulheres diferentes, pela sua natureza diferente e para o bem da família (Silva, 1995). Assim, os papéis tradicionais de género eram inabaláveis. Foi apenas em 1964 que a escolaridade se tornou obrigatória para as raparigas. Antes da Revolução de 25 de Abril, existiam leis que discriminavam fortemente as mulheres. As casadas tinham ainda menos direitos. As mulheres não podiam votar em todas as eleições sem restrições até 1976. Por exemplo, antes da revolução, apenas as mulheres viúvas ou consideradas chefes de família podiam votar em algumas eleições locais como as “Juntas de Freguesia”, se não fossem analfabetas. Enfermeiras de hospitais militares não podiam casar-se e as mulheres casadas precisavam da aprovação dos maridos para saírem do país ou terem um emprego (vários empregos eram vedados às mulheres como os cargos políticos). (Couto, 2005; Melo, 2018; Lamas, 1995; Rebelo 1998; Almeida, 2023; Silva, 1995).

Nesta paisagem dos papéis impostos pela sociedade e pela luta pelos direitos das mulheres, no seu contexto histórico-político-social temos mulheres que lutaram contra esses preconceitos e barreiras, impostas à sua liberdade. Ana de Gonta Colaço é uma dessas artistas, alvo da minha admiração pelo seu contributo, que acredito que é importante divulgar, educando o público num contexto nacional e internacional. O tributo à vida e obra de Ana de Gonta Colaço materializou-se no mundo físico mas também no Metaverso, no mundo virtual em que a máquina fosse como um "amplificador do espírito" como disse o inventor do computador e pioneiro na internet Engelbart, com as suas noções de interface (Engelbart, 1962).

O que é um metaverso? O termo "metaverso" foi cunhado e inicialmente introduzido no livro de ficção científica de Neal Stephenson, *Snow Crash*, publicado em 1992. (Stephenson, 2003). O metaverso é um universo de realidade virtual construído por meio de computação gráfica, permitindo que utilizadores de todo o mundo interajam e comuniquem por meio de óculos e auscultadores. A base do metaverso é um protocolo conhecido como RUA, que conecta diversas áreas virtuais semelhantes ao conceito de superestrada da informação. Os utilizadores entram no metaverso por meio de representações digitais personalizáveis, conhecidas como avatares. Apesar de serem digitais e artificiais, as experiências dentro do metaverso podem ter efeitos tangíveis no corpo físico. Um precursor do metaverso é o ciberespaço VR de William Gibson, conhecido como *Matrix*, no seu romance de ficção científica de 1984, *Neuromancer* (Dionísio et al, 2013).

A interação humana, a comunicação e as transações sociais evoluem por meio da tecnologia. Do ponto de vista dos utilizadores finais, registaram-se três grandes ondas de inovação tecnológica centradas na introdução dos computadores pessoais, da Internet e dos dispositivos móveis, respetivamente. Atualmente, a quarta onda de inovação em computação desdobra-se em torno de tecnologias espaciais e imersivas, como Realidade Virtual (RV) e Realidade Aumentada (RA) (Kamenov, 2021). Este novo paradigma é o Metaverso. A palavra metaverso é uma palavra composta fechada com dois componentes: Meta (prefixo grego que significa pós, depois ou além) e universo. Em outras palavras, o metaverso é um universo pós-realidade, um ambiente multi-

utilizador perpétuo e persistente que funde a realidade física com a virtualidade digital. Metaverso é uma Realidade Estendida ou Realidade Cruzada (RX) é um termo genérico que inclui uma série de tecnologias imersivas; ambientes electrónicos e digitais onde os dados são representados e projetados. RX inclui Realidade Virtual (RV), Realidade Aumentada (RA) e Realidade Mista (RM) (Milgram et al., 1995). Em todas as facetas XR mencionadas acima, os humanos observam e interagem dentro de um ambiente digital total ou parcialmente sintético construído pela tecnologia. VR é um ambiente artificial alternativo, completamente separado e criado digitalmente. Os utilizadores sentem que com RV estão imersos, localizados num mundo diferente e operam de maneira semelhante ao ambiente físico (Slater & Sanchez-Vives, 2016). Com a ajuda de equipamentos multissensoriais especializados, como capacetes de imersão RV, essa experiência é amplificada pelas modalidades de visão, som, toque, movimento e interação natural com objetos virtuais (Pellas et al., 2021; Pellas e outros, 2020).

No campo da RV, o Metaverso foi concebido como a Internet 3D ou Web 3.0 (Kapp & Driscoll, 2010). A sua primeira iteração foi concebida como uma teia de mundos virtuais onde os avatares poderiam viajar perfeitamente entre eles. Esta visão foi concretizada no Hypergrid da Opensim (Dionisio et al., 2013). Diferentes mundos virtuais sociais e autónomos baseados no software de código aberto Open simulator eram – e ainda são – acessíveis por meio da rede Hypergrid, que permite a movimentação de agentes digitais e o seu inventário em diferentes plataformas por meio de hiperlinks. No entanto, o Hypergrid não era e ainda não é compatível com outros mundos virtuais proprietários populares, como o Second Life.

Atualmente, a segunda iteração de implementações do Metaverso está em construção, onde plataformas sociais e imersivas de RV serão compatíveis com videojogos online multi-jogador massivos, mundos de jogos abertos e espaços colaborativos de AR. De acordo com esta visão, os utilizadores podem encontrar-se, socializar e interagir sem restrições de forma incorporada como hologramas 3D ou avatares em espaços físicos ou virtuais. Atualmente, isso é possível com diversas limitações dentro de uma mesma plataforma. Reuniões e interações entre plataformas e tecnologias, onde alguns utilizadores estão em ambientes de VR e outros em ambientes de RA, são a próxima fronteira. Os princípios comuns do metaverso incluem interconexão de software e teletransporte de utilizadores entre mundos. Isto exige a interoperabilidade da personalização do avatar e a portabilidade de acessórios, adereços e inventário com base em padrões comuns. As sete regras do metaverso compõem um manifesto de alto nível, uma proposta de desenvolvimento futuro baseada na experiência previamente acumulada com o desenvolvimento da Internet e da World Wide Web (Parisi, 2021).

O Metaverso é baseado em tecnologias que permitem interações multissensoriais com ambientes virtuais, objetos digitais e pessoas. A fidelidade representacional do sistema RX é possibilitada por telas estereoscópicas que são capazes de transmitir a percepção de profundidade (El Beheiry et al., 2029). Isto é possível com exibições separadas e ligeiramente diferentes para cada olho, que reproduzem a visão em ambientes físicos (El Beheiry et al., 2029). Os monitores RX com alta resolução ativam um amplo campo de visão do utilizador que pode abranger de 90 a 180 graus. Os sistemas XR também oferecem experiências auditivas superiores em comparação aos sistemas 2D. O áudio 3D, espacial ou binaural permite a construção de paisagens sonoras que potencializam decisivamente a imersão em RA e RV (Hong et al., 2017). A distribuição espacial do som permite aos utilizadores orientarem-se e identificarem as direções dos sinais sonoros, um poderoso meio de navegação e atração da atenção do utilizador. No contexto do metaverso, as tecnologias imersivas terão outras aplicações nas áreas de Computação Espacial e Interface Cérebro-Computador (Yuste et al., 2017). A Computação Espacial permite o controle de equipamentos de computação com gestos e fala naturais (Delmerico et al., 2022). As interfaces cérebro-computador permitem a comunicação com dispositivos de computação exclusivamente através da atividade cerebral (Kim et al., 2021) para o controle de um membro sintético ou para capacitar pessoas paralisadas a operar computadores. Além disso, a integração de criptomoedas baseadas em blockchain (por exemplo, bitcoin) e tokens não fungíveis (NFTs) permite a implantação de transações e arquiteturas inovadoras de economia virtual (Hamledari et al., 2021). Numa escala mais ampla, espera-se que as

tecnologias relacionadas com o metaverso se multipliquem, se expandam e sejam ainda mais amplificadas por tecnologias exponenciais, como redes de banda larga sem fios, computação em nuvem, robótica e inteligência artificial, Impressão 3D e arte.

Em Setembro/Outubro de 2023, participei numa residência artística no Metaverso, MUD Versos da LAC, MUD Fundação em Miami que têm um espaço físico para o público aceder ao Metaverso, e o espaço virtual, que tem, entre muitos outros mundos, pavilhão, locais, e ainda dois Salons para realizar obras virtuais em 3D que poderiam ser acedidas por um utilizador/avatar em qualquer parte do mundo. Estes 2 salons no metaverso são a vanguarda do agora, foram baseados nos Salons artísticos franceses de divulgação da arte e importância da vanguarda do séc. 19/20. Foi nestes dois locais virtuais que realizei uma instalação visual/sonora, como um percurso interativo, para ser descoberta a vida e a obra de Aninhas. No espaço virtual 3D, qualquer pessoa que acesse ao metaverso, podia escolher usar óculos de RV ou não, enquanto deambulava ou voava pelo espaço. Perto do nome Ana de Gonta Colaço ou noutros sítios, 25 sons diferentes em 25 locais diferentes eram ativados quando o utilizador/avatar se aproximava deles. Estes sons eram constituídos por perguntas de múltipla escolha sobre a vida/obra de Aninhas, e depois ouvia-se a resposta certa, (perguntas baseadas nos textos de Pérez-Quiroga sobre Aninhas, 2006, 2016, 2024). Excertos do texto de 3 sons:

“Ana de Gonta Colaço é neta de:

Ana de Gonta Colaço is granddaughter of:

-Thomaz Ribeiro

-Beethoven Mozart

-Agustina Bessa Luis

Ana de Gonta Colaço é neta de Thomaz Ribeiro

Ana de Gonta Colaço is granddaughter of Thomaz Ribeiro”

“Como se chamava a escultura realizada por Aninhas aos 17 anos e que foi mostrada na sua primeira exposição em 1923: What was the sculpture’s title, made by Aninhas at age 17, that was shown in Aninhas’s first exhibition in 1923:

-Onda/wave

-Ciúmes/Jealousy

-Encarna/Incarnate

Como se chamava a escultura realizada por Aninhas aos 17 anos e que foi mostrada na sua primeira exposição em 1923 - Onda

What was the sculpture’s title, made by Aninhas at age 17, that was shown in Aninhas’s first exhibition in 1923 - Wave”

“Em 1929 Ana de Gonta Colaço retrato escultórico Pele Vermelha é aceite:

In 1929 Ana de Gonta Colaço’s sculptural portrait “Red Skin” was accepted into the

-Salon d’Automne, Paris, Secção escultura

-Salon Montrouge, Secção escultura.

-Salon da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa.

Em 1929 Ana de Gonta Colaço retrato escultórico Pele Vermelha é aceite no Salon d’Automne, Paris.

In 1929 Ana de Gonta Colaço’s sculptural portrait “Red Skin” was accepted into the Salon d’Automne, Paris.”

Esta instalação visual/sonora com uma vertente educativa, existiu espalhada por todo estes mundos no metaverso, inclusive o mundo de Aninhas, no qual podia ser descoberto através de RV, RA. Por essa altura podia aceder-se virtualmente a este Tributo artístico no Metaverso. O mesmo tributo foi realizado no mundo físico, uma instalação performativa no qual o público podia descobrir o mesmo som do metaverso no mundo real, nas ruas do Porto, tendo coincidido com a semana do

aniversário de Aninhas, a 7 de Nov. Este Tributo materializou-se durante uma semana no mundo físico e no metaverso. Devido à efemeridade, a sua síntese tomou a forma de uma vídeo-arte, num ensaio visual. https://youtu.be/y_lpWllmnus

Em relação à interatividade do público no metaverso com o utilizador/avatar, existe uma imersão visual e auditiva de 360 graus, logo o som e o distanciamento do som em tempo real, com a interação dos utilizadores/avatars traz uma imersão maior neste mundo virtual, que contem vários participantes assim como RV e RA. Isto resultou numa possibilidade de relacionamento com utilizadores/avatars virtuais que estivessem localizados em qualquer parte do mundo, desde que tivessem acesso à internet, dando uma realidade imaterial e material, onde alguns dos aspectos físicos, as leis mundiais podem ser esquecidas, enquanto outras permanecem (Albuquerque, 2008, 2011, 2012, 2024), como acontece no metaverso em que podemos voar ou passar através de sólidos.

Em conclusão, Ana de Gonta Colaço assim como a sua contemporânea Aurélia de Sousa são exemplos de mulheres artistas que enfrentaram os desafios de uma sociedade fechada e sexista em Portugal, no início do século 20. Ambas encontraram em Paris uma aceitação e inclusão que não encontravam no seu país natal, permitindo-lhes explorar plenamente o seu potencial artístico. Através de uma instalação visual/sonora no Metaverso e uma instalação performativa no mundo físico, foi possível homenagear e difundir a obra de Ana de Gonta Colaço, proporcionando uma experiência interativa e educativa para o público. Este tributo à Ana de Gonta Colaço no metaverso foi uma forma de manter viva a sua obra e legado, tornando-a acessível a um público global, proporcionando uma experiência imersiva e interativa. A interatividade no mundo virtual e a imersão proporcionada pelo metaverso possibilitam uma nova forma de relacionamento entre os artistas e os espectadores, abrindo espaço para a criação e a expressão artística com novos horizontes. A fusão entre o mundo real e o virtual resultou num tributo efémero, mas que se perpetua na forma de um ensaio visual. É importante ressaltar a necessidade de preservar a memória e o trabalho de figuras como Aninhas, que desafiaram as normas e contribuíram para a evolução da arte em Portugal. Através de iniciativas como esta, podemos continuar a celebrar e a destacar a importância de mulheres artistas na história da arte.

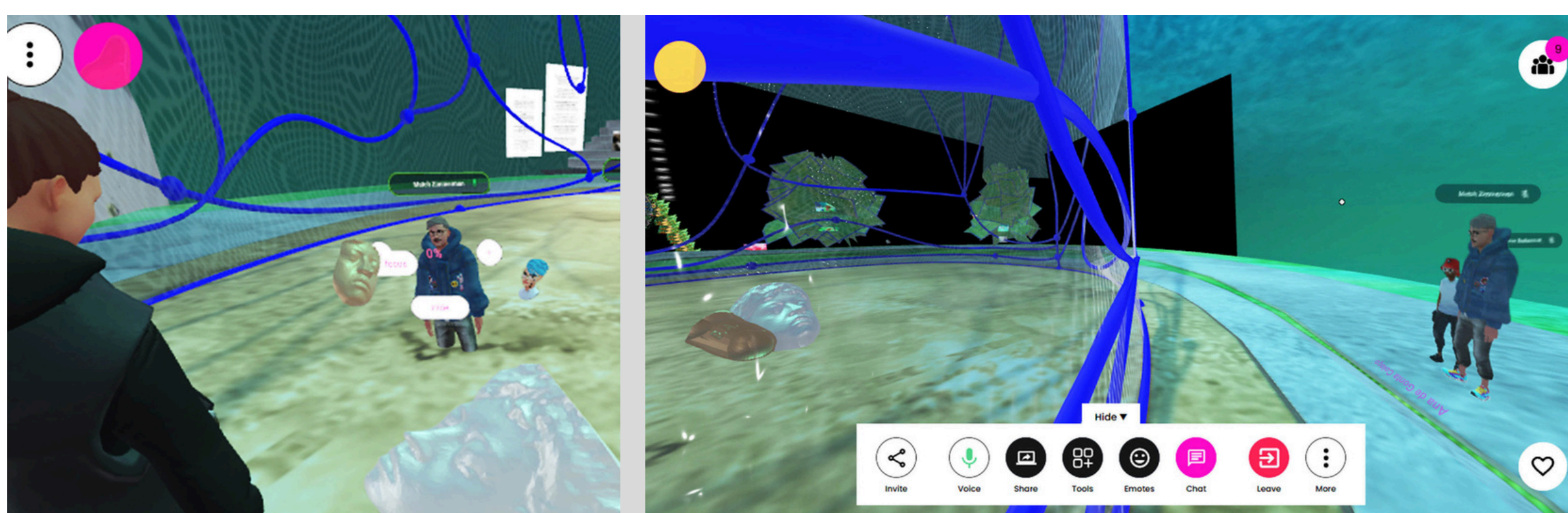


Figura 1 e 2 - Beatriz Albuquerque, 2023, sessão de crítica do trabalho em desenvolvimento no metaverso, Residência Artística: The Critique Club, LAC, MUD Fundação em Miami.

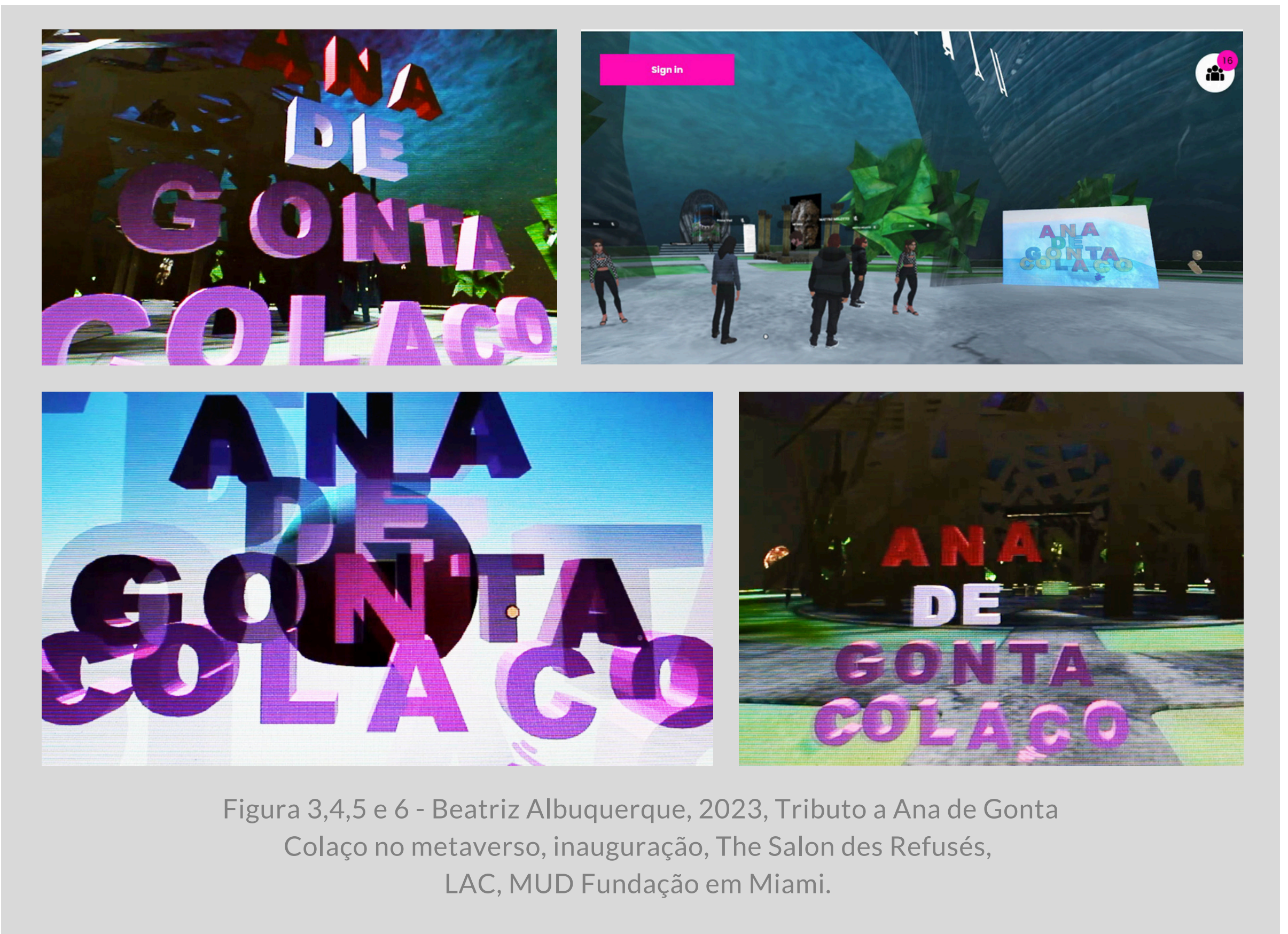


Figura 3,4,5 e 6 - Beatriz Albuquerque, 2023, Tributo a Ana de Gonta Colaço no metaverso, inauguração, The Salon des Refusés, LAC, MUD Fundação em Miami.



Figura 7 - Beatriz Albuquerque, 2023, Tributo a Ana de Gonta Colaço, Instalação performativa, ruas do Porto.

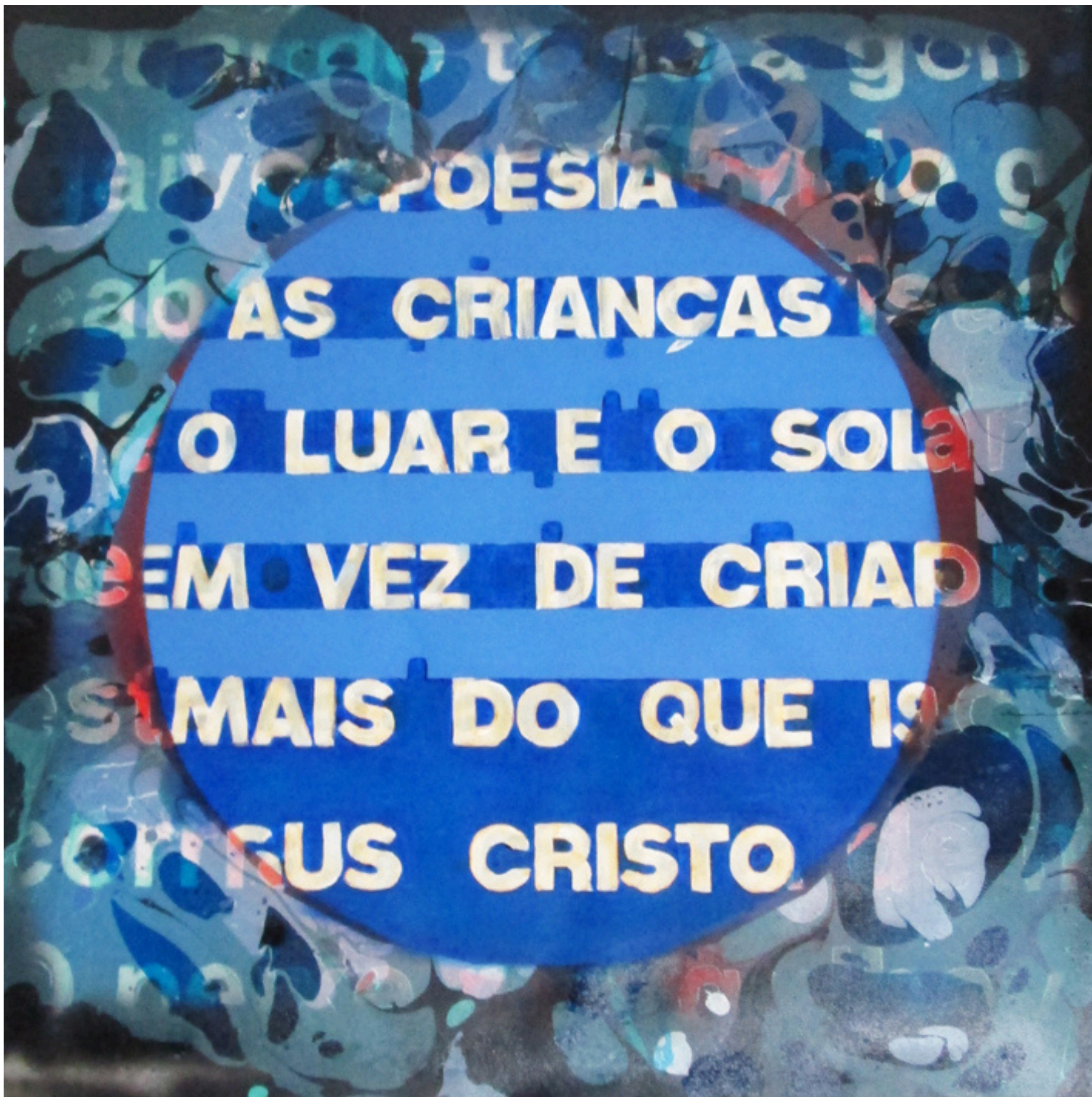
OLHAR A LIBERDADE: ENSAIO VISUAL*por Beatriz Albuquerque*

Olhar a Liberdade é uma dialética entre a memória da pintura e o texto "Liberdade" de Fernando Pessoa (1888-1935), figura incontornável da literatura portuguesa. Nesta época de comemoração da Revolução de 25 de Abril, a professora de pintura Beatriz Albuquerque desafiou os alunos - Alves M., Antónia Santos, Ana Cristina Vasconcelos, Cândida Camossa Amorim, Fátima Almeida Alves, Fernanda Magalhães, M. Teresa Gomes, Mg. Diogo - do Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, para criarem uma obra que vincula a escrita e as paixões da liberdade da revolução portuguesa e as memórias das vidas que revolviam à sua volta, tendo como ponto de partida o poema de Fernando Pessoa.

POEMA**Liberdade**

Ai que prazer
 Não cumprir um dever,
 Ter um livro para ler
 E não o fazer!
 Ler é maçada,
 Estudar é nada.
 O sol doira sem literatura.
 O rio corre, bem ou mal,
 Sem edição original.
 E a brisa, essa,
 De tão naturalmente matinal,
 Como tem tempo não tem pressa.
 Livros são papéis pintados com tinta.
 Estudar é uma coisa em que está indistinta
 A distinção entre nada e coisa nenhuma.
 Quanto é melhor, quanto há bruma,
 Esperar por D. Sebastião,
 Quer venha ou não!
 Grande é a poesia, a bondade e as danças...
 Mas o melhor do mundo são as crianças,
 Flores, música, o luar, e o sol, que peca
 Só quando, em vez de criar, seca.
 O mais do que isto
 É Jesus Cristo,
 Que não sabia nada de finanças
 Nem consta que tivesse biblioteca...

Poesias. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1942 (15a ed. 1995). - 244. 1a publ. in **Seara Nova**, no 526. Coimbra: 11-9-1937.



Pintura de Beatriz Albuquerque



Pintura de Mg. Diogo



Pintura de M. Teresa Gomes



Pintura de Fernanda Magalhães



Pintura de Fátima Almeida Alves



Pintura de Candida Camossa Amorim



Pintura de António Santos



Pintura de Ana Cristina Vasconcelos



Pintura de Alves M.

Referências bibliográficas do artigo Tributo a Ana de Gonta Colaço por Beatriz Albuquerque.

- Albuquerque, Beatriz. *Art+Internet+Performance = Beginning of the 90s*. Editora Impensável, 2008.
- . *Performance+Internet = Comunicação+Audiência*. Ediciones Al Margen, 2011.
- . *Video Games+Glitch = Learning: Video Games Vs. Teachers*. Lambert Academic Publishing, 2012.
- . "Revolution". [e]motion - I Graduate Conference on Science and Technology of the Arts. Universidade Católica Portuguesa, 2024, p. 125-134.
- . "Making Feminist Meaning with Portuguese Art Education during the Dictatorship". Mapping International Art Education Histories Conference. Teachers College, Columbia University, 2023.
- Almeida, R. "Direitos das Mulheres". *Falar Global*, temporada 12, episódio 13. CMTV, 2023.
- Araújo, Norberto de. "Página de Quinta-feira". *Diário de Lisboa*, 29 maio de 1924, p. 3.
- Couto, Anabela. "O retrato da mulher durante o Estado Novo". *JPN-JornalismoPortoNet*, 26 Abril 2005. <https://jpn.up.pt/2005/04/26/o-retrato-da-mulher-durante-o-estado-novo>.
- Delmerico, Jeffrey, Roi Poranne, Federica Bogio, Helen Oleynikova, Eric Vollenweider, Stelian Coros, Juan Nieto e Marc Pollefeys. "Spatial Computing and Intuitive Interaction: Bringing Mixed Reality and Robotics Together". *IEEE Robotics & Automation Magazine* 29:1 (2022), 45-57.
- Dionisio, John David N., William G. Burns III e Richard Gilbert. "3D Virtual Worlds and the Metaverse: Current Status and Future Possibilities". *ACM Computing Surveys* 45:3 (2013), 1-38.
- El Beheiry, Mohammed, Sébastien Doutreligne, Clément Caporal, Cécilia Ostertag, Maxime Dahan e Jean-Baptiste Masson. "Virtual Reality: Beyond Visualization". *Journal of Molecular Biology* 431:7 (2019), 1315-21.
- Engelbart, Douglas C. "Augmenting Human Intellect: A Conceptual Framework". In *The New Media Reader*, eds. Noah Wardrip-Fruin e Nick Monfort, 93-108. MIT Press, 2023.
- Hamledari, Hesam, e Martin Fischer. "Construction Payment Automation Using Blockchain-Enabled Smart Contracts and Robotic Reality Capture Technologies". *Automation in Construction* 132 (2021), 103-926.
- Hong, Joo Young, Jianjun He, Bhan Lam, Rishabh Gupta e Woon Seng Gan. "Spatial Audio for Soundscape Design: Recording and Reproduction". *Applied Sciences* 7:6 (2017), 627.
- Kamenov, Kamen. "Immersive Experience - The 4th Wave in Tech: Learning the Ropes". *MAMEE V. 5*, 2022. Retrieved https://www.linkedin.com/pulse/immersive-experience-4th-wave-tech-ar-market-why-we-should-kamenov?trk=portfolio_article-card_title
- Kapp, Karl M., e Tony O'Driscoll. *Learning in 3D: Adding a New Dimension to Enterprise Learning and Collaboration*. Pfeiffer, 2010.
- Kim, Soram, Seungyun Lee, Hyunsuk Kang, Sion Kim e Minkyu Ahn. "P300 Brain-Computer Interface-Based Drone Control in Virtual and Augmented Reality". *Sensors* 21:17 (2021), 5765.
- Lamas, Maria. *Mulheres para Além do Seu Tempo*. Bertrand, 1995.
- Melo, Helena Pereira de. *Os Direitos das Mulheres no Estado Novo*. Almedina, 2017.
- Milgram, Paul, Haruo Takemura, Akira Utsumi e Fumio Kishino. "Augmented Reality: A Class of Displays on the Reality-Virtuality Continuum". *Proc. SPIE 2351, Telemanipulator and Telepresence Technologies (1994)*, 282-92.
- Parisi, Tony. "The Seven Rules of the Metaverse". *Medium*, 22 outubro 2021. <https://medium.com/meta-verses/the-seven-rules-of-the-metaverse-7d4e06fa864c>
- Pellas, Nikolaos, Stylianos Mystakidis e Ioannis Kazanidis. "Immersive Virtual Reality in K-12 and Higher Education: A Systematic Review of the Last Decade Scientific Literature". *Virtual Reality* 25 (2021), 835-61.
- Pellas, Nikolaos, Andreas Dengel e Athanasios Christopoulos. "A Scoping Review of Immersive Virtual Reality in STEM Education". *IEEE Transactions on Learning Technologies* 13 (2020), 748-61.
- Pérez-Quiroga, Ana. "Ana de Gonta Colaço". In *Artistes et intellectuelles portugaises en France, Itinéraires multiples*, eds. Maria Araújo da Silva e Fernando Curopos, páginas? Editions Hispaniques, Sorbonne Université, 2023.
- . "Ana de Gonta Colaço". *Mulheres Escultoras em Portugal*, coord. Sandra Leandro e Raquel Henriques da Silva, 80-105. *Caleidoscópio*, 2016.
- . *Ana de Gonta Colaço, 1903-1954 - Escultora*. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais - Intermedia, Universidade de Évora, 2006.
- Silva, Luísa Ferreira da. *Entre Marido e Mulher Alguém Meta a Colher*. À Bolina, 1995.
- Slater, Mel, e María V. Sanchez-Vives, M. V. "Enhancing Our Lives with Immersive Virtual Reality". *Frontiers in Robotics and AI* 3 (2016), 74.
- Stephenson, Neal. *Snow Crash: A Novel*. Random House, 2003.
- Yuste, Rafael, Sara Goering, Blaise Argüera y Arcas, Guoqiang Bi, José M. Carmena et al. "Four Ethical Priorities for Neurotechnologies and AI". *Nature* 551 (2017), 159-63.



SECÇÃO 2

FICÇÃO

TRAMAS E SONHOS

COMO CONHECI O ÁLVARO

por Maria Beatriz Jurado

Estava-se em 2017. Saíra a pé e descera em direção ao centro histórico, cingida pelo sol matutino.

Direita, procurava imaginar a linha sobre a qual pousaria os pés, provocando um andar coleante, que inevitavelmente atraía a atenção dos homens. A minha garridice vinha de longe. Enquanto caminhava, lembrava-me a percorrer as ruas húmidas da cidade universitária lavadas pela manhã ainda fresca, ressumando à terra e flores dos canteiros da Avenida. Via-me a subi-la, empoleirada em saltos impossíveis, saltitando de passo para passo, assim entreabrindo as abas do casaco, na amplitude que a saia justa permitia. Livros, cadernos, apontamentos e rascunhos jaziam na secretária de casa, que a hora era de namorar a cidade. A seu tempo, não mais que o bastante, os todos seriam escalpelizados, esquartejados e os sangrentos pedaços de conhecimento expostos em testes extensos das não menos longas tardes dos exames de verão. Por agora, a pasta vazia ajudava ao equilíbrio do andar e ao requebro feminil.

Sorri à recordação. Hoje, a manhã desabrochava, dourando granitos e grades, os cotos das árvores podadas, o musgo de muros antigos. As botas confortáveis permitiam-me a juventude da

passada. Ervas verdoengas despontavam em terrenos delimitados por redes, tábuas ou painéis, aguardando as construções que não viriam. Olhos profundos em faces de cimento, esqueletos cor de cinza expostos sem pudor, projetos inacabados, a que uma ou outra tabuleta dava ainda identidade, esperavam também. Entre eles, caminhava, estranhando a cidade, demasiadamente próxima. Como se me revelava diferente fora da campânula do automóvel!

Procurando estratégias de poupar tempo, bandeirante em becos desconhecidos, descobria o negrume das paredes, o lixo dos cantos das portas cerradas, de tons desmaiados, as montras exibindo papéis amarelados a libertar-se das largas fitas adesivas, as janelas cegas por tijolo ou tábua. A cidade morria no seu âmago e muitos ainda não o teriam notado.

Parcos recursos municipais impediam a recuperação da renda férrea dos antigos jardins, suspensas as sardinheiras álacres e perenes do puzzle de azulejos centenários, da ruína das flores de estuque lavradas em arcos e torreões. Sem perfume a café, longe as flores em cacho ladeando grutas de entradas de prédios, desaparecidas as cestas de frutos frescos paredes meias com ourivesarias de cordões e filigranas ou grandes armazéns insensíveis ao fluir de modas, aquelas ruas da cidade feneciam.

Atentei no silêncio espesso, dominando ruelas, pequenos largos, esconsas escadas que já ninguém subia. O sol ficara por detrás de florões, lucarnas, gárgulas escancaradas. Havia beleza na decadência que se me agarrava aos ossos e me tangia os nervos. Todavia, era a beleza que se quer contemplar do varandim de um miradouro, descobrir em país estrangeiro, não viver quotidianamente.

Parei e atravessei para o passeio fronteiro. Cá estava a casa dos meus avós, não muito diferente das demais, mas de janelas vestidas de cortinas, conservadas portas de madeira espessa e ferragens em tons de ouro velho, ladeadas de gradeamento elaborado protegendo o rés-do-chão. No canto direito, o miradouro, esqueleto despido da frondosa trepadeira de outrora. Adivinhava o banco, saliência de pedra, projetando-se da parede ao correr de três dos lados, onde, sentada de joelhos encolhidos, eu lia e espreitava conhecidas rotinas da rua.

A casa pareceu-me esperar-me acolhedora. Procurei o molho escuro das chaves; uma delas rodopiou sem opor resistência; as portadas evitaram ranger; e penetrei no envoltório do bafo dos anos. Destranquei ferrolhos, puxei linguetas, abri com esforço as portadas: a poalha de luz cercou-me em boas-vindas. Velada, a luz exterior definiu frouxamente algumas cores e volumes. Pálidos vultos aguardavam-me. Puxei pelos panos, tapando a boca e o nariz. O veludo das madeiras atraiu as minhas mãos como em pequena. Afaguei o acetinado de uns, o escorregadio verniz de outros. A meninice, que os agigantava, devolveu-me os cheiros, as sensações, os brilhos antigos dos móveis. Desci então os degraus exteriores da cozinha.

Na espessura do silêncio, trinados de pássaros. Estranhei-lhes o pipilar que faltava nas minhas memórias. O diálogo pipiado prosseguia, pendurado em algumas japoneiras jovens e num grupo alinhado de laranjeiras e limoeiros, ao fundo. As rosas adornavam todo o muro, profusas e variegadas. A nora, que esquecera, apresentou-se-me embelezada com vasos grandes de poderosos fetos. O antigo banco de jardim, gloriosamente verde, aconchegava-se à sombra das primeiras camélias, ainda em tímidos botões.

Sentei-me. Que lugar aprazível! Agora soturno, o banco prometia ensolaradas tardes, ainda que breves: o sol pôr-se-ia em recato para lá da fortaleza do granito da casa. As lajes cinzentas baldeadas e esfregadas à força de vassouras de piaçaba haviam dado lugar a delicado saibro, contido no desenho sinuoso de caminhos estreitos. Os poucos degraus que permitiam a entrada na cozinha estavam agora ladeados pelo balanço de brincos de princesa. Aqui e ali, vasos de tamanhos diversos acolhiam o viço da germinação de pequenas plantas.

Olhei para o que sempre haviam chamado “barracão da lenha”, embora, para além dela, abrigasse tudo o que dependesse da decisão de um destino, ferramentas, roupas repelidas pelos seus portadores habituais e que a avó orientava para diversas instituições de beneficência, grandes brinquedos quebrados e sem préstimo, um ou outro móvel cansado do uso ou substituído por outro mais em moda. Entrei: amplo e limpo, tinha, quase a meio, uma larga bancada: sobre ela jornais velhos, trapos de algodão semi-usados pelos inúmeros e variados pincéis, em leque, planos,

redondos, língua de gato, lavados em godés ostentando cores impossíveis diluídas pelo óleo de linhaça. Espátulas de tamanhos vários ombreavam com rolos de telas. Logo perto, abundavam tubos de tinta, muitos por abrir. A um canto, uma paleta.

Perto do janelo, virado a sul, um cavalete esticando a sua tela, apenas começada. Outras havia encostadas às paredes, algumas de dimensões razoáveis. Quedei-me a olhá-las e constatei serem em grande número. Não saberia avaliar do mérito da pintura figurativa realista que predominava como estilo, mas após alguma contemplação atenta, concluí tratar-se de espaços da cidade: reconhecia uns poucos, de outros lembrava-me ainda; quanto aos demais, existiriam ou teriam também existido, porventura.

Regressada dos meus pensamentos, deixei-me tomar pelo espanto. A quem pertenceria tudo aquilo? Quem mantinha o jardim? A minha avó estava comigo há quase dois anos! De repente, assustei-me: E a casa, teriam entrado? E como? Galguei os degraus apressada. Esquadrinhada de alto a baixo, a casa intocada, ofereceu-me esparsas recordações felizes mas, sobretudo, a esperança dos meus dias da primeira idade. Saí para o jardim. O viço, a certeza de cuidados recentes, apelava a que me redimisse do esquecimento a que votara os cómodos que me haviam embalado. Sem hesitar e já de tesoura na mão, cortei algumas das rosas mais maduras. Da sala veio uma das jarras de cristal. Esperei a limpidez na água, que prometia dias de beleza a iluminar o salão esvaziado de adornos. Tinha de devolver a vida à casa fidelíssima. Ainda de tesoura na mão, retornei ao jardim.

Um homem, alto, algo curvado, cabelo crespo grisalho, roupas descuidadas, cuja qualidade teimava em resistir ao uso, calçando botas cardadas, ignorou-me a chegada, absorvido com os vasos do poço. A seu lado, da mangueira, fluía ainda um débil filamento de água, empoçando a seus pés.

- Bom dia? – cumprimentei. Os olhos dele eram intensamente azuis; de um azul sem defesa.
- Bom dia. – Os olhos deixaram-na para procurarem a porta da cozinha, agora escancarada. – Veio viver aqui?
- Ainda não sei. A casa era dos meus avós...
- Hum... Não os conheci. Vim para ali – e apontou para outra casa muito idêntica do outro lado do muro – há cerca de dois anos. Nunca a tinha visto.
- Esta é a primeira vez que cá venho, desde que a minha avó teve que deixar a casa. Fiquei deveras espantada com o estado do jardim!
- Ah, pois é. A minha casa não tem jardim. Cimentaram tudo e construíram uma garagem para vários carros. – Parecia não sentir necessidade de se alongar em mais explicações. Voltou mesmo a pegar num pequeno utensílio de jardinagem.
- Não há dúvida de que o jardim está lindo! Muito bem tratado! -insisti.
- Gosta?
- Muito. Posso pedir-lhe que continue a tratar dele, mesmo que eu venha viver para cá? – Seria bom clarificarem a situação, pensei.
- Claro, tenho todo o gosto. E pode ajudar-me, se quiser. Não quer tirar o cimento a sul da casa e ajardinar também?
- Talvez... - Hesitei, surpreendida. Mais afoita: “Ajudar-me-ia?”
- Claro! – Riu: “ Já me tinha passado pela cabeça fazê-lo!”
- Sem pedir autorização?! – entoei, acentuando o tom de espanto.
- É. Tem razão. Teria sido demais! – Gargalhou.
- Chamo-me Inês.
- Álvaro. – Eu esperava mais alguma informação, mas Álvaro voltou ao trabalho. Parecia dar por encerradas as suas combinações. Não me conformei:
- É pintor? – Ele pareceu refletir:
- Não sei se poderei dizer que o sou....
- Mas o barracão, ali, está cheio de pinturas...
- Logo sou pintor.
- Tem outra profissão?
- Já não.

- Está reformado!
- Não sei. Não recebo qualquer reforma.

Senti-me levemente agastada. Álvaro era parco nas respostas e, obviamente, ansiava por ficar só. Entretanto, assenhoreara-se do pequeno armazém dos fundos e nem se certificava de que eu não precisaria do espaço. Estranhei não conseguir irritar-me ainda mais. Forcei-me a dizer:

- Por enquanto não vou precisar do barracão. Depois da mudança, não sei. Na sua garagem não há espaço senão para os carros?
- Não tenho carro. Está vazia.
- Portanto, se eu precisar destes arrumos, muda as suas coisas para lá.
- A orientação não é a mesma. É virada a norte.

Pouco menos do que estupefacta, deixei para outra altura a questão. Ainda nem sabia se viria mesmo viver ali.

- Fica cá hoje? – perguntou Álvaro.
- Não, não posso. Tenho de tratar dos contratos da luz, do gás, eu sei lá...
- Quando voltar, venha com tempo: gostaria de pintar o seu retrato.
- Quer que lhe ligue a avisar?
- Pode ser.
- Vou buscar à carteira o meu telemóvel. Ligo-lhe e já fica com o meu número.
- Não tenho telemóvel.
- Então?
- Tenho um telefone. Quer tomar nota?

Sentia-me inexoravelmente atraída por aquele homem de meia idade, no seu encantador desapego. Voltaríamos a falar e descobriria o que agora ele não me permitira saber. Teria sido natural ou deliberadamente vago?

Rabisquei o seu número, que nunca usei.

Muitos anos mais tarde, regresssei à casa dos meus avós e, sujeitando-me a uma talvez mesquinha curiosidade, procurei falar com o vizinho pintor.

Sem campainha ou resposta aos meus chamados, calcorreando o pátio e encontrado um pincel esquecido, persisti. A porta destrancada permitiu-me entrar, sendo certo que, alguns minutos volvidos, me encontrava na penumbra morna do corredor, carregado de um odor indefinível a velhice, solidão, pó, coisas e gente à espera. Escutei. De repente, o estrondo evidente de uma portada que o vento dominava. Subi a escadas e bati. Uns segundos certamente interditos e uma voz roufenha. “Sim? Entre...”.

Na poltrona do canto, um homem algo curvado, cabelo grisalho, em roupão. Não se levantou; perguntei-me se o poderia; os olhos eram ainda invariavelmente azuis. Boa tarde, cumprimentei. Hum..., hesitava. Estendi um pincel, tentando mitigar a minha indiscrição. Caiu lá em baixo, no pátio. Pareceu levar algum tempo a apreender o sentido das palavras. Depois, olhou para os joelhos, abanou a cabeça com desesperança, gargalhando para si mesmo: tantos pincéis perdidos...aquelas cabras apanhavam-nos, mostravam-mos e levavam-nos com elas, tiravam-mos, estupores! Um ar interrogativo, agora para mim: não é uma delas, pois não? Não, murmurei.

Levantou-se com dificuldade e dirigiu-se para um amplo compartimento adjacente todo envidraçado. À semelhança do seu quarto, arrepiantes grades internas muravam-no completamente. Encontrámo-nos no olhar: o dele, a um tempo, divertido e amargo, como se exibisse um aleijão de que se envergonhava. Num canto virado a poente, um cavalete esticando uma tela ainda intocada. Outras havia encostadas às paredes. Ele ficara na entrada, estranhamente alheado. Decidindo encarar o seu silêncio como convite, permiti-me separá-las. Tratava-se ainda de espaços da Cidade:

- Gosta?

- Muito!

Esperava mais alguma informação, mas ele parecia querer voltar ao quarto, dando por encerrada a nossa confraternização; não me conformei: continuou a pintar? Ele pareceu refletir: Sim. Como que reforçando uma evidência: Este quarto está cheio de pinturas.... Sarcástico. Senti-me levemente agastada. Álvaro era parco nas respostas e, obviamente, ansiava por ficar só. Contudo, ouvi-me perguntar enquanto refletia: Gosta de estar aqui? Pela primeira vez, pareceu verificar que estava ali outra pessoa, humana como ele e, mais, interessada em conhecer as suas circunstâncias. Não, não gosto. Foi forçado? Posso dizer que sim. Pode dizer? Ninguém me perguntou. Reentrou no quarto de dormir e sentou-se gemendo no cadeirão. Sem me ressentir da indelicadeza, puxei uma cadeira. Pareceu retomar conhecimento da minha existência, um tanto contrariado todavia. Não gosta de estar aqui...inicie. Pois não, mas esta casa já não me pertence. Não tem casa? Não, aproveitaram-se da depressão e tiraram-me tudo! Ah, a depressão...Sim, sabia que devia opor-me, mas não tinha ânimo, não tinha forças, sabia que só queria despachar-se de mim...um peso morto que não queria vender os seus quadros, que já não fazia dinheiro. Vendeu muitos quadros? Dos anteriores, sim; destes, não, mas também não queria! Porquê? Porque estes são o que me resta dela! Dela? Da Cidade; não viu o que ela perdeu? não viu como está diferente? moribunda como eu; perdeu o brilho...Na sua mente, a cidade de antes da pandemia!

-Mas nos seus quadros não falta o brilho, a alegria, o mistério de certos dos seus recantos!

-Não a pinte a ela – respondeu. Pinto o que ela foi antes; agora aliás, pinto-a de memória...De memória? Aqui preso, não a vejo, não me conforta a sombra das suas velas, não lhe ouço as fontes, os pássaros, nem o vozear das pessoas, os carros... agora pinto-a, mas não posso ser fiel, porque já me esquece...Querida conservá-la, mas consigo- o cada vez menos; acho que agora a invento...

Álvaro calou-se e olhou em frente. Continuei: E as grades? As grades? impedem-me de sair. Já tentou!? Sim, mas falhei: o maldito canteiro serviu de cama. Uma risadinha soluçada e, de novo, o olhar desamparado, pedindo auxílio. Quis fugir voando! – troçou. Foi depois que colocaram as grades! Evidente! De todo o modo, como conseguiram privá-lo da sua morada? Ela pertencera aos meus pais e, com a sua morte, ficou para um dos meus irmãos; combinou-se que eu viveria aqui. Enquanto estive de saúde e os meus quadros se venderam bem e rapidamente, não houve qualquer problema; mas veio a pandemia e fui-me abaixo; não saía, não pintava, só dormia...

Pareceu querer calar-se. Insisti: não foi ao médico? Não; tinha medo de andar na rua; ninguém me visitava e eu não falava com ninguém, nem mesmo com a empregada. E? E veio o dia em que me disseram que havia problemas de dinheiro e iriam vender alguns imóveis. Começaram pelo meu!

Olhou-me em ar de desafio e senti-me desconfortável. Era evidente que não gostava de falar de si, que não confiava em mim, que gostaria que o deixasse a lamber as próprias feridas. Irresistivelmente, perguntei: Porque não acaba os seus quadros? Porque os acabados desaparecem para ser vendidos e devem sê-lo por bom preço... o certo é que a empregada me disse que os meus irmãos foram para o estrangeiro após a venda do património, e que nada se sabe deles...

O silêncio tombou sobre nós e com ele impôs-se a evidência de que Álvaro queria ficar sozinho. Sem saber porquê, continuei ainda: Gostaria de passear? ou prefere ficar por aqui e pintar? Não sei; acho que gostaria de apanhar sol...Posso vir buscá-lo um dia destes? Pode, mas tem que me avisar para não tomar os comprimidos; eles fazem-me dormir...

A CASA

por Maria Beatriz Jurado

I

A traça da casa, antiquada, não resultava subvertida por evidentes remodelações, criando novos e diferentes espaços, cuja leveza era assegurada por paredes totalmente envidraças. A estas, no piso térreo, a luz vespertina do verão emprestava um brilho iridescente, que ao incauto quase ocultava a férrea dureza de grades elegantemente ligadas em bordado de vanguarda. Rodeava-a um amplo jardim. A ser-nos permitido o olhar agudo de ave ociosa no vento aquietado da tarde, impressionaria a sua largueza, os buchos harmoniosos, coloridos roseirais, fina gravilha dourada nos acessos à imponente porta central provavelmente restaurada a partir da originária.

Tornava-se necessário atardar o passo, atentando no rumorejar estilhaçado do caminho, impondo-se- nos o silêncio apenas quebrado pelos pássaros e pelo restolho das poucas e sumptuosas árvores, que os entusiasmos reformistas haviam contudo poupado. Um pouco mais longe e à direita, um pomar, aqui e ali encastado de laranjas tardias.

Mais próximos, antecipávamos a frescura de uma entrada ampla e penumbrosa, em que urgiria baixar a voz impedindo o eco inevitável. Este o pensamento de Alice imóvel, ladeada por malas e sacos de diferentes tamanhos, que pressurosamente o condutor se oferecera para carregar até à entrada, o que ela recusara: uma última, insólita, enternecedora de tão patética, tentativa de diferir o momento de concretizar o que decidira. Afagou a própria face, solidária consigo própria.

Seguia agora, distraída, o afastar do táxi. Abanou a cabeça e estendeu uma mão para a mala mais pequena. Havia que consumir a decisão recente, que continuava a não considerar precipitada.

E Alice recordou...

A mágoa, a angústia imensa, afirmando-se material e continuamente, sujeitara-a a jazer na cama, confundindo dias e noites, indiferente ao frigorífico vazio e ao nidificado dos lençóis engelhados. No peito acolhia a dor física funda borbulhando na garganta, lava que se lhe coalhava nos pulmões, sufocando-a insidiosa.

Certa manhã, porém, a revolta acordara. Rejeitara a mornidão densa e adocicada do quarto e sentira fome. Era uma fome genuína, teimosa, pontilhando-lhe o pensamento de imagens de torradas sorvendo manteiga macia e do adejar do perfume a café das manhãs de sempre no apartamento. Descalça, dirigiu-se à cozinha, feliz por saborear o deslavado café solúvel e as bolachas de água e sal, que não estalavam e cheiravam a bafio. Em camisa de dormir suada e agora com nódoas de café, procurou o “Caderno da Memória”, em que cuidadosamente anotava, de forma aleatória e ignorando qualquer critério de ordenação, tudo o que sabia ir esquecer. Demorou na busca, persistindo já em desespero até encontrar um nome determinado e a imprescindível anotação rabiscada à pressa com a mão esquerda, a outra segurando o telemóvel sobreaquecido, tal a duração da conversa, pontuada por intermináveis queixas e lamentos da amiga. Valera a pena. Tinha o nome da Casa. Seguiram-se longas manhãs e tardes de leitura, estirada no sofá da sala. Devorara os encomendados e logo chegados livros, saltando de Harper para Cacioppo & Patrick e atrevendo-se mesmo a folhear Thang & Hamid. Assim se endurecia a resolução radical, enquanto se lhe acrescentavam as vantagens e benefícios...

Ninguém a visitara entretanto. Colérica, não permitira à agência qualquer divulgação, fosse qual fosse o suporte. Era a sua dor, a sua perda. Não aceitaria que lhe sussurrassem que a compreendiam, a lamentavam, estavam ali para ela. A boa-vontade, o hábito e os costumes não eliminavam a impossibilidade de empatia. Claro que não compreendiam; a perda era só sua e não deles! Seria interessante aceitar a disponibilidade manifestada. Imaginou-se a pedir conselho: “Se estivesses no meu lugar, farias isto? Então, aquilo? Que achas?” E a resposta inexorável e humilhante: “Mas não sei, realmente... Não posso, nem devo decidir por ti... É demasiada responsabilidade, tu compreendes certamente...” Estas, as frases a que os demais recorreriam, sentindo-se justificados face à óbvia “liberdade do outro” - no caso, ela própria - ao seu inalienável direito de se determinar, de decidir o seu futuro. Diferentemente, talvez uma mãe, doendo-lhe

como ao filho, dissesse, num primeiro impulso: “Tu vais fazer isto e eu vou ajudar-te!”. E ele olhá-la mais tranquilo, o coração já não descompassado e, perante o verdadeiro amor e a sua assumida dependência, queria abraçá-la. De todo o modo, dez anos mais tarde, quinze, vinte..., diversamente, já se oporia com veemente segurança à intromissão, acrescentando: “Deixe, mãe...Não se preocupe, eu resolvo!”

Esta, a convicção que a forçara ao exercício de se apresentar sozinha, sofrer sem o demonstrar, dominar a voz e o gesto e, no fim, absurdamente, sentir um estranho triunfo sobre a inevitabilidade do que, desta vez, lhe acontecera a ela. Era diferente e demonstrara-o! A mais estúpida e vã satisfação invadia-a, apesar dela própria...

Persistindo calados os trinados do telemóvel, atirado para um qualquer esconderijo a fim de não o ouvir se alguém ligasse, tornou-se-lhe depois difícil encontrá-lo, quando deu início à procura de referências e informações complementares. Conhecia a região e, de passagem, a Casa. Restringiu, pois, ao mínimo a conversa telefónica, assegurando desde logo a preferência e a disponibilidade para sinalizar. Quanto à joia, era elevadíssima. Precisava de dinheiro. Olhou em volta. Quanto lhe renderia o apartamento?... Teria que diligenciar e diligências era o que menos desejava, aliás tal como sair, pegar no carro (aí estava: podia vendê-lo também!), vestir-se, lavar-se, sair daquele sofá... Procurou o número do advogado; o dinheiro ainda permitiria pagar-lhe.

De súbito, o apartamento encheu-se-lhe de memórias: eram as pseudo-amigas, manifestando indiscriminado apreço por tudo; as refeições com “convidados por dever”, em troca esforçada e com evidente exagero de elogios mútuos, sustentando a amenidade da conversa e partilhando vivências descoloridas e convencionais; as vizinhas curiosas, de iguaria caseira nas mãos, em procura, mais do que oferta, de informação, lançando rápidos e disfarçados olhares para as entradas das zonas mais íntimas da casa... E era tudo. Não houvera mais nada naquele apartamento. Nem um gato. Contudo, recordava agora como, durante todos aqueles anos, se havia imposto uma forjada alegria e à vontade sempre que transpunha a soleira da porta e “chamava” o elevador: a Alice para os outros.

Lentamente, percorria, com o olhar, os livreiros e estantes. Que fazer? Quais seleccionar? Quantos volumes lhe permitiriam? Não perguntara...E quanto aos vestidos?... Não chorou. Depois de adulta, chorara muito poucas vezes: orgulho? vergonha? Auto-preservação? Quando a adversidade se erguia em toda a sua magnitude como um grande urso pardo equilibrado nas patas traseiras, bocarra escancarada, dentes imensos e agudíssimos, ela, qual animal acuado, retirava-se para dentro de si, reconhecia-se enquanto identidade, reforçava as muralhas antecipando o embate e guarnecia as ameias: olhos secos e alerta, baços em defesa, repeliam o assomar da emoção, enquanto se reorganizava para o enfrentamento. Com os anos, deixara de poder chorar.

Achava que talvez isso lhe tivesse aumentado a solidão essencial, aquela que nos acompanha calcorreando o nosso caminho, sentando-se ao nosso lado, dormindo e acordando connosco. Aquela que permanece e nós no meio da gente; se faz lembrar, enquanto escutamos os outros, nunca verdadeiramente interessados, nem atentos, seguindo um roteiro paralelo e só nosso, não por vontade, mas por destino...talvez por arrogância? A nossa solidão companheira desdobra-nos. Somos duas entidades: a que age, reage, fala, ri e sorri, desenha e redesenha gestos, expressa emoções, que depois se interroga sobre se realmente as experimentou, se foram espontâneas ou deliberadas... E a outra, a que observa a primeira, a avalia e controla, lhe planeia a ação e, afinal, talvez a crie em cada instante... Mistificação? Realidade? Era de todo o modo apenas a segunda a que conformava a Alice que os outros conheciam.

Ora, era ponto assente que essa Alice se rebelaria, não aceitaria as circunstâncias e provocaria a reunião de outras, as quais, se não mais prazenteiras, teriam o mérito de terem sido por si determinadas. Urgia por consequência envergar a armadura à medida do seu amor-próprio e da sua sacrossanta autodeterminação. A medo, era supersticiosa, encarava-se como alguém sem religião. Note-se, “sem religião”, não “sem Deus” (com letra maiúscula). De vez em quando, sentia o gosto amargo de classificar essa sua posição como cobarde, contudo as mais das vezes repelia tal dedução natural, preferindo atribuir-se a etiqueta da “honestidade-quase coragem”. Se aquele fosse um dos momentos em que se debatia com tal questão, haveria agora lugar a um impaciente abanar de cabeça, prosseguindo no arquitetar do edifício da percepção da sua personalidade, assente o mais

possível em pilares virtuosos.

Fora por conseguinte alienado o apartamento; guardados em armazém os haveres pessoalmente mais significativos; e cedidos sem ponderação os sobrantes, num desprendimento não de uma heroína do Elísio mas de indiferença deliberada e autoprotetora.

II

Minha Filha muito querida,

Hoje, um dia qualquer, de um ano que não me importa, num lugar de que vou esquecer o nome, é o dia um de alguma coisa, que confesso não saber bem o que é.

Sabes que não perdi a lucidez e digo-te que também conservo a vontade de lutar, ainda que a causa se me apresente um tanto indefinida por enquanto. Cuidarei de a materializar com o tempo, algo que me não falta, porque aqui o tempo parou. Tenho um relógio é certo, o das rotinas. O telemóvel, deixei-o na mala a perder a bateria até a vitalidade o abandonar de vez. Este gesto afigurou-se-me importante: em barco tosco cortam-se as amarras e as águas tomam conta dele, num abraço azul e frio, inexorável.

A ti querida vejo-te hoje nas areias lisas e porosas, pezinhos ainda muito brancos, corpo de junco e finas madeixas dispersas em cordame louro, a experimentar a espuma que resvala já numa censura ao teu medo inicial. Olhas para mim, eu incito-te e o teu primo atrás empurra-te, enquanto soltas um grito trinado. És a mancha turquesa do teu fato de banho, na manhã luminosa que me dificulta segurar-te com o olhar, permanente a angústia de te perder. A mãozinha panada de areia está agora protegida pela minha, os nossos dedos entrelaçados da forma que só nós sabemos.

Aqui não cheira a mar e, de tudo o que me falta, é o que mais me dói. A vista, disseram-me, da janela alta, desmesurada, cujo parapeito me roça o rosto, dará para um relvado com um pomar no limite. Impensadamente empoleirada, vislumbro-o delimitado por sebe florida, humildes flores brancas e cor-de-rosa mal desabrochando para logo fenecerem e darem lugar a outras, também elas de vida breve. Espero que tal não represente um pérfido simbolismo, um augúrio disfarçado a que toda a Casa se parece associar...Agora sorrir-te-ias comigo, no teu modo comedido embalado pela minha gargalhada fácil...

Estou só, neste quarto, ainda que de duas camas. Pago um pouco mais por isso e a regalia pode ser efémera, porque em caso de a lotação o justificar...Não quero pensar nisso, particularmente em perder o minha mesa-toucador transformada em secretária inutilmente virada para a janela, melhor, para a parede respetiva de onde finjo poder olhar mais do que para o céu distante. Pedi flores para vizinhas do computador, mas só me sorriram. Já aprendi que tal corresponde a um “não”. Encontrarei forças para as inventar, às flores, e serão diferentes em cada manhã, se assim quiser. Hoje são rosas brancas mal desabrochadas, esverdeadas as pétalas no bordo e junto ao pedúnculo. O aroma é ainda jovem e não as mudarei amanhã, que ainda mal se ofereceram à vida e quero vê-las túrgidas e maduras, esplendorosas e femininas, perfumando ousadamente o quarto.

Ainda só comi bolachas, do que já me arrependo. Não tive coragem de entrar na grande sala de refeições e de me ver no espelho dos outros. Tenho porém de o fazer, pois não sei quantos copos de água já bebi para enganar a fome. Todavia ainda não perdi a esperança de ter tocado o coração da empregadamenina que veio fazer a cama e a quem pedi um chá para a minha azia.

*

E não é que mo trouxe com um pacotinho das inevitáveis bolachas maria, que me souberam aos biscoitos mais requintados! Com tão pouco me sinto feliz!

O sol fugiu e não retornará. Estará na sala, onde estão os outros, toda a tarde impiedosamente, do outro lado das muralhas de vidro, que alguém virá esconder puxando reposteiros e lançando todos na mais soturna penumbra até a noite cair. Não, vou ficar aqui. Irei para cima da cama; enrolarei os pés na manta

de lã, escudo contra a permanente frialdade; e recuperarei o livro que ontem comecei e do qual li metade durante uma noite insone.

*

Vim de lá, da sala. Levei meia hora a arranjar-me, entre maquilhagem e escolha de algo de elegante, mas discreto, que usaria com displicência para sublinhar a habitualidade do trajar. Avancei admitindo ser apreciada e sentei-me numa mesa pequena junto dos vidros que me separavam de um jardim de bom gosto, para o qual ainda não descortinara a entrada. Acomodei as pernas e endireitei as costas. Olhei então em volta: Com reserva, melhor, com vergonha, recolhi apressada o olhar. Cabeças ralas, grisalhas, oleosas e despenteadas, a poucos centímetros do prato da sopa ou da papa obstinavam-se em tentar sorver o conteúdo, esquecendo os despojos no queixo ou na camisola. Algumas eram ajudadas com a indiferença de quem repete gestos que já nada significam: cimento em betoneira semiaberta. Sobressaltei-me com o “vai desejar sopa?” da esquálida senhora de travessas a agarrar o cabelo raro e panela de inox abraçada contra o magro peito. “Sim”, respondi com esforço, lembrando-me mais tarde do “por favor”, emitido em simultâneo com o seu “uma ou duas conchas?”.

- A Senhora enganou-se no turno. O primeiro é o dos nossos hóspedes menos autónomos. Meia hora depois, começa o segundo. “Eu sou do segundo?”, perguntei completamente aturdida. “Está bem de ver!” O tom era de censura e de agastamento, ainda que cortês. “Devo sair?” “Fique já agora... Pus duas conchas.”

Saí, pouco depois, sem me importar com o óbvio espanto da portadora da travessa que não obstante não me fez qualquer pergunta. Estava, agora, no imenso átrio de entrada, donde partia uma imponente escada central, subdividindo-se lá no alto em dois braços equidistantes que acederiam ao piso superior. Do teto, pendia um lustre ajoujado de grandes e retorcidas flores de cristal. Devia ser muito belo quando aceso mas nem de noite o fora, substituído por quatro murchas luzes de dois candeeiros pregados a meio das despidas paredes brancas. Neste momento, toda a iluminação vinha dos vidros sujos do cimo da porta. Não poderia dizer se o dia estava ou não risonho. Detive-me nas portadas cerradas, que se abririam sobre o alto balcão decorado por estilizados azulejos azuis, na continuidade dos que recobriam todo o vestíbulo num lambrim da altura de um homem. Se não estivessem no seu horário de almoço, por detrás do balcão divisar-se-ia provavelmente as mesmas duas funcionárias, cujas cabeças lobrigara no primeiro dia: Inclínadas sobre papéis, as secretárias ostentavam vetustos e enganadoramente possantes computadores que por vezes elas fixavam, sérias e distantes, imersas sem dúvida num mundo inacessível para os que, dedos no balcão e em bicos de pés, procuravam atrair-lhes a atenção. Após tentar dominar o ferrolho da porta de saída, que não cedeu, encaminhei-me hesitante para o recanto de uma janela, também ela fechada e encostei-me ao que poderia ser um banquinho de pedra, se eu fosse um gigante daqueles que povoavam as histórias que te contava a ti quando menina...

O chão de longas tábuas de madeira escura sofrera muito provavelmente a intervenção de técnicas modernas, pois brilhava sorumbaticamente no espaço despido de mobiliário, se o não considerarmos um vaso de latão já esverdeado, destinado talvez a guarda-chuvas encharcados e friorentos. Para lá da escada e sob ela, na obscuridade do corredor, enfileiravam-se pessoas que não quis olhar e que constituiriam por certo o segundo turno, aquele que deveria ter sido o meu. Admiti aproximar-me, até cumprimentar alguém que me abrisse um sorriso ou dirigisse um olhar convidativo, mas logo cataloguei de insólito o comportamento, receando a conseqüente vergonha. E se estas pessoas fossem como as outras ou mesmo um pouco melhor, mas não muito?

Lentamente, rastejando, a serpente de gente parda dirigia-se para a sala de jantar. Aqui e ali, destacava-se uma cadeira de rodas, empurrada aos arrancos por uma bata azul. Talvez ninguém me visse naquele canto escuro! Aliás, ninguém estendia o olhar ou perscrutava à volta: dorso inclinado em permanência, olhos no chão, silêncio pesado, uma ou outra catarrenta tosse insalivada... Um dia, alinhada com eles, arrastar-me-ia (sendo otimista!) rumo à sala de jantar para, mãos trementes, sorver a sopa. Tapei a boca com a mão, como se fosse gritar.

Ar enfartado, lábios túrgidos, faces rosadas atestando a refeição recente e copiosa, as funcionárias aproximavam-se lenta e deliberadamente, empunhando as chaves do cadeado das portadas. Com a energia doseada pelo hábito, abriram-nas e entraram sem me olhar, afastando-se rapidamente para o fundo do compartimento, assim se eximindo à vista de quem por elas esperasse.

Alice, enraivecida, forçara histericamente o manípulo, que não cedeu. Num frenesim inadequado, continuou a puxar e empurrar sem progressos. Estariam todos a olhar para ela, afligiu-se. A serpente desenroscar-se-ia e umas quantas escamas escuras avançariam desacertadas para a espreitarem. Ora, ela não queria que se aproximassem, muito menos que a questionassem ou tocassem... Ela era distinta...ainda o era... Desesperada, não se apercebeu de que a enfermeira vinda do gabinete justamente lhe tocava no ombro. “Quero sair!”, lamuriou. E a outra, balançando a chave desproporcionada como o cadeado : “Claro, eu abro. O portão está fechado. Quer que vá buscar as chaves?” Que não, respondeu sem saber porquê, tropeçando no degrau ao sair.

Estava coberta de suor e cheia de sede. Tremia. Que estupidez. Teria a fila reparado? Não queria causar uma impressão inicial desfavorável. Quisesse ou não, teria que estar algumas vezes com ela, essa fila, a dos autónomos. Perguntou-se até onde chegaria o conceito de autonomia daquela nova comunidade de que pensara poder ficar alheada.

III

No dia seguinte, ainda envergando a camisa de dormir, curvada sobre a mesa e afligida de derrota, Alice escrevia à filha desaparecida:

Eram horas de noite; uma noite de estrelas miudinhas, fracas de luz, impotentes perante o véu de bruma. Tinha aberto a parte de cima da janela, alcançando-a com a ajuda de uma cadeira, e deitara-me em cima das cobertas, respirando em haustos compassados a frescura tímida certamente porque desabituada da frequência daquele lugar. Intoleravelmente desperta não obstante a hora provável, peguei no livro sem o abrir. Pouco tempo passado, nós de dedos percutiram a porta com suavidade. Duvidei e permaneci quieta, mas eles insistiram. Friorenta na camisa fina, não abri a porta ao “Senhora, já é muito tarde, tem que descansar, precisa de alguma coisa?” Imóvel, escutei os passos que se afastavam. De novo estirada, ergui-me de sopetão e empurrei o tapete para a frincha inferior da porta bem acima do soalho, que me denunciara. Menina de colégio interno, li por debaixo dos lençóis até ao amanhecer...

ANDA DESDE A MANHÃ UMA PALAVRA A PERSEGUIR-ME*por Teresa Vieira*

Cecília saltou da cama e espreguiçou-se longamente. Que prazer! Ah, como gostava desta aurora serena, rodeada de silêncio.

Contudo, naquela manhã percebeu-se um pouco mais densa, mais cheia. Não se incomodou muito com isso. Entrou na casa de banho e quando olhou para o espelho viu-o, insolente, empoleirado no seu ombro:

- Sai daí, intruso- gritou-lhe.

Mas ele permaneceu ali, imperturbável.

Após um banho revigorante, vestiu-se e deliciou-se com a refeição que mais gostava do dia, o pequeno-almoço. No entanto, sentia o seu peso ora num ombro, ora no outro. O maldito não a abandonara.

Preparava-se para mais um dia de trabalho. Quando entrou no carro, ele saltou para o lugar do passageiro.

- Vai-te embora, porra! - exasperou-se Cecília

- Sabes que não posso simplesmente desaparecer. Tenho obrigações contigo- replicou-lhe calmamente.

- Mas tens de ir. Vou trabalhar e tenho muitas tarefas para acabar. Tu só me estorvas- retorquiu- lhe Cecília

- Tu é que me convocaste. Agora só saio quando me desconvocares.

- E que tenho de fazer para te desconvocar?

- Sabes perfeitamente o que é preciso fazer.

- Não sejas chato. Isso passa-lhe.

- Mas não te passa a ti! Precisas de me desconvocar.

- Vou pensar no teu caso. Agora vai-te embora.

- Sabes que para me desconvocares, não é suficiente mandares-me embora.

- Quer dizer que vou ter de carregar contigo todo o dia?

- Claro. Enquanto lá não fores, não me podes desconvocar.

Cecília mergulhou no trabalho com ânsia de se afastar da indesejada companhia.

Quando chegou a casa, viu-o no seu ombro, no espelho da entrada. Como permanecera calado enquanto ela trabalhava, pensou que se tinha ido embora. Mas qual quê! Lá estava ele! Arrumou a casa, jantou e viu um debate na televisão.

- Esta gente tem uma lata! Prometem tudo e mais alguma coisa, e quando se apanham no poleiro, não fazem nada do que prometeram- resmungou, buscando distração do persistente espectro que a acompanhava.

Desde manhã que não a largava.

Decidiu-se por fim. Entrou no carro, enfrentando 54 quilómetros de estrada, desafiando o vento e a chuva até chegar a casa dos pais.

Entrou e sentiu um cheiro maravilhoso a comida acabada de fazer. Que pena já ter jantado. A comida da mãe tinha um aroma que nunca havia conseguido replicar, o aroma do amor.

- Mãe, perdoa-me as palavras duras de ontem. Estava mal-humorada, zangada até, mas não tinha o direito de proferir o que disse. Amo-te profundamente e sinto a tua falta todos os dias. A mãe acolheu-a com os braços abertos, beijou-a longamente nas faces:

- Está tudo bem, filha. Uma das características das mães é perdoarem os filhos. Vais ver quando fores mãe também. Eu sei que não querias dizer o que disseste, já esqueci.

Ficou-se a conversar uma hora ou pouco mais, disfrutando da companhia dos pais. Entrou novamente no carro para fazer os 54 quilómetros de regresso. Ele já lá não estava. Nem no seu ombro, nem na sua alma.

O remorso, aquela palavra que desde a manhã a andava a perseguir, tal qual um fardo indesejado, dissipara-se.

DESPEDIDO*por Teresa Vieira*

David, nos dez minutos que levou a calcorrear o caminho da fábrica para casa, um pensamento apenas lhe ocupava a cabeça:

- Porra, e agora? Como vou dizer à minha Adélia?

Entrou o mais silenciosamente que conseguiu. Arrependeu-se logo de nunca ter feito o que a mulher lhe pedia amiúde:

- Ó home, arranja-me essa porta, carago, que guincha como uma mulher a parir, c'os diabos!!

Tá visto que a porta guinchou! Mais visto ainda qu'a mulher deu logo pela sua chegada.

- Ó Dabide, tu hoje desapegaste mais cedo?

- Bem, num foi bem isso...Assenta-te aí nesse mocho, mulher, qu'eu bou-te contar: o patrom, raiqueoparta, mandou-me imbora, bê lá tu!

- Imbora, imbora como?

- Despediu-me, porra. Num quer qu'eu trabalhe mais pr'a ele.

Adélia ficou calada. Calada que fazia aflição. Não olhava para o marido, não mexia um dedo sequer!

Passados uns bons cinco minutos na cogitação, levantou-se e proclamou, como quem proclama a república:

- Anda, vamos fazer as malas. Já cándava a magicar esta ideia vai pr'a munto tempo, mas num tinha corage de ta dezer. Bamos pr'a beira da nossa filha no alintejo. Lá cuidemos das obelhas qu'ela e mais o home dela tenhem e cuidemos também dos nossos netinhos.

E continuou com o mesmo tom de proclamação:

- Que grande alegria vós me destes, tu e o belhaco do teu patrom.

Mudaram-se de armas e bagagens. Acertaram contas com o senhorio, o merceeiro, o padeiro. Não eram gente de pregar calotes. Na mercearia aproveitaram e telefonaram à filha a dar-lhe a novidade. Foi o genro que atendeu:

- Atão na é que venhem mesmo!!! A Marianita vai ficar contente, ai isso vai! Mas acrescentou preocupado:

- Mas vejam lá compadres que a casa é piquena. Só tem dois cómodos. Onde é que vocemesses irão dormir?

- Num t'amofines, home de deus! Nós cá nos habemos d'arranjar, se deus nosso senhor quiser!

Adélia já havia pensado nisso. Sabia que a casa da filha era um quinteiro, mas solução já a tinha na cabeça.

Cachimónia de mulher tudo resolve.

- Ós princípios, bamos dormir tal qual o menino, Nosso Senhor Jesus Cristo, que dormiu no palheiro aq'ando a Nossa Senhora no botou no mundo. Não foi menos Deus à conta de dormir nas palhinhas, isso não. E eu e o meu home num semos mais duqu'ele. Ós pois veremos! – Planeava Adélia com os seus botões.

Empurraram as trouxas para dentro da mala do autocarro como puderam, não sem resistência do condutor:

- Mas qué isto? Ó senhora, assim fico quase sem espaço pr'as bagages dos outros passageiros!

- Ó senhore, atão num vê que num nas pudemos levar às costas? Cábemos de fazere, valha-nos nosso senhor Jesus Cristo?

O condutor ainda rezingou, mas acabou por empurrar as trouxas para o fundo da mala, libertando espaço para as bagagens dos outros passageiros.

Perto de Coimbra, David sentiu fome e resmungou:

- Caaarago, tenho fome. Num trouxeste ao menos uma côdea e uns torresmos?

- Pois tá claro que trouxe. Pensas prá i que sou uma desmiolada?

Adélia desatou os nós do que fora uma grande rodilha que costumava levar na cabeça para amparar as gigas das vindimas. Um cheiro cobiçoso desprendeuse do feio, mas limpo trapo. Lá dentro

estavam duas panelinhas de alumínio, cheias até às bordinhas de arroz de frango.

- Olha matei um pito e astufei-o com um rozinho. Cheira prá lá de bem, dize lá?

Atiraram-se ao arroz de frango com garfos que Adélia tinha trazido para cada um. Mas depressa se viram rodeados de pequeninas caras, de olhos bem abertos, ora a olhar para eles, ora para os tachos. Dividiram como puderam o arroz de frango, rapado até ao fundo dos tachos.

Animados com a barriga cheia e um copito de vinho tinto, começaram a cantar as cantigas da terra:

O anel que tu me destes
Era bidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas
Era pouco e s'acabou

Ó ciranda, ó cirandinha

....

Num instante todos cantavam, alguns dançavam no corredor entre os bancos e o motorista gritava cada vez mais alto:

- Sentem-se, carago, se vier a polícia apanho uma multa. SENTEM-SE, PORRA.

Acalmados os ânimos, foi um sono só até Assunção, pequena e desconhecida freguesia do município de Arronches, apesar das trocas de autocarros em Lisboa e Portalegre.

Esperava-os na paragem apenas o genro, numa carroça puxada por dois burros:

- A Marianita e os cachopos na puderam vir, na senhora. A carroça é piquena e vossemecês mais as trouxas são peso que achega para os asnos.

- Não te consumas, home. Temos o resto da vida que Nosso Senhor nos der para beijar a nossa Mariana e os cachopinhos.

E lá foram, interior adentro até uma pequena casa, sozinha do meio de um grande campo de cultivo, algumas árvores de fruta e meia dúzia de chaparros.

- Ui, nunca bi uma leira tom grande, cruces credo.

- Aqui na há leras, comadre. É tudo plano, a perder de vista, atão!

Foi então um bulício de abraços, beijos repenicados, batizados com abundância de lágrimas e exclamações de regozijo.

Apesar da relutância da filha e genro, Adélia e o marido foram dormir para junto das ovelhas. A corte era grande, colocaram palha nova num canto e uma barreira para não serem acordados com lambidelas. Os dias seguintes foram de pôr a conversa em dia, mas sobretudo de planeamento para o futuro.

Com mais quatro braços cheios de vontade e determinação, em pouco tempo as ovelhas quase duplicaram, levadas a pastar pelo David, que apreciava aqueles lonjuras, não toldadas por prédios e montanhas; as necessidades da casa em leite, fruta, hortaliças e carnes depressa tinham excedente, o qual era vendido na cooperativa da Junta; as crianças e a casa andavam num esmero jamais visto; um pequeno, mas acolhedor anexo, para um quarto e uma casa de banho, foi prontamente erguido com a ajuda de familiares do marido da Mariana e de vizinhos, que moravam a quilómetros uns dos outros. Traziam o seu farnel, queijo curado, pão e azeitonas, e assim não faziam despesa à dona da casa.

Um dia David chega alvoroçado:

- Mulher, olha, num sabes a melhor?

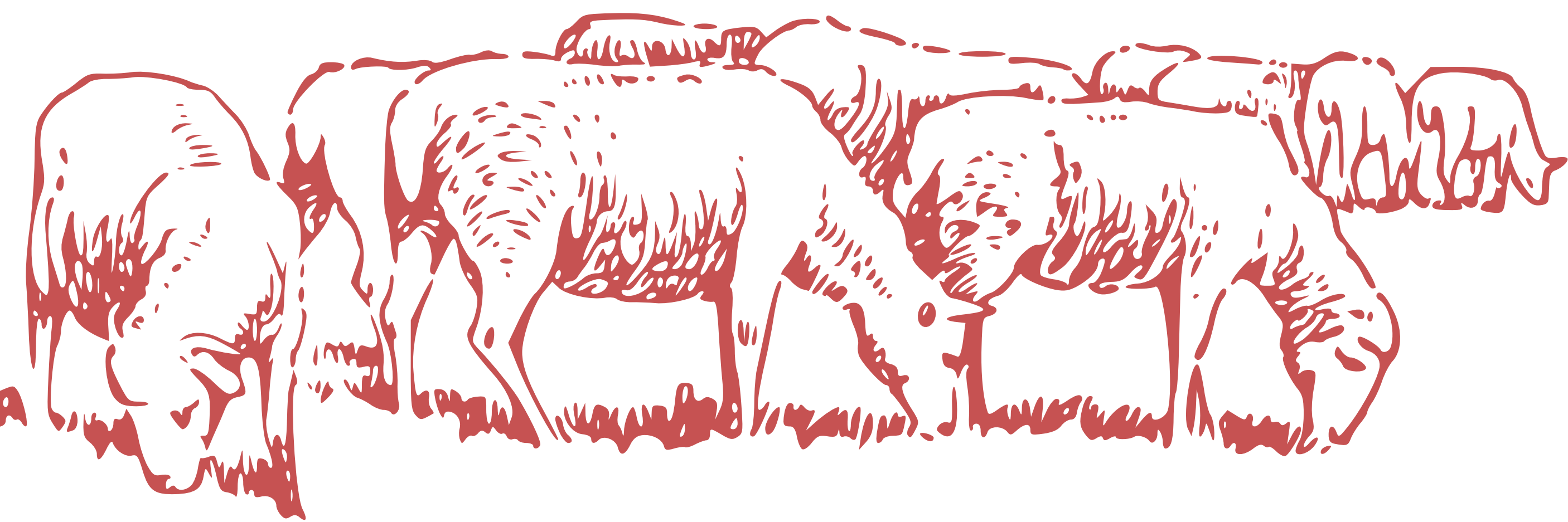
- Comé qu'eide saber se inda num contastes?

- O meu patrom amandou-me uma carta a ofertar-me o antigo posto. Dize ele que tinha lá dois cachopitos no meu lugar, que ganhavam menos, mas num dabam conta do recado. Ele quer qu'eu bolte, ora nem mais!

Adélia ficou calada como quando David fora despedido. Tal como nessa altura ficou calada que fazia aflição, nem olhava para o marido! Passados uns bons minutos na cogitação, proclamou, como quem proclama a república (era a maneira que Adélia tinha de deixar o marido sem vontade de a pirraçar):

- Nem qu'a baca tussa, homessa! Nem mortinha debando daqui!
- Não t' apoquentes, mulher. Nem eu queria debandar daqui. Nunca gostei tanto da vida como ora, nunca senti tamanha alegria, nunca acordei cum tantas ganas de trabalhar. Nem mortinho debando daqui!

E nunca mais saíram dali, nem depois de falecidos.



ABRAÇO DE NATAL

por Eduardo Pereira Cernadas

(Há episódios na vida em que assumimos condutas, atitudes, que imediatamente percebemos erradas, por vezes erradas até à náusea, carregando então sobre os ombros, enquanto a memória não se esbater, o peso, quando não a vergonha, de as ter praticado. Gestos à rebeldia da vontade, mas nem por isso menos infelizes ...

Esta é uma pequena estória de um enorme arrependimento.)

As cores brilhantes e limpas da manhã, a estereofonia dos sons da vida das gentes, o aroma ancestral do assador de castanhas a misturar-se com a aragem fria e cortante mesclada com amarelas folhas de ácer a galope pelas ruas e jardins da cidade, tudo lhe era familiar e amigável. Era mais uma manhã de sol de dezembro, de luz efémera e de pouca serventia, que ilumina sem aquecer deixando na pele um sabor a pouco e no rosto um toque ao de leve de um beijo apressado. Com a cidade embalada pelas melodias de sempre, de ritmos vivos e eternamente jovens, surgindo esquivas nos cruzamentos, nas ruas e nas praças enfeitadas de cores, a urbe preparava-se, com gáudio e paixão, para mais um Natal.

O Manuel era parte de todo este harmonioso e caótico conjunto, um rosto desenhado a traços de sorriso e um corpo longamente vestido de lã, cruzando-se em ruas pedonais agitadas, desordenadas, rio de montanha de gentes de outros olhares amigáveis, felizes e apressados.

Com as ruas a correrem-lhe sob os pés, que a ansiedade e algum desalento não deixavam conhecer cansaço, o Manuel obrigava os olhos a saltarem de montra em montra, vasculhando produtos e preços, numa pesquisa rápida mas diligente, que na ausência de uma ideia concreta, tudo teria de ser passado em revista, não fosse dar-se o milagre de uma inspiração repentina, uma ideia arrebatadora de beleza e criatividade. Vivia nesses dias o desafio habitual, misto de drama e expectativa, de ver aproximar-se o Natal e não ter ainda uma ideia, pálida, etérea que fosse, sobre o que comprar, o que oferecer à Sara que por estes dias para todos tinha já comprado as prendas por cada um desejadas.

E a busca continuava sem desfalecimento. Restava ainda a esperança em Santa Catarina, plena de comércio e de vendedores de rua. Ao fundo, cerca da entrada para o centro comercial, no meio da rua, um magote de pessoas paradas, rodeando umas cadeiras e uma haste de três metros com uma bandeira branca, toda branca, adejando suavemente ao som da música. Embora pouco dado a aglomerados e a multidões, o Manuel não deixou de se aproximar, refreando o passo, crescendo em vigilância e atenção. Perto das cadeiras via agora indistintamente uma faixa com grandes letras maiúsculas “DÃO-SE ABRAÇOS – FELIZ NATAL”.

Jovens e menos jovens de ambos os géneros, gente feliz e bonita de todas as condições, espalhava um pouco de magia de Natal, dando-se em abraços prolongados e amigos, sem nada pedir, recusando mesmo toda a tentativa de retribuir com moedas o calor que graciosamente se tinha recebido. O Manuel achou tocante tudo isto que viu, fantástico o espírito e a dedicação dos envolvidos, a concordância de anónimos, mas... não se sentiria à vontade, não se conseguiria dar num abraço a um desconhecido e discretamente alterou a rota dos seus passos, adejou para estibordo, para águas mais profundas e movimentadas onde, imerso na multidão, de desvanecesse no nevoeiro e regressasse à sua busca, ao seu propósito.

Tarde de mais! Dele já se aproximava um jovem, que armado de sorriso franco e descaramento apaziguante, lhe fizera desaparecer o chão sob os pés e perante toda aquela assembleia, naquela atmosfera de abraços comungados lhe disse com os braços entreabertos, Amigo, vai-se embora recusando-me um abraço! Olhe que vai ficar para sempre arrependido!

O Manuel ficou siderado; toda a dissimulação posta na manobra de evasão encetada, tinha sido descoberta e denunciada. Percorrido por um arrepio, embora o rosto fervesse, virou-se para o abraçador, e estupefacto preparou-se para a colisão de um abraço. E um instante depois de sentir o aconchego firme de dois braços francos, foram os dele a erguer-se e a ajustarem-se aos ombros

desse mensageiro de paz e concórdia. Tem um feliz Natal e um bom ano novo para ti e para os teus! A custo e à medida que o abraço se desenlaçava, o Manuel conseguiu balbuciar, numa voz que não era a sua, obrigado, para ti também! e afastando-se o jovem, depois de uma palmada no ombro encasacado do Manuel, Vês como não doeu nada! partiu, missão cumprida, para outros braços, outro destino.

O Manuel ficou estarecido por esta experiência tão estranha e significativa, mas foi então que, despeitado e azedo, o Demónio fez despertar nele, os instintos mais reles e ignóbeis, levando ao surgimento de uma nuvem negra, de uma mancha de dúvida e desconfiança onde só dádiva e fraternidade existira, fazendo-o levantar a mão direita e apalpar o lado esquerdo do tórax onde repousava em paz, inatacada e ilesa a carteira.

Segundos bastaram para o Manuel cair em si, experimentando uma angústia, um aperto no peito e uma náusea de si, como nunca tinha sentido. Não se perdoava, não tinha perdão. Foi um gesto impensado, uma atitude abjecta, à revelia de todo o seu ser. Incompreensível.

Queria sair dali. Fugir dali. Mas as pernas não andavam, o corpo recusava-se a retirá-lo sem que ele tivesse, provavelmente por castigo, doloroso mas merecido, de observar a cara de felicidade de uma criança profundamente deficiente, depois de ter sido ternamente abraçada pelo mesmo jovem que o abraçara a ele.

É bem certo que o esquecimento é uma bênção e a memória uma maldição.

Teria de viver com essa memória, até o esquecimento se apiedar dele e o perdoar.



AINDA NÃO SE DEU A CONHECER!

por Eduardo Pereira Cernadas

Ainda não se deu a conhecer.

Dela, não se discerniu um sorriso de gengivas nuas nem um gemido, um queixume acanhado que fosse.

Dela, não se conhece o aroma lácteo que exala em cada respiração nem o calor macio de um corpo de pele rosada e frágil.

Dela, ninguém ouviu a vontade relacional de um ditongo, onde se escondem todas as palavras de todos os linguarejares, toda a erudição e eloquência, desejo de se fazer ouvir, ser escutada, relacionar-se, fazer parte.

Dela, nunca se testemunhou a revolta pungente de um choro com o peito todo, a demonstração sem tibieza nem compromisso de uma vontade urgente e determinada em ser, em ter, em estar.

Ainda não se deu a conhecer.

No entanto, há meses que nela convergem todas as conversas, todos os planos, todas as especulações, todos os futuros.

Ainda não se deu a conhecer.

No entanto, há meses que está sentada no trono das nossas vidas, nas horas dos nossos quotidianos, no palco dos nossos melhores e mais ambiciosos sonhos.

Ainda não se deu a conhecer e já é tanto!

Ainda não se deu a conhecer e já é tudo!

Maria!



A BEGÓNIA

por Francisco Príncipe

Naquela noite, de sexta-feira, o Alferes Médico, Agostinho Miranda, corria num frenesim incerto e ansioso. Não sabia bem o porquê, pois a tarefa era simples e rotineira; acondicionar umas roupas num saco de viagem. O voo, que o libertaria daquele tormento, saía Domingo de manhã; iria primeiro a Luanda e depois, na segunda-feira, seguia, finalmente, para Lisboa. Sábado ia almoçar a casa do médico da fazenda Belos Ares, homem experiente nas particularidades da vida africana, especialmente a vivida naquela floresta onde a espécie humana era esmagada pela grandiosidade da espontaneidade natural. Durante aquele ano tinha convivido com o velho clínico que lhe mostrara faces escondidas da vida de um médico e de uma pessoa.

Deitou-se na cama, acabara de correr o fecho do saco, poisou a cabeça na travesseira, logo suada e pegajoso, estava ansioso e a saudade tomava-o como uma enorme escuridão que lhe esmagava o peito e a paz. Enquanto olhava as osgas do teto lembrou, não com saudade, os últimos tempos que vivera naquela terra.

Viu-se acabado de aterrar na terra batida, que servia de pouso ao pequeno avião que o trouxera de Luanda. Apertava no peito uma pequena medalha que a mulher lhe oferecera, dias antes, em Lisboa onde fora acompanhar três jovens soldados, gravemente, feridos numa emboscada. Dias felizes para ele que, com a jovem mulher, vivera momentos únicos de um casamento ainda cru, jovem e inexperiente. Os dias sumiram-se numa alegria rápida, inebriante, agora dolorosa, quando lembrada.

Olhava pela janela e ouviu, com a clareza da memória, o abrandar gaguejante dos motores na necessária travagem rápida e brusca. Lá fora, uma caterva de crianças corria, perigosamente, nas bermas que ladeavam a, mal-amanhada, picada feita pista; álea de rua entre renques de jovens de dentes brancos, rosto alegre e sorridente, ludibriados por porcos nervosos que, de nariz inquieto, tudo foçavam. Lembrou, com um sorriso, os bandos de cacarejos voadores que, aflitos, se esbarravam nas árvores.

A porta abriu-se, rangente, pelas fortes mãos de um dos veteranos pilotos. Desenredou-se do cinto que o prendia ao banco da frente. Privilégio para apanhar um pouco de ar fresco do rudimentar ventilador.

Lembrou-se da confusão na cauda do avião, era a ordem possível na desordem existente. Gaiolas com galinhas, silenciosas e encolhidas, ocupavam a coxia, um grupo de mulheres que, de panos coloridos, falavam e gesticulavam em língua local, uma algaravia sonante.

Saiu pela pequena escada e experimentou o ar húmido e sufocante que embrulhava tudo e todos.

Quando pôs o pé na terra batida pesou-lhe uma saudade opressora, sabia que a comissão estava a findar; talvez mais uns quatro, cinco meses, e tudo acabaria.

Afastou essa memória, virou a travesseira molhada; e a sua memória seguiu-o, autómato, em direção à viatura que o esperava e que o levaria ao quartelamento. Ressentiu, com clareza, o turbilhão de sentimentos que trazia consigo, alegria, saudade, incompreensão da tarefa, desejos, quase incontidos, de voltar; tudo mesclado em uma explosiva ânsia amarga no amplexo da ausência.

Sentou-se na viatura que lhe era oferecida pelo furriel Vaz, homem alegre vindo do alto Minho e que muito útil lhe era no amainar da revolta e incompreensão da guerra. Esperaram um pouco, pois o Capitão Macedo tinha aproveitado a boleia para recolher umas encomendas que o Comandante esperava.

Depois de prontos, o Jeep arrancou, fixou com detalhe, como o pequeno Dakota, livre, apontava o céu como se fosse catapultado da terra vermelha, daquela terra que agora, mais que no passado, lhe esmagava a alegria e o angustiava.

Seguiram a estrada, que naquele lugar não era má, deveriam passar por uma Vila, sede administrativa, após que seguiriam para o quartel localizado num ponto alto. Por ordens do capitão, atalharam por uma picada, ingreme, sinuosa que penetrava na floresta e que se serpeava pela imensidão ofuscante da floresta, de gigantescas árvores e alas de arbustos. que encenavam aquele

lugar onde o céu era acortinado de variados verdes húmidos, pesados e vivos. O Alferes Agostinho não gostava daquele percurso pois, pensava ele, era um lugar propício, acesso fácil ao país vizinho, refúgio da guerrilha. De qualquer maneira, havia um local que lhe agradava, não porque fosse belo, mas pela exotividade. Numa curva, angulosa e fechada, uma espécie de pequena depressão de terra aluída deixava crescer um conjunto de imensas begónias gigantes, com folhas enormes que se elevavam e desciam até tocar no chão, os seus verdes não eram verdes mas sim um mesclados de cores que camuflavam concavidades sombrias, onde a escuridão se adensava em impenetráveis e interrogativas cavernas. Flores, largas e imensas, imergiam à procura da luz. Era um lugar de medonha beleza que o impressionava e, ao mesmo tempo, o intimidavam.

O Capitão Vaz era temerário; por índole pessoal ou por uma galhardia, teatral, de profissional da guerra. Seguindo no banco de trás do Jeep, o médico pensava no fim da comissão e os seus pensamentos seguiram naquele mar de verdes, onde as árvores crescem até ao céu e os arbustos esbofeteiam, com violência, o para-brisas do Jeep. Estava a escurecer e bandos de papagaios regressavam às árvores onde se refugiavam de noite. Havia uma musicalidade desconexa, barulhenta própria de uma floresta viva, terrivelmente bela, medonha na sua agressiva passividade.

Chegaram, o Alferes foi fazer os relatórios da viagem e passou pela enfermaria onde três soldados sofriam: de paludismo, de medo ou da ressaca crónica das bebidas que, escandalosamente, os anesthesiavam.

Na rotatividade dos dias, chegou uma carta com uma letra bem conhecida, abriu rapidamente e logo percebeu que a missiva anunciava uma gravidez cujo final, feitas as contas, coincidia com o fim da comissão.

Lembrou-se da alegria, mas também do surgir de uma saudade diferente, apertada e urgente. Pensou na mulher que, sozinha, suportava a gravidez e que lhe fora amputada pela aquela, forçada, comissão.

Tudo se alterou na vida do Alferes, agora mais sozinho na sua ânsia. Queria, além tudo, rever a mulher, queria-a vê-la prenhe do seu filho, queria acariciá-lo, senti-lo, ouvi-lo e falar-lhe, queria que ele o conhecesse antes de nascer, assim como já conheceria a mãe.

O Alferes contava o tempo, desfiava-o devagar, porque o tempo nestas ocasiões escoava com uma imobilidade irritante. As páginas da agenda ficaram pegajosas, quase imóveis e só estavam escritas com a ausência, magoada, que ele sentia. Procurava desviar o pensamento, mas, constantemente, ouvia a voz molhada da mulher, e do seu filho, clamar por ele em um ritornelo de pensamentos que lhe versejavam a saudade que o prosseguia; noite e dia, como uma musicalidade inaudível, mas terrivelmente enxertada no seu espírito. Tudo se resumia aquela constância de uma dolorosa e focalizada ânsia do abraçar a mulher, vê-la grávida, conhecer o filho, ainda escondido. Voltar a Lisboa, calcorrear a calceta, respirar a frescura do ar e dos abraços que o esperavam.

Reviu os dias ecoados no estreito desfiladeiro da espera.

Um dia recebeu um recado do Comandante. Foi de imediato e o Coronel, homem de marcial hábito, entregou-lhe, em silêncio, um papel. O Alferes leu com atenção, releu; e a sua alma explodiu de uma alegria incontida que conseguiu camuflar, era a guia de volta, acabara a comissão, voltaria a casa, à mulher ao filho por nascer, voltaria à vida.

Com o papel na mão fez a continência ao comandante. O Coronel retribuiu. E disse-lhe:

- Dr. no próximo sábado há um almoço na casa do seu colega do hospital da fazenda. Convidou os oficiais, sei que ele é seu amigo e como só parte no domingo espero que nos acompanhe.

- Com certeza que irei.

Saiu feliz, ia tentar entrar em contacto com a mulher, marcaria um telefonema.

Pouco havia que fazer na enfermaria. Passou pelo quarto, tinha dois dias para deixar tudo em ordem.

Era sábado, e o Alferes médico Agostinho já tinha o saco pronto, depois de uma noite de revoltos sentimentos de alegria. Levaria, somente, o saco, pois os livros e outros haveres já tinham sido despachados. O comandante saía para a fazenda e, com ele, alguns oficiais. O Capitão Macedo pedira para ir mais tarde pois tinha papelada a fazer. O Alferes esperava pelo Capitão e o furriel Vaz guiaria o Jeep até à casa do médico do hospital civil. O tempo estava como sempre; fechado, húmido

pesado e o céu era uma miragem por cima das copas das árvores.

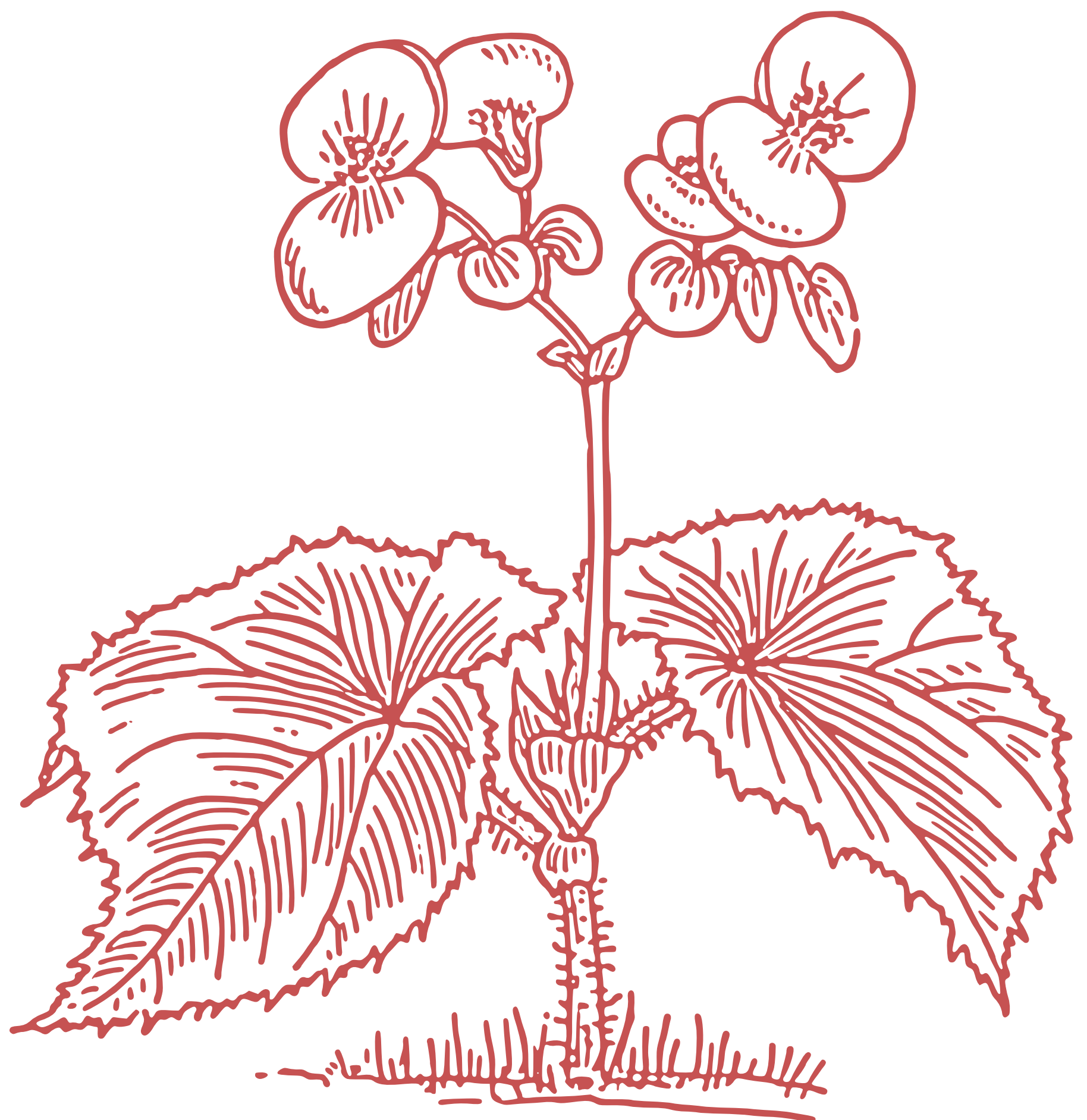
- Alferes Agostinho, já tenho o Jeep pronto – chamou o furriel com medo que não chegasse a tempo de beber um bom copo de vinho verde.

O Alferes entrou no Jeep, sentou-se no banco de trás; o Capitão, a correr, saltou para o lugar da frente, arrancaram com uma pressa voraz.

- Vamos pela picada - ditou o capitão.

O Jeep acelerava pela picada e os ramos dos arbustos incomodavam a condução, a curva das begónias, apareceu ao Jeep de chofre que, com esforço, continuou no trilho. O Alferes, inebriado com os seus pensamentos, viu o Capitão tentar levantar-se do Jeep em movimento,

.....
 Minutos passaram e a floresta, agora majestaticamente silenciosa, foi esquecendo a bazuca e a duas explosões das granadas incendiárias. Tudo fora amortecido pela imensidade das folhas da linda begónia, da solidão e do inesperado. No regresso à serenidade, as copas das árvores e a begónia, deixaram ver que a inutilidade, tenebrosa, da guerra tinha deixado três corpos imolados, cuja exalação fluía, lentamente, numa vertical vazia de expectativas e esperanças e prenhes de ausências, saudades e incertezas.



E SE...

por Maria de Fátima Martins

A noite ia alta e o sono não vinha. Olhava em redor do quarto e com o pensamento vazio comecei a tentar descobrir na alvura das paredes algum sinal de sujidade, mas em vão. Até que notei um pequeno risco que se estendia na vertical do teto até meio da parede.

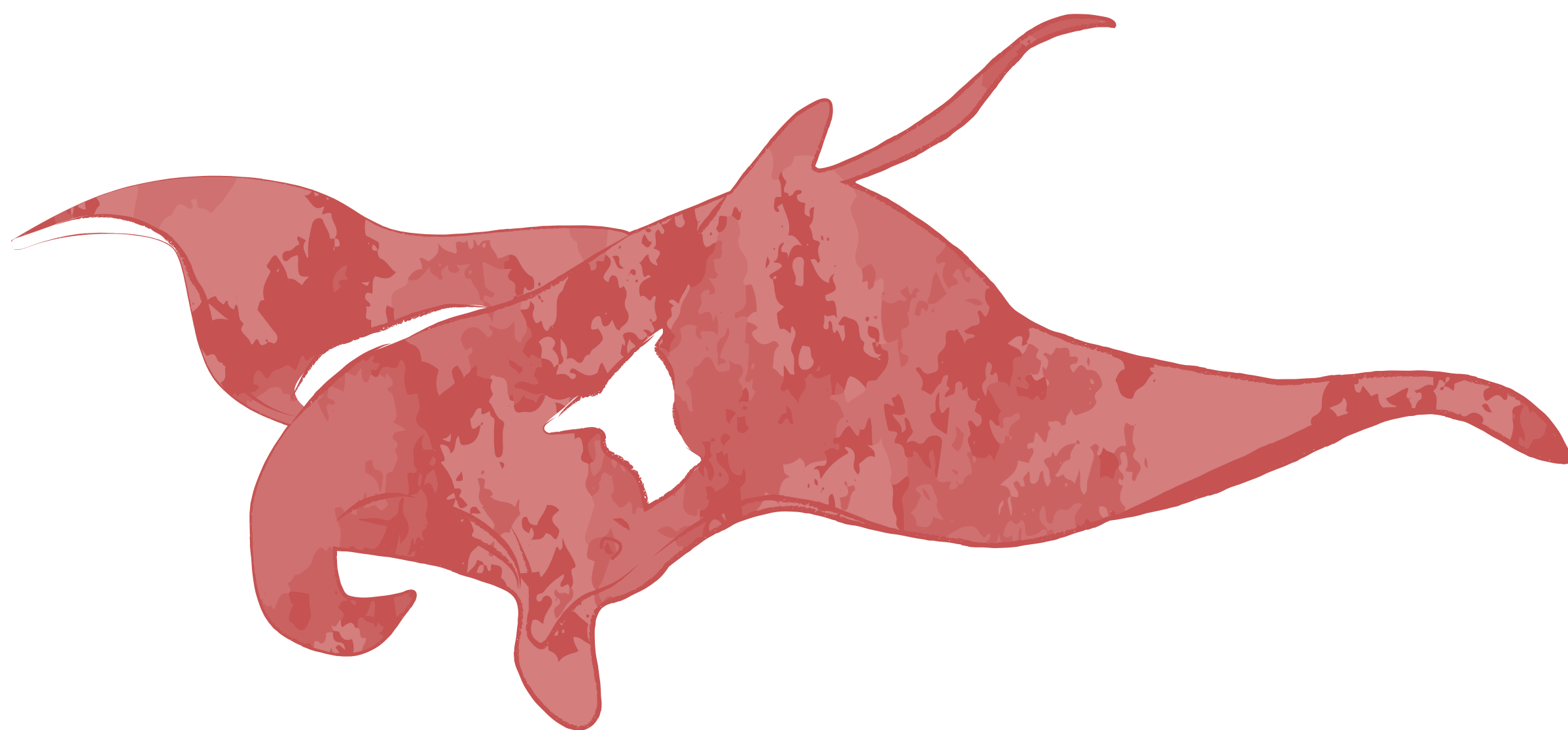
O pensamento acordou: e se aquele risco se tornasse em fenda aberta e do lado de lá da parede estivesse um rio há anos ali emparedado? E a parede abriu-se. Uma imensa torrente inundou a cama e o quarto em segundos e, contrariamente ao que seria de esperar, senti-me levada com extrema delicadeza à superfície daquelas águas, ao sabor da ondulação daquele curso de água, que agora conhecia a liberdade. E juntos galgámos pedras, vegetação, campos, ganhando cada vez mais velocidade até nos juntarmos a um rio muito maior que nos abriu os braços e nos abrigou no seu leito. Eu não estava assustada, apenas curiosa para saber qual seria o fim da minha viagem, já que o meu companheiro era agora parte do grande rio que se dirigia veloz para os braços do mar ali tão perto. Entrou nele e soltou-me na primeira onda que me enlaçou com força, levando-me consigo para longe e depois para o fundo, proporcionando-me um espetáculo que até ali eu só vira nos filmes. Senti-me rodeada por inúmeros pequeníssimos peixes que me entravam pela boca e saíam pelas orelhas num entusiasmo frenético de quem descobre algo surpreendente.

Vários animais marinhos me rodeavam e de repente há um mexer de água, como que uma grande onda subaquática e uma enorme raia, com movimento gracioso de bater de asas, aproximou-se. Salto-lhe para o dorso e inicio uma viagem maravilhosa até à superfície onde a simpática raia me larga, voltando para o mar alto, não sem antes me presentear com um belo salto tal qual um alegre golfinho à espera dos meus aplausos. Nado até à praia.

Oh, afinal hoje é dia de trabalho. Chego à fábrica e apresso-me a ir à cantina para marcar o almoço antes de começar a trabalhar.

Prato do dia: raia frita com arroz de tomate. Alternativa: prato de dieta.

Escolhi a dieta.



O “LIXO” QUE NÃO É LIXO

por Maria de Fátima Martins

As gotas da chuva tamborilavam no parapeito da janela, o vento assobiava pelas frinchas das portadas como se pedisse licença para entrar. No pequeno rés-do-chão do prédio camarário, onde Manuel vivia sozinho, o barulho daqueles dois intrusos ia aumentando. Adivinhava-se uma tempestade. Fora numa noite como aquela que ele tinha perdido Sónia, sua mulher, após sete meses de casados, sem que ela tivesse tido tempo de lhe dar um filho. Era habitual ser ele a atravessar a rua para colocar o saco do lixo no contentor, mas naquela fatídica noite, pedira à mulher para o fazer porque ele estava a seguir um jogo de futebol na TV que não queria perder. Estava uma chuva morrinhenta e um vento desagradável. Com o capuz na cabeça, o barulho do vento e a espessa neblina que cobria a rua, Sónia não viu nem ouviu o carro que se aproximava e foi projetada contra o muro que bordejava a estrada.

Manuel nunca se perdoou, contraiu uma depressão, teve uma tentativa frustrada de suicídio e perdeu o emprego. Mas como o tempo tudo cura, Manuel voltou a trabalhar, após vários meses de baixa médica, embora a saudade da mulher nunca o abandonasse.

Trabalhava na recolha do lixo urbano (suprema ironia), dava-se bem com os colegas e ter um contrato sem termo com a Camara Municipal era uma segurança. Manuel estava a preparar-se para o turno que lhe competia. Ia pegar às 22 h e previa que iria ter uma noite de temporal com todos os inconvenientes que isso acarretaria: lixo espalhado pelo chão, contentores deslocados pelo vento, etc. Durante o caminho para o local da saída dos camiões, o vento foi aumentando e fustigava-lhe a face que ele tentava proteger com a gola do casacão de oleado. A chuva era forte, mas nunca o teria incomodado muito, não fosse aquele malvado vento. Finalmente chegou ao local de trabalho e, juntando-se aos colegas, saiu para as ruas.

A água jorrava dos bueiros entupidos e começava a subir até aos passeios que inundava, mas o camião continuava a sua tarefa. A dado momento, quando tinham parado junto a um conjunto de contentores num bairro de moradias, Manuel repara num jovem, completamente encharcado, remexendo no lixo. Saltou do camião e gritou-lhe *“sai daí, pá, não podes fazer isso”* ao que o jovem retorquiu *“Deixa-me em paz, já não como desde ontem de manhã e os tipos que moram por aqui deitam fora coisas que se podem comer, tu sabes.”* Manuel mete a mão no bolso das calças e, tirando uma nota de cinco euros, aproxima-se do rapaz, força-o a largar o pedaço de pizza que ele tinha na mão trocando-a pelos cinco euros. *“Vai àquele café no fim da rua e pede uma sande e uma bebida, já ficas sem fome”*. O jovem desatou a correr sem lhe responder nem olhar para trás. Quando Manuel regressava ao camião, o seu colega motorista criticou-o: *“Deves estar rico, pá. Então vais dar dinheiro àquele rapazola? Ele vai já estourá-lo numa ganza qualquer...essa de ter fome é uma treta.”* *“Vamos embora que estou cada vez mais encharcado”* respondeu-lhe Manuel, sem responder.

A chuva tinha parado e o vento continuava, mas mais fraco. O camião descia devagar pela rua ainda muito molhada e quando passou junto ao café, o jovem saía a comer uma sande e com outra na outra mão. Dependurado nas traseiras do camião, Manuel acenou-lhe, ao que ele respondeu elevando o polegar. Lembrou-se de que não teria ninguém a quem contar o seu dia quando chegasse a casa como era hábito fazer com Sónia. Uma lágrima teimosa escorreu-lhe na face e foi cair no lixo amontoado no camião. Um homem também chora.

...UMA VEZ EM NOVA IORQUE

por José Nery

I

Ralph Baetz era oficial de ligação do “Stategic Air Command”, especializado na área de comunicações, tendo sido repatriado sete meses depois de ter chegado ao Vietname, após ser gravemente ferido quando o heli onde seguia foi abatido. Esperava-o um longo caminho de cirurgias e de tratamentos que lhe deram a oportunidade de conhecer Miriam, natural de Nova Iorque, enfermeira de reabilitação, com quem viria a casar dois anos mais tarde. Com alguma amargura, Ralph dizia que a única coisa boa que lhe acontecera nos últimos anos fora ter conhecido a mulher com quem vivia.

Estávamos em meados dos anos setenta do século passado. A zona central da cidade de Nova Iorque vivia tempos de grande transformação e expansão. Começava na época o enorme crescimento vertical da cidade e o fenómeno, hoje bem conhecido da gentrificação, com o fluxo e refluxo dos milhões de “newyorkers” suburbanos que invadiam diariamente o coração da ilha de Manhattan. O World Trade Center, inaugurado em 1973, atraía ao seu “observation deck” milhares de turistas, ansiosos por desfrutar da vista do Hudson e do East, da Ellis Island, etc. Acotovelavam-se aos milhares para visitar os nove andares do Macy's, a maior loja de departamentos da altura ou comprar uma recordação no elegante Saks Fifth Avenue. Os teatros da Broadway esgotavam todas as noites e era obrigatória uma visita à Trump Tower e ao Rockefeller Center, entre outras.

II

Náusea. Ralph sentiu uma ligeira náusea. Tragou um último gole do Jack Daniels pousado no balcão bem à sua frente. “Acho que estou no limite” pensou. Levantou-se do banco, o que lhe exigiu algum esforço. “One sixty five”, disse o bartender. Não pagou. O bartender encolheu os ombros e Ralph traçou a gabardina e dirigiu-se para a saída. Deixou o Laird's para a humidade da noite. O bar estava quase vazio. Guardou a última imagem antes de bater com a porta. A televisão ligada, abandonada e os pés cromados dos bancos estofados a couro vermelho vivo, trouxeram-lhe à mente um quadro do Edward Hopper que vira num lugar qualquer. Uma chuva miudinha envolveu-o, enregelando-o até aos ossos. Nem chuva era. Mais parecia uma poalha fina que pairava no ar gélido da noite. Ralph virou à esquerda em direção à Ninth. Dez minutos a pé. O ar frio revigorou-o.

Brian e Jack hesitavam. Entre ligar o 911 e chamar os paramédicos ou ir ter com ele, o que fazer? “Tens a certeza de que era ele?” perguntava atónito Brian. “Era! Então eu não lhe conheço a voz rouca e arrastada?” “Mas não pode ser... é impossível” disse Jack. “Liga-lhe.” “Não posso. Era duma cabine”. E Brian abanou a cabeça com um ar desanimado. “Vamos ter com ele, são apenas cinco ou seis blocks até à sua casa.” “Doido. Estás doido! Não vou”, retorquiu Brian. Mas foram.

As luzes piscaram, apagaram-se por uns breves segundos e acenderam-se de novo. Possivelmente fora resultado da enorme trovoadas ou da chuva intensa que se abateu sobre Solna, nos arredores de Estocolmo. Em minutos a cidade ficou alagada. Erin arregalou os olhos para os monitores à sua frente. Incrédula, pegou no telefone e ligou ao chefe. Impossível. Chamava, chamava mas Sigursson não atendeu. Pouco passava das oito da manhã. Erin achou melhor não insistir. Uns dias mais tarde circulava, nos meios científicos dos Estados Unidos, uma versão que pretendia explicar o apagão global como uma “singularidade”, fenómeno amplamente discutido, mas nunca observado desde a formação do universo.

Ralph estava pálido. Pálido e quase sumido numa gabardina excessivamente grande para a sua estatura. Por baixo entrevia-se uma bata azul entreaberta. E não falava. Fitava com uns olhos vazios

os amigos, estupefactos afogueados, acabados de chegar. “Não sei das chaves”, conseguiu balbuciar Ralph. “Acho que perdi as chaves”.

O bartender bateu a porta, fechando-a com força. Raio de fechadura. Que diabo estaria a acontecer? Quando desligara a televisão as notícias corriam soltas. Que loucura. Chegavam de todo o mundo. A última que ouviu foi a de um repórter excitado a informar algo que não entendeu. Parecia grave. Iriam ligar à White House. O presidente estava a avaliar a situação e iria falar à nação. A sério?

Ralph, sentado nos degraus da entrada, estava pálido e macilento. Parecia um pouco esverdeado. Brian amparou-lhe a cabeça. “Tu não devias estar aqui. Como é possível? Fala homem”.

Os canais de televisão pareciam ter enlouquecido. As notícias vinham de todo o lado. No meio do desvario generalizado, duas houve, que deixaram o mundo perplexo, desorientado. A primeira vinha de uma pequena cidade, Solna, nos arredores de Estocolmo e procedia de um famoso Instituto de Investigação. Num breve comunicado, informava-se que tinha sido detetada uma eventual “singularidade” ao nível do universo visível, cujos efeitos estavam ainda a ser analisados. A segunda notícia era ainda mais perturbante e tinha origem em Queens, Nova Iorque. Afirmava a Fox News, embora com as habituais reservas, que no início dessa noite tinha desaparecido um cadáver do “Forensic Medicine Institute” e que, o mais estranho vinha agora, o cadáver tinha abandonado o local pelos seus próprios meios, a pé, de acordo com vários testemunhos oculares.

O paramédico que observou Ralph, quando perguntada a razão daquela estranha palidez, limitou-se a dizer “pallor mortis”.

III

Ralph acordou encharcado em suor, agitado, como nunca antes Miriam o vira. Eram três horas da manhã. “Acorda Ralph”, gritou-lhe Miriam. “Estavas a sonhar. Está tudo bem”. Miriam levantou-se e foi buscar um copo de água. “O Brian e o Jack?” gritava Ralph. “Eu vi-os. Estive com eles e era real. Entendes Miriam?”

Já passava das cinco horas quando Ralph voltou a adormecer.

NADAR CONTRA A CORRENTE

por Maria Fernanda Bahia

O nevoeiro não tinha mais nenhum sítio para onde ir, pensava a avó, sentindo o mutismo contencioso e denso largado no pequeno almoço, antes de cada um deixar a sua ausência.

Pudera! O jantar tinha acabado de cenho franzido e, depois, como dormir?, interrogara-se a mãe com a boca cansada, lábio inferior descaído como se o queixo pesasse demasiado e tivesse de ser apoiado pelo peito. O pai, de barulho bêbedo intenso dentro de si, cabelo crispado, desconsolado, comido pela tristeza. O filho, doído por ser filho daquele pai com quem nunca ousava ter falas, só por mero acaso como acontece nos livros, porque de manhã havia pressa e à noite, era o troar alcoólico insistente e enorme contra um muro. A filha sentada à mesa com sorriso de pedra, ostentava com ela uma quantidade impressionante de decotes e transparências capazes de atrair olhares que rondam como um lastro, qual caudal de água com peixes trazidos em algumas épocas do ano. Por ciúme, proteção, segredo ou o que seja, o irmão montara o carrocel de reparos alto e em confronto, chamara-lhe armazém de retalhos, montra em execução, boa-vai-ela andante, noturna, a precisar de um pai que lhe desse uma boa martelada na cabeça para deixar de atrair os nem-nem na vergonha do descaminho, que encarnava “As Três Graças” a galgar as redes sociais, inferno abrasador a pastar num céu de trevas... E não calava. A argumentação dela contra a intromissão era fazer fisga com a alça do soutien e passava ao largo, ínvia no seu paraíso. A mãe por obrigação de ter que, de ter de, acabara num arreganho desconexo, como as palavras arrastadas no fim de página num som negro de oboé, nervosa, a olhar para o marido que, com mais uma folha de tempo, estava presente no sopro quente do copo de vinho continuado, bebericando como um pardal com sede...

Alta e de olhos bondosos que pareciam feitos de vidro azul, a avó abre a janela e uma luz enche a rua estreita como se um relâmpago se tivesse lá desfeito. Colocada do lado da memória, dera-se ao tempo de teatralizar as angústias humanas, quantos pactos na sua vida não foram pendurados nos palcos! Em nova, fora chamada de vento que alimenta as rosas, álaque, fresca clareza, luar vespertino, em todas as vezes que a sua voz coreografava a poesia com rimas métricas e toadas vivas, tomando o remo do barco conduzido a bom porto. Agora, tinha no colo a cena a correr depois do espetáculo e, antes que a tarde chegasse ao p.m., iria pensar em “quê ou alguém” pois urgem didascálias a nadar pelo rio acima, levá-las à conversa com os netos e espevitar-lhes raciocínio de lição, na esperança de que à volta da mesa, as refeições fossem, pelo menos, passivas entre os manos.

- Ó meus queridos, sabeis que um dia atravessei um rio e fui visitar Deus, olhei-o com malícia e Ele a mim. Os anjos de honor eufóricos, acenaram-me sorrisos de estátua, chamaram-me monstro, que eu não era. Aos meus ouvidos soaram gritos das bestas. Apeteceu-me ameaçá-los a terem de ficar assim por diante, esfinges sem glória, sem luminosidade como águas toldadas e eu, safada como o pecado, na loucura da carne em festa permanente, respondia aos assobios da noite da cidade. Toda a contenda se passou num silêncio branco e ao sair da igreja, olhei atrás e estava Deus a rir, a abanar a cabeça, divertido, como quem vê as brincadeiras das crianças ao esconde-esconde. No meio desta correnteza, veio-me à ideia Sartre “O inferno são os outros” e Valter Hugo Mãe “O paraíso são os outros”.

- Avó, onde queres chegar?

- A vós.



SECÇÃO 3

POESIA

VERSOS QUE TOCAM A ALMA

ESPANTO

por Albertina Ribeiro

O espanto não pode morar ao lado.

O espanto mora em cada ser. Deve morar.

Impossível não interrogar a vida: o que somos, como somos, para que somos...

Ninguém nos outorgou o direito de aniquilar alguém. Ninguém nos concedeu o direito de suspender o existir de quem quer que seja. Somos pares. Não somos donos.

E o espanto mora em nós. Deve morar.

Reconhecer em cada ser o seu carácter único, nunca repetido, a singularidade do seu existir, da sua trajectória sem par é mergulhar no espanto.

E o espanto conduz à complacência, à compreensão da diferença, ao resgate da transvia, à análise do congénito irregular.

Todo o vexame, toda a violência, toda e qualquer indiferença são marcas de desumanidade. Mas há que saber que a correcção existe, que existe a justa punição, o sentido do comportamento saudavelmente gregário, a regra de bem viver em comunidade e de pertença harmoniosa.

Q catálogo dos preceitos colectivos poderia estar escrito nas consciências individuais.

O espanto pela diferença vai conduzir, deve conduzir, à celebração da justa fraternidade. O espanto é a sensibilidade à infinita diferença.

O homem conhece-lhe a origem?

Talvez multiplique teorias...

JARDIM

por Albertina Ribeiro

Dia de sol. Sol pálido, triste, cobrindo o jardim de árvores reverdecendo. Jardim central, com pedras simulando antiquíssimas antas. A relva aponta em generosa promessa. E a extensão do jardim atrai passeios breves, ditos higiénicos.

Largados das trelas, por vezes aos pares, belos cães partem à desfilada. Ou param, aquietados, por breves momentos, para cumprirem sua fisiologia. Deixam marcas comprometedoras, que uma criança, a única visível, pisa sem se dar conta. Mas devia. Invadiu o jardim e o jardim é público ... mas pertence à era dos cães. Os cães sabem que não há crianças. Aquela distraiu-se. Não sabia que “Todo o tempo é composto de mudança”.

DESENCANTO

por Maria de Fátima Martins

Foi a voz sedutora no olhar,
foi a luz que irradiava do sorriso,
foi a ternura do toque
e o calor do abraço a enlaçar o corpo.

Tudo isso a fazia voar até ao céu desejado
para depois aterrar no campo dos sentidos,
tal qual borboleta à procura do estame para pousar.

Hoje ele parte sem dizer adeus,
indiferente à memória de um passado
que só quis ser presente sem futuro.

Desfeita no chão,
a moldura agarra-se desesperada
à fotografia.

PASSADO, PRESENTE E FUTURO*por Maria de Fátima Martins*

Se o passado me chama
há o futuro que me espera
à esquina do presente.
São muitos os anos
decorridos
em mares calmos e alterados,
com vontade, sempre,
de nadar contra a corrente.
O ocaso pode ser a leste
e o rio pode nascer no mar.
Porque não?
E quando o meu presente se ausentar
definitivamente,
terei saudades do futuro
e serei passado, nadarei
a favor de outra corrente.

NO MEU PORTO*por Francisco Príncipe*

Chove na minha Cidade, chove na rua.
Chove...em mim.
Percorro-a molhado; afago-a e comungo-a
nas ruas distendidas que vêm ao meu encontro.
Sigo-as, pisando-as na melancolia do tempo presente, do meu passado.
A minha memória possui estes lugares, aprisionados nas redes finas da minha vida.
São caminhos entrelaçados, de vida percorrida, em que os anos se anteciparam
à sombra que os meus passos empurraram.
A Cidade, rumorosa, grita áfona, pela vida que vivi nas curvas da existência e
das ruas. Clama. com um afã que me agita e apunhala.
Sinto Saudade.
Coartada por um tempo, sem datas, sem lugares; apenas ilusões onde não
consigo já tocar.
Passados vivos ferem os meus olhos, a minha existência e mostram a minha
culpa por deixar escapar o tempo.
A minha Saudade, possui estas ruas, casas, visões e ilusões; possui mulheres e
olhares, tem sofrimentos, angústias, temores e medos; tem perfumes, odores e
movimento, tem alegrias, correrias, escolas e sonhos.
Há uma mágoa sopesada, mas imaterial, que me agita e me magoa; sem data,
sem lugar.
És a Cidade que me habita.
Caminho, continuo na chuva da vida, queimo-me neste abismo barulhento de
imagens intocáveis, na minha Saudade.
Que aprisiona os pássaros que chilream a minha vida.

Apenas sinto o vento. O vento, áspero, apressado que, constante, varre e leva o tempo.

Minha Cidade, penso quando te habitava, já no longínquo passado, feres-me de ternura e sobressalto.

Do tempo em que te residi, em corpo jovem; mar salgado, agitado pela luz do desconhecido e de olhos desatentos.

Agora sou sombra que vagueia na procura de caminhos já percorridos em calmas noites, de dias de intempérie.

Continuo a caminhar-te, cidade real e ilusória Paro, interrogo-me!!!

Terei Saudades de ti?

Ou de mim?

A VOZ

por Carlos Silva Santos

Fechavam-se portas e portadas

apurava-se o ouvido

procedia-se ao permanente reajuste dos botões

minimizando interferências propositadas na sintonização.

Às vezes não se ouvia nada, outras , apenas alguma coisa.

Eram medos e a delação premiada que circundava,

eram ruídos de passos em redor quebrando silêncios na madrugada.

Temores de uma juventude ousada. A luta semanal por outra informação que acreditávamos ser a verdadeira.

A que falava da guerra lá longe , e tão perto de mim. A difícil e longa caminhada para a descoberta –

da liberdade e da democracia.

LEVA-ME

por Carlos Silva Santos

Daquela janela via o dia

Calmo, sem vento de oeste, sem gaivotas,

e ainda sem o recreio das crianças no parque. Leva-me a ver o mar - pedi,

a mansidão de uma primavera avançada

o murmúrio das ondas suaves e azuis.

Quero gravar esses momentos de lembranças. Leva-me.

Lá o infinito é mais longínquo,

e eu como tu sabes, estou a chegar lá.

SOBREVIVENTE

por José Nery

Sou um naufrago anónimo e singular sobrevivente
abandonado numa insólita praia de um mar ocidental

como lixo inútil e descartável de quotidianos hábitos
lançado no latão da indiferença dominante e geral.

Sou uma ideia vaga, anacrónica e anódina
nascida do dia-a-dia fútil e incoerente.

Como uma recordação recorrente surgida do vazio.
Indigente. De memórias que se esfumam lentamente.

Sou o resultado dos tempos de hoje e anátema exemplar
de um mundo novo sem amanhã e decadente.

E sou e não sou simultaneamente pois sou também
o que nunca fui e nunca serei obviamente.

E nada disto é novo ou transcendente.
É apenas trágico. Ilógico. Evidente.





SECÇÃO 4

VARIA

PENSAMENTOS DIVERSOS E REFLEXÕES

APROFUNDAR A DEMOCRACIA: «NEM O QUE ESTÁ, NEM O QUE ESTAVA»

por Hélder Pacheco

Os perversos nem sempre são inteligentes, e os ditadores nem sempre têm razão.

Winston S. Churchill, Memórias da II Guerra Mundial

O aprofundamento da Democracia exige a atenção ao exemplo e ao pensamento daqueles que contribuíram para a edificação do Estado Republicano, não raro em condições de extremas dificuldades, riscos e adversidade. A consolidação da Democracia faz-se, também, na consagração e no respeito por quantos não hesitaram em sacrificar a comodidade e os interesses pessoais em benefício daquilo que, para eles, representava o bem comum e o progresso da Pátria. Muitos dos que se devotaram à implantação de um sistema político em que a soberania «emana do povo e a sua organização pertence a cidadãos – sujeitos de direitos fundamentais – com órgãos de fiscalização de exercício do poder e dos poderes» (V. Magalhães Godinho), estão hoje completamente esquecidos. Além da ingratidão, somos cultivadores da desmemória.

Para combater esse esquecimento recordarei a figura do Dr. José Domingues dos Santos, lavrense por nascimento (nasceu na bonita Casa da Tulha, daquela freguesia de Matosinhos, em 5.8.1885) e portuense desde quando frequentou o Liceu Central do Porto, e, depois, pela actividade desenvolvida como director do diário “A Tribuna”, surgido em 18.2.1920. Nele, explicitaria as «linhas de força» da sua futura actividade dentro do Partido Republicano, defendendo inequívoco posicionamento à esquerda do mesmo. Revelando o seu pensamento viria a preconizar a formação de um bloco englobando, além do PRP, o Partido Popular, os independentes e os socialistas, na linha da experiência francesa dos governos radicais-socialistas.

Membro do Partido Republicano Português desde 1916, no ano seguinte apresentou-se como candidato ainda à Câmara do Porto, sendo eleito. A sua intervenção política abrangeria os campos parlamentar e governamental em diferentes Ministérios, sendo titular da pasta do Trabalho, em dois governos, entre 1919 e 1920. Esta passagem como Ministro ficaria assinalada por um facto relevante para o Porto: em 7 de Agosto de 1919, comunicava à Câmara da cidade ter sido votada a verba necessária à construção de dois bairros operários – grande anseio do Burgo, a que a I República procurava finalmente dar resposta na resolução dos gravíssimos problemas da habitação. A vontade de apoiar o projecto era tão sentida por Domingues dos Santos que, em 22 de Agosto, à sua chegada a S. Bento, seria alvo de grande manifestação pelo facto de a visita se destinar a dar andamento à construção dos referidos bairros. No dia seguinte, na companhia de Vereadores da C.M.P., visitaria locais em Contumil, S. Roque, Paranhos, Entrecampos e Lordelo, visando a escolha mais adequada àquela edificação. Era convicção geral de que aqueles locais seriam os escolhidos (e foram, na zona de Entrecampos, para a Colónia Viterbo de Campos, e, em Paranhos, para a Colónia Manuel Laranjeira).

Na sua actividade governamental, Domingues dos Santos foi Ministro do Comércio, em 1920. No seguimento, tomaria posse, novamente como Ministro do Trabalho. Nesta pasta continuaria, no governo sob a presidência de Bernardino Machado. Desempenharia também o cargo de Ministro da Justiça. A sua intervenção pautar-se-ia pela defesa dos princípios relacionados com o bem-estar, o progresso e a prosperidade económica dos portugueses, através do estabelecimento de um programa por que pugnava. Mercê de tal posição, viria a chefiar a ala esquerda do PRP, constituindo, após a cisão do mesmo, novo partido denominado “Esquerda Democrática”, que obteve representação no Parlamento (conhecida por “Os Canhotos”, em oposição aos conservadores, designados por “Bonzos”). Nela apoiado, conjuntamente com outras forças políticas, entre 22.11.1924 e 15.2.1925, formou um governo muito atacado pela direita republicana (não admira, já que o seu lema era *Liberdade, Pão, Instrução*).

Além de Presidente do Ministério, Domingues dos Santos foi Ministro do Interior e da Marinha. O seu amigo e companheiro em diversos governos, Ezequiel de Campos, ocuparia o cargo de Ministro da Agricultura, propondo a realização de uma moderada reforma agrária, contestada por certos sectores. Como Ministro da Guerra aparecia o Tenente Coronel Hélder Ribeiro e nos Estrangeiros o pedagogo João de Barros. Era Ministro do Trabalho, outro vulto notável: João de Deus Ramos (verdadeiro escol intelectual e político). Na apresentação do programa do novo (e inédito) governo, afirmaria que «o grave problema português» era «principalmente de ordem social e moral», defendendo a necessidade de «governar em nome da justiça social». Propunha-se «intervir nos mais diversos sectores, nomeadamente o económico, onde lutaria para combater todos os monopólios e abater todas as companhias majestáticas». A vigência deste governo empenhado no desenvolvimento de políticas favoráveis à população onde mais se fazia sentir a crise provocada pela falta de trabalho e os baixos salários (não continuamos a ouvir isto?), assistiu a acontecimentos assinaláveis, como, em 25 de Dezembro de 1924, a prisão de «falsos açambarcadores».

Entretanto, as tensões contra e a favor do governo agudizar-se-iam. Assim, em 25 de Janeiro esboça-se a criação de uma frente comum de esquerda, de apoio ao Ministério, constituída por socialistas, comunistas, C.G.T. e a Federação Nacional das Cooperativas. O Jornal “A Batalha” considera que o país vive «uma hora de perigo» e fala na instauração de «uma violenta e brutal ditadura» (viria, de facto, um ano mais tarde). E seria o sector conservador do PRP a apresentar no parlamento, uma moção de desconfiança (hoje diríamos, de censura), que fez cair o governo. Sem

apoio dos próprios correligionários, tão irredutíveis quanto os adversários, o Ministério e o seu líder receberam grande prova de confiança da população, através de manifestações e comícios.

Numa fase conturbada da I República, Domingues dos Santos demonstraria, após a queda da chamada “Monarquia do Norte” (que governou a cidade e grande parte da região nortenha e visava reimplantar o regime monárquico), noutra faceta ao serviço do Regime democrático, os méritos políticos que o distinguiam, enquanto Governador Civil do Porto. Associaria, segundo diversas opiniões, «qualidades de energia e equilíbrio político». Em 25 de Abril de 1926, ainda seria criado o Partido Republicano da Esquerda Democrática, por ele liderado, em oposição ao Partido Democrático (derivado do PRP) que considerava «uma agência de negócios em véspera de falência fraudulenta». Justificando a sua criação, propõe que o novo partido assuma o autêntico programa do PRP, de 11 de Janeiro de 1891. Mas era tarde demais.

Após o golpe de 28 de Maio de 1926, que pôs termo à I República, participou na revolta portuense de 3 de Fevereiro de 1927, cuja derrota (provocada pela adesão tardia, no dia 7, das forças políticas da Capital – quando, segundo observadores, o movimento reunia as condições para se impor às forças da Ditadura Militar), o forçou a exilar-se em Espanha e em Paris, onde levaria, segundo as próprias palavras, uma «vida mesquinha mas honrada». Embora longe de Portugal, um grupo de «correligionários» promoveria, em Agosto de 1930, significativa homenagem em sua honra. Num cartão impresso, é citada a seguinte frase que pronunciara em 1926 (e se aplicava tanto aos actos e omissões que levaram à degenerescência da I República, como à Ditadura que então dava os primeiros passos): «O abuso do poder só desordem e anarquia pode gerar. Ao contrário, a semente do idealismo que vamos espalhando, a mãos largas sobre esta sociedade sequiosa da Verdade que ilumine e dirija seus passos, desabrochará fatalmente em frutos abençoados de amor e confiança...» O vivo sentimento de admiração por uma personalidade que, não poucos consideravam indicada para liderar as acções tendentes ao «restabelecimento da República Constitucional em Portugal», através de uma revolução prevista para 1930, é expresso nas palavras de Pina de Moraes: «José Domingues dos Santos é a maior individualidade política da sua geração, é dos primeiros cidadãos do país e dos maiores republicanos do regimen.»

Tal como grande parte dos portugueses, ao terminar a II Guerra Mundial com a vitória Aliada, alimentou a esperança do regresso à Democracia. Por isso, publicou, em Maio de 46, no 20o aniversário do golpe de 28 de Maio, uma “Mensagem aos Democratas Portugueses” onde expunha os seus pontos de vista sobre o devir da nossa sociedade, apresentando verdadeiro programa de acção política (na expectativa da formação de um governo representativo da vontade nacional democraticamente expressa) cujo conteúdo, em inúmeros aspectos, permanece actual e, o que é pior, inconcretizado (designadamente nos planos social e da efectiva democratização da República). Dele gostaria de revelar alguns extractos. Diz a abrir: *Eu desejaria que esta mensagem de fraternidade que dirijo ao Povo Português fosse lida por todos os meus compatriotas, homens e mulheres, com a mesma serenidade e a mesma paixão de objectividade com que a escrevi.* E, confirmando a intenção de colaborar na reforma política do país, acrescentava: *Julgo que é dever de todos os Democratas encarar estes problemas com coragem e com lealdade, sem intuitos de provocação, mas com o desejo sincero de esclarecer a opinião pública.*

Cada homem e cada partido devem apresentar-se com a sua bandeira, contribuindo com o seu esforço para a obra de ressurgimento em que todos os democratas portugueses são chamados a colaborar. Não alimentava, no entanto, ilusões quanto à receptividade de alguns às ideias e propostas: *Eu sei muito bem que as minhas palavras não serão lidas nem apreciadas por todos aqueles que, durante os últimos anos, colaboraram mais ou menos estreitamente com o regime Fascista ainda vigente em Portugal. Também não é a eles que me dirijo.* E acrescentava palavras de denúncia da conciliação impossível entre os que pugnavam pela adopção de um regime democrático e os seus inimigos: *Se a união de todos os Democratas, seja qual for a particularidade da sua concepção de Democracia, é sempre fácil, um entendimento com aqueles que são directa ou indirectamente responsáveis de todos os crimes praticados nestes últimos vinte anos, será sempre impossível.*

Defendendo a convergência dos diferentes sectores e forças políticas, afirmava que pretendia dirigir-se «a todos os Democratas Portugueses, homens ou mulheres, novos ou velhos, seja qual for

o partido a que pertençam... Desejaria sobretudo ser ouvido pelos homens das novas gerações.» (a novíssima geração, como a minha, andava nos bancos da escola e viria a ser a principal afectada pelo desprezo com que este programa seria recebido pelo Regime e, para nossa infelicidade, esquecido e ignorado - se calhar, como ultrapassado - no futuro, quando, em Abril de 74, a Democracia se tornou possível).

Aparentemente, naquela época, com a queda do totalitarismo nazi-fascista, as propostas de Domingues dos Santos estavam a ganhar terreno e condições de aceitação pelos que defendiam o regresso aos valores políticos anulados pelo Estado Novo, novamente activos após a II Guerra Mundial. Não admira, portanto, o entusiasmo das suas palavras: assisto hoje com muito prazer e com certo orgulho, ao triunfo das ideias a que sacrifiquei a melhor parte da minha vida. E citava Anatole France: *Lentement, mais toujours, l'humanité réalise le rêve des sages*. Infelizmente, enganou-se. A Guerra Fria e a divisão da Europa e das forças que combateram Hitler e Mussolini, em blocos antagónicos, fariam ruir as esperanças do regresso do país ao seio das democracias. Impunha-se, todavia, o combate a ideias propaladas pela Ditadura, acerca do passado, personificado na I República, causadoras de desconfiança para com aqueles que (...) tiveram de lutar e agir em tempos diferentes e em condições bem difíceis. E, sobre isso, dizia: Em vez de denegrir sistematicamente o passado, é na simbiose do passado e do presente que eu entrevejo o germe fecundo da futura ressurreição de Portugal Democrático. (...) para honra da República, eu devo declarar que, na sua generalidade, os homens dos velhos partidos não traíram: nem antes, nem depois do 28 de Maio.

E para que não restassem dúvidas sobre o que pretendiam os políticos que defendiam o regresso das instituições da I República, advertia sob o título expressivo de “NEM O QUE ESTÁ, NEM O QUE ESTAVA”: estou bem longe de preconizar um regresso, puro e simples, aos métodos e costumes políticos em vigor antes do famoso 28 de Maio. Já por mais de uma vez o afirmei: não posso aceitar o que está, mas também não desejo o que estava. E salientava uma perspectiva hoje apagada da vida pública pelos tecnocratas e profissionais dos aparelhos, pouco interessados no progresso da grei. Perspectiva que, para ele significava o bem-estar da maioria da população. E, em última análise, a defesa dos direitos dos Cidadãos, através da equidade e isenção dos órgãos do Estado: O conceito de Democracia – que tem como característica essencial a tendência permanente para o aperfeiçoamento e dignificação da personalidade humana e é, como expressão política o governo do Povo, pelo Povo e para o Povo – terá de concretizar em novas fórmulas institucionais, os imperativos daquela “Revolução dos factos”.

Defendia também outro conceito espezinhado pelos que se apropriaram em benefício próprio das chamadas «amplas liberdades», com utilização da fraqueza da democracia chamada permissividade: *a ideia de liberdade implica, no seu conceito fundamental, a ideia de obrigação, de disciplina. Ser livre é também ser responsável. Não é digno da liberdade aquele que dela se serve apenas para assegurar a defesa dos seus próprios interesses ou dos seus privilégios*. E reafirmava um valor essencial, que, muitos ditos democratas fingem ignorar ou, mais do que isso, parecem esforçar-se por afastar do seu horizonte: (...) *a Democracia, para assegurar a liberdade de todos, terá de se orientar no sentido da evolução económica e humana, libertando os trabalhadores, a economia nacional e o Estado da opressão das grandes conjunções económicas que, na mira exclusiva do lucro, exploram o trabalho*. E rematava: *Só desta forma, a Democracia económica e social poderá assegurar a plenitude da Democracia política e, a todos, a igualdade de direitos e a garantia efectiva das liberdades humanas – liberdade de consciência, de associação, de reunião e de manifestação*. Como se verifica, não era preciso ser-se perigoso conspirador, para defender uma sociedade mais justa e solidária. Em liberdade.

No respeitante à “ORGANIZAÇÃO DO ESTADO REPUBLICANO” começava por reiterar que *em Democracia, a elaboração dos programas é função dos partidos e não de um homem*. Não obstante, acreditava *poder apontar, sem faltar aos meus deveres de camaradagem nem às minhas obrigações de democrata, neste período em que todas as liberdades foram suprimidas, algumas ideias gerais que poderão servir de base à elaboração de programas futuros*. E defendia que um futuro governo deveria Garantir ao Povo a Liberdade, o Pão e a Instrução, o que nos obrigará a lutar pela Liberdade, contra a miséria e contra o analfabetismo. Não basta conquistar a Liberdade; é preciso defendê-la. E defendê-la

contra os seus inimigos declarados e contra aqueles que fingem servi-la para melhor a atraíçoarem. Para isso é indispensável organizar o Estado Republicano. Mas, lucidamente, denunciava factores que levaram tanto à auto-destruição como à destruição induzida pelos inimigos do regime que defendia: Os 16 anos de vigência do regime Republicano foram uma sucessão ininterrupta de lutas intensas, amarguradas, contra os inimigos da Liberdade, que ora a combatiam em franca rebeldia de armas na mão, ora, escondidos nos lugares de confiança que a República ingenuamente lhes havia entregado, entravam com mal disfarçada resistência passiva, a realização de todas as aspirações generosas dos governos democráticos. E acrescentava um imperativo tão esquecido quanto essencial: não há República sem republicanos a construí-la, honrarem e defendê-la.

Com convicção e sentido dos deveres perante a sociedade, num processo em que o Estado desempenha decisivo papel como juiz, árbitro e facilitador (que diferença, relativamente ao modo, como alguns destes aspectos têm sido tratados em tempos recentes...), não hesitava em escrever: O Estado não é uma abstração, mas uma realidade representada pelos homens que o constituem. Será bom ou mau conforme forem bons ou maus os seus servidores. Não há bom governo sem uma inteligente e leal colaboração entre Ministros e Funcionários. O governo moderno requer saber, reclama o auxílio de técnicos inteligentes e exige uma lealdade absoluta da parte daqueles que teem por missão aconselhar os Ministros ou executar as suas ordens. Não basta que o Funcionário seja competente (é tão vago este conceito de competencia...) deve ser indispensavel que ele seja tambem democrata. Só o funcionário integrado no pensamento e na finalidade do regime que é chamado a servir, terá o civismo e a dedicação que são a garantia do zêlo, lealdade e entusiasmo que devem ser postos ao serviço da colectividade. Este princípio é, de resto, uma questão de decôro tanto para o Estado como para o Funcionário. Por outro lado, uma vez este escolhido com o cuidado e o escrúpulo que um tal problema merece, o Estado deve assegurar-lhe a necessária liberdade de movimentos e de iniciativa, garantindo-lhe o prestígio e a autoridade indispensaveis para que ele bem possa cumprir a sua missão. Só o Funcionário prestigiado e responsável terá o gosto da acção, o culto da competência que são indispensaveis á boa marcha dos negócios públicos.

No que dizia respeito às “BASES DE UMA NOVA ESTRUTURA ECONÓMICA” as propostas de Domingues dos Santos, além de premonitórias, quase parecem designar situações vividas nos nossos dias, na consequência da crise social provocada pelas contradições de um capitalismo agressivamente liberal. Coerente com um pensamento temperado pela prática política e a maturidade da experiência do exílio, insistia no papel e responsabilidade do Estado para o aperfeiçoamento de uma nova estrutura económica. Dando resposta, à distância de 70 anos, a certas vozes actuais reafirmava que aos representantes da Democracia não incumbia apenas a conquista do poder político. Mais do que isso, impunha-se a assunção de responsabilidades da Administração Pública como garante da estabilidade e da justiça, também no plano económico. Curiosamente, o documento falava da falência do sistema capitalista e da substituição dos monopólios, linguagem que os próceres do Regime então vigente deveriam considerar subversiva: (...) esta é a hora em que o Estado tem de intervir de maneira decisiva para assentar as bases de uma nova estrutura económica, condição essencial de uma verdadeira Democracia. (...) O Mundo Moderno debate-se numa pavorosa crise económica, consequência da falência do sistema capitalista, que, por toda a parte, se mostra impotente para resolver os problemas que ele mesmo criou. Organizar uma nova economia com o fim de estabelecer uma harmoniosa coordenação da produção, da distribuição e do consumo; criar largos sectores económicos, plenamente autónomos, em substituição dos grandes monopólios de facto (explorados até hoje em prejuizo dos produtores e consumidores e em benefício exclusivo das oligarquias) sob a gerencia efectiva de todas as forças activas do trabalho, do pensamento e dos representantes dos interesses gerais da Nação, são medidas de imperiosa necessidade.

Adiantava depois uma série de medidas sob a égide de um governo democrático, algumas das quais equivaleriam a verdadeira revolução no respeitante à intervenção do Estado nas alavancas do desenvolvimento: *a) Nacionalização dos bancos emissôres e, em especial, do Banco de Portugal, transferindo-se para este instituto, mediante providências adequadas, os títulos necessários para lhe assegurar uma influência preponderante na direcção dos grandes organismos Bancários que exercem,*

actualmente, no seu conjunto, o monopólio do crédito; b) Coordenação, sob a direcção do Estado, da actividade financeira do Banco de Portugal, com a das instituições submetidas á tutela do Estado, tais como Caixa Geral dos Depósitos e Crédito Predial; c) Nacionalização das grandes Empresas que exploram serviços públicos de interesse colectivo ou nacional, tais como transportes, energia eléctrica, moagem, tabacos, fósforos, etc. Pretendia ainda o incentivo e apoio de sectores, hoje ameaçados, moribundos ou trucidados pelos grandes grupos; d) Protecção à pequena indústria e ao pequeno comércio no sentido de lhes facilitar o crédito e libertá-los do domínio das grandes congregações económicas. Em matéria de política agrícola, a perspectiva de Domingues dos Santos contemplava uma reforma agrária com base na municipalização (e não na Estatização) e o desenvolvimento do Cooperativismo; e) Reforma agrária no sentido da municipalização dos latifúndios e utilização dos baldios e incultos e sua distribuição pelos trabalhadores agrícolas e camponêses pobres, sob a protecção e ajuda do Estado; f) Auxílio ás cooperativas agrícolas, regulamentação de crédito agrícola generalizado á pequena lavoura, entrega de adubos ao preço do custo, revisão dos contratos de terra em sentido favorável aquêles que a trabalham.

E, consciente de que sem instrução generalizada e democratização do acesso ao conhecimento não haveria um Estado desenvolvido, o Programa pugnavia pela reformulação do Sistema Educativo: *g) Reforma e democratização do ensino Público segundo o princípio da Escola única, laica e gratuita; h) Criação de crêches, jardins de infância e cantinas escolares que forneçam aos alunos uma refeição quente por dia, assim como livros e material escolar; i) Criação de edifícios escolares por todo o País; j) Bolsas de estudo e medidas de protecção para os estudantes pobres em todos os graus de ensino.*

O flagelo de certas patologias que então nos atingiam – designadamente no seio das classes economicamente débeis – e o estabelecimento de princípios de saúde pública conducentes à melhoria da qualidade de vida da população, eram também indicados. E incrementava-se, como programa político, a luta contra o cancro!: *k) Luta contra as doenças contagiosas e, em especial, contra a tuberculose, sífilis, lepra, luta contra o cancro e o alcoolismo; l) Maternidades, balneários e cultura desportiva devidamente orientada; De igual modo, os direitos sociais dos trabalhadores e, já então, o enfrentamento dos problemas ligados ao trabalho feminino e infantil, mereceriam cuidados especiais; m) Restabelecimento e cumprimento efectivo da legislação social existente antes do 28 de Maio (leis referentes ao Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios contra os desastres no trabalho, doença, invalidês e velhice; n) Fixação de tabelas de salários mínimos para todos os trabalhadores de acôrdo com os Sindicatos Profissionais; o) Medidas de protecção ao trabalho feminino e juvenil.*

Apesar de propor a reforma das instituições, do aparelho de Estado e da própria vida cívica, Domingues dos Santos – ao arrepio da campanha contra eles movida pela Ditadura - não deixava de enaltecer A UTILIDADE DOS PARTIDOS. As suas palavras não podem ser mais explícitas: sem partidos não haveria regime democrático. No entanto, propunha (e seria útil que muitos responsáveis partidários de agora lessem estas palavras) a reformulação da actividade dos mesmos. Defendia que, para enfrentar os grandes problemas da Pátria e resolvê-los «com utilidade e eficácia», se impunha o Apoio decidido das grandes massas do Povo Português, enquadradas em partidos políticos. As dificuldades resultantes da resistência, aberta ou disfarçada, dos inimigos da Democracia e dos interesses pessoais lesados, só poderão ser vencidas se as soluções tiverem aquêle apoio. Daí a utilidade e a necessidade dos partidos políticos. E denunciava o cerceamento da sua actividade e o ataque à essência do regime democrático perpetrado pela Ditadura: *Eu não ignoro as campanhas da injúria e difamação de que foram alvo todos os partidos políticos existentes antes do 28 de Maio. Essas campanhas, sustentadas ostensivamente pelos vários regimes totalitários, acabaram por criar uma certa confusão nos espíritos. Reafirmando inequívoca profissão de fé na função dos partidos, insistia, porém, na redefinição do seu funcionamento e objectivos. E não deixava de alertar para as perversões que as lembranças da I República converteram em armas utilizadas pelos adversários da democracia contra a vida partidária: Mas a tenacidade com que os regimes totalitários combateram e combatem a existência dos partidos, revela-nos, em contra-partida, quanto estes são úteis e necessários para a defeza da Democracia. Ao contrário do que proclamavam e proclamam os pontífices do fascismo e seus adeptos, conscientes ou inconscientes, eu creio que os partidos políticos, bem organizados e fortemente disciplinados, constituídos em volta de uma doutrina e de um grande Ideal, são indispensaveis á vida da Democracia. Eles esclarecem a opinião pública, canalizam e enquadram as grandes correntes,*

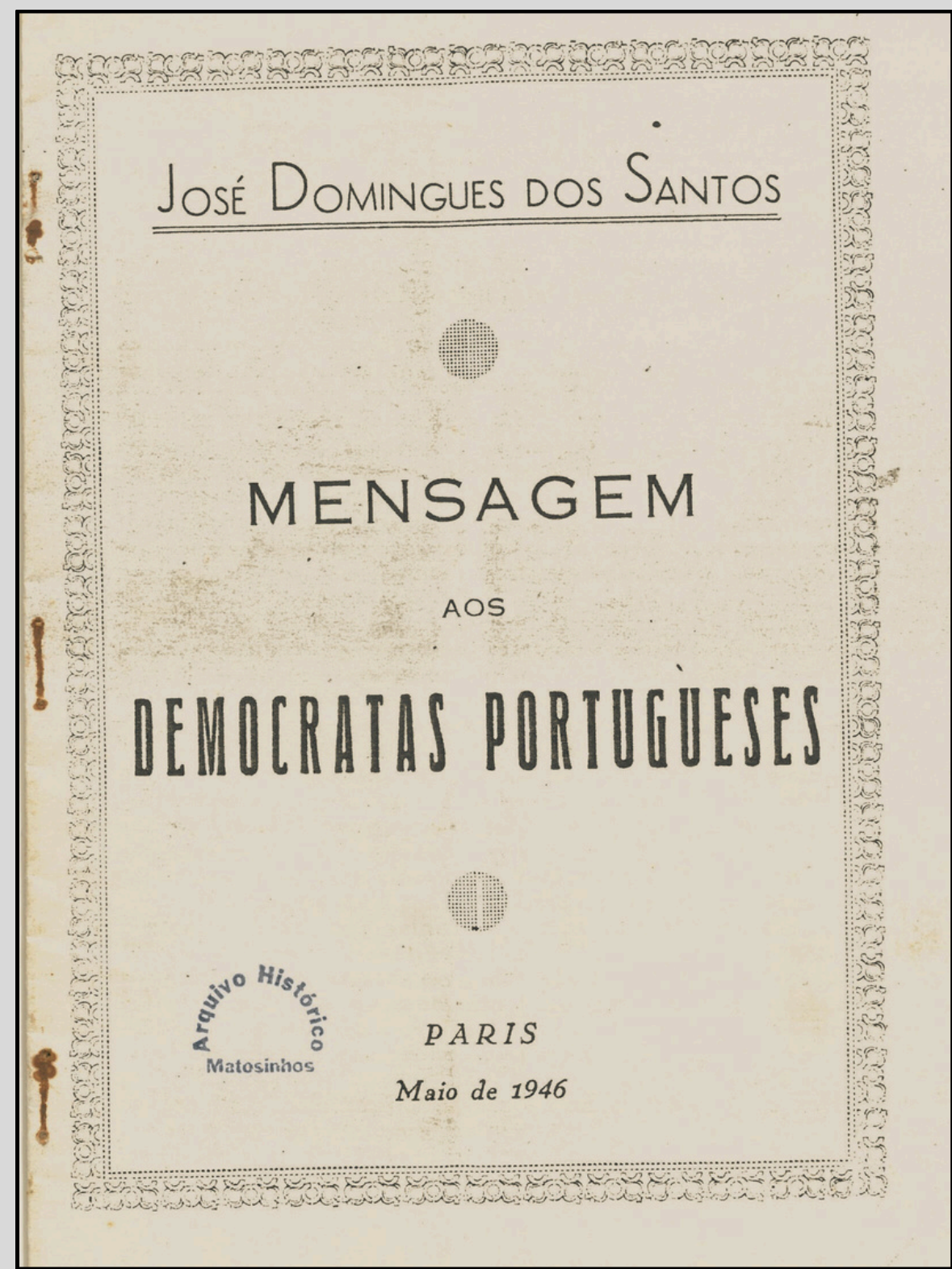
disciplinam as vontades dispersas; São eles que podem fiscalizar eficazmente o bom funcionamento das instituições e garantem o respeito á vontade Nacional.

Consciente de que as lutas e conflitos partidários tinham conduzido, antes de 1926, o Estado Republicano a um beco sem saída, Domingues dos Santos propunha, no âmbito da actividade partidária, ampla reforma (como deveria ser ouvido pelos responsáveis actuais do espectro partidário, cada vez mais desvinculado da população que começa a manifestar-lhe a sua indiferença!): *É dentro deste critério que eu desejaria vêr reconstituídos os partidos que devem servir, de futuro, a Democracia Portuguesa. Partidos antigos ou partidos novos, eles só poderão viver e realizar a missão a que serão chamados, se procederem a um rigoroso exame de consciência, adaptando as suas doutrinas ás exigencias do Mundo Moderno, reorganizando os seus quadros com meticoloso cuidado (sem hesitar em os sanear com a exclusão dos elementos indesejáveis) e estudando os métodos mais apropriados para assegurar a vida e a estabilidade das instituições republicanas. A Democracia é o único sistema político de legitimidade orgânica. Aos partidos cumpre agir de forma que Ela seja também a técnica da legitimidade permanente.*

E, sob o lema PREPAREMOS O FUTURO, encerrava o documento (infelizmente não concretizado – se o fosse a situação actual seria provavelmente diferente e amadurecida através de uma efectiva renovação e aprofundamento da Democracia), dizendo: *o pior inimigo da verdade não é o erro mas a inacção. E podemos dizer ainda que o mais inquietante sintoma sobre a Vida de um Povo, não é que ele cometa erros, mas que se deixe adormecer sobre as suas ideias justas, tornadas ideias mortas.*

.....Tenho pena de que, como afirmação dos valores republicanos e da dignidade democrática, este Programa não seja conhecido como testemunho de uma personalidade para quem a política significava convicções e coerência cívica. E, sobretudo, servindo a República, servir o Bem-Comum. Em 2 de Maio de 1954, José Domingues dos Santos regressaria a Portugal, passando a residir no Porto, vivendo da advocacia. Manteria a colaboração no Jornal “República”, vindo a fazer parte do Directório Democrata-Social. Em Maio de 1957, aquando do seu 70.o aniversário, opositores desta cidade e vindos de outras localidades, oferecer-lhe-iam, no Grande Hotel do Império, na Batalha, um jantar de homenagem presidido pelo velho republicano Coronel Hélder Ribeiro. Um ano depois, afirmava o apoio à candidatura de Humberto Delgado à Presidência da República e, reiterando o apego aos ideais democráticos, insistia em que *os partidos políticos devem ser o laboratório constante de informação e de estudos fornecendo, pelo confronto dos seus programas, toda a substância da actividade nacional. E, luminosamente, dizia, quase como advertência para o futuro: O problema essencial da nossa época consiste em dotar o Estado com instituições democráticas, com instituições tais que as tornem intangíveis, ordenadas e eficazes. Isso só resultará do estudo paciente, aturado técnico e científico. Não pode ser obra de improvisação: esta só conduz à aventura e à demagogia.*

Em 16 de Agosto de 1958, na sua casa, austera e arquitectonicamente Deco da Rua do Paraíso, morria José Domingues dos Santos. Legou-nos um exemplo de dignidade e perseverança de um republicano implicado na construção de um país com futuro. E sobretudo mais justo. Ainda haverá quem esteja interessado em escutar as suas palavras?



CASA DO INFANTE

por Francisco Mesquita Guimarães

Na crónica publicada em A Fonte de 2019 sobre A Feitoria Inglesa, referi que posteriormente apresentaria o resto da visita efectuada naquele dia 17 de Julho de 2003 à Casa do Infante, o que estou a cumprir não só por essa razão mas também para referir a extraordinária importância para nós todos, Tripeiros e não Tripeiros, da exposição, que aí estará sediada até Setembro 2020, “1820. Revolução Liberal do Porto” comissariada pelo Prof. José Manuel Lopes Cordeiro, inserida no programa comemorativo dos 200 anos daquela revolução, superiormente coordenado pelo saudoso Dr. Pedro Baptista, com quem tive o privilégio de conviver nos tempos conturbados dos finais dos anos sessenta, princípios dos anos setenta, antes da “revolução” do 25 de abril de 1974.

Assim, depois de almoço, fomos recebidos pelo Sr. Dr. Manuel Luís Real e pela Sra. Dra. Paula, que depois nos acompanhou na visita.

O Sr. Dr. Manuel Real conduziu-nos para o auditório existente na 2a cave, começando por realçar o interesse deste pólo museológico em ter visitas do género da que estava a receber, pois será a melhor e mais eficaz forma de divulgação do já feito e ainda do muito que há para fazer.

De forma resumida os pontos por ele focados foram:

- As rivalidades e lutas pela cobrança de impostos foram uma constante no tempo entre os nossos 1os Reis e o Bispo do Porto a quem a Condessa D.a Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, tinha dado o Couto do Porto. D. Afonso IV inteligentemente e considerando que um dos limites do Couto era o Rio da Vila, mandou o seu almoxarife (seria à data o Ministro das Finanças) João Anes Gordo construir a Alfândega fora daqueles limites e assim passou a usufruir das competentes receitas, o que obviamente piorou as relações entre os 2 poderes;
- O edifício em que nos encontrávamos, na nossa história já foi Alfândega (obra iniciada em 1325), Paço Real, Casa da Moeda e Contadoria da Fazenda Pública. Nas últimas obras efectuadas foram encontrados vestígios de um Palácio Romano do século IV da nossa era, que se presume tenha estado ligado a funções aduaneiras ou portuárias. Esta descoberta faz com que em vez de uns 700 anos de história tenhamos de passar a considerar 1.700 anos de história, o que à nossa escala é significativo não só pelo tempo em si, mas fundamentalmente pela importância do local;
- Quanto ao nascimento do Infante D. Henrique neste local em 4 de Março de 1394, é um facto quase certo, pois o Infante D. Duarte nasceu em 1391 em Viseu na casa do almoxarife local, e El-Rei D. João I esteve instalado no Porto em 1394 entre os meses de Fevereiro a Novembro, presume-se em casa do almoxarife;
- Hoje com a função de Arquivo Histórico, estão aqui documentos de extrema importância, dos quais serão de realçar: Pergaminho de 1286; Contas do baptizado do Infante D. Henrique; Livros de contas do município do século XV; Livros de impostos desde a Idade Média; Termo do Porto de D. João I; Forais Manuelinos do Porto (com as Armas da Cidade e de Portugal) de Vila Nova de Gaia de Matosinhos de Gondomar e de Aguiar de Sousa (século XVI);

Arquivo de projectos do edificado, já organizado até 1930, em organização até 1970 e para organização posterior até 1980. O arquivo histórico existente na Torre do Tombo só vai até ao ano de 1600, dado Alexandre Herculano ter considerado aquela data como o Marco do Passado. Devido às necessidades específicas de um arquivo e deste tipo, foram desenvolvidos trabalhos de arqueologia e investigação complementados por um cuidado e qualificado trabalho de arquitectura.

Notas:

A Condessa D. Teresa doou o Couto do Porto ao bispo D. Hugo em 18 de Abril de 1120, tendo aquele bispo no ano de 1123 dado o 1o Foral à cidade.

Aquando da construção da Alfândega Real, o bispo do Porto era D. Vasco Martins, nomeado pelo Papa João XXII,

residente em Avinhão e onde o bispo se deixou ficar. A sua vinda para a cidade só se deu em 1355 por imposição do Papa Bento XII. A desavença com D. Afonso IV, mal-grado algumas cedências reais, acabou por originar um levantamento popular, com o bispo cercado na Torre da Sé. Por influência de alguns burgueses o bispo pôde fugir, tendo na altura excomungado todos os portuenses e aqueles que os apoiassem. Esta situação de luta entre o Bispado e a Casa Real só ficou resolvida em 13 de Abril de 1406 quando o bispo D. Gil Alma vendeu o senhorio do Porto ao Rei D. João I.

O Infante D. Henrique (1394/1460) como já foi dito nasceu no Porto em 1394, só tornando à sua cidade natal em 1415 para directamente coordenar a organização da esquadra para a conquista de Ceuta [da preparação desta esquadra terá (???) resultado a denominação de Tripeiros para os habitantes do Porto].

O Infante foi Comendador da Ordem Militar de Cristo (herdeira do património da Ordem Militar do Templo - Templários) a partir de 1420 o que lhe proporcionou um enorme poderio económico. As Descobertas Marítimas foram altamente patrocinadas pela sua Casa Ducal e pela dita Ordem destacando-se as seguintes descobertas:

- 1419 - Descoberta da Madeira;
- 1427 - Descoberta dos Açores;
- 1434 - Dobragem do Cabo Bojador, e
- 1460 - Chegada à Serra Leoa (o Infante morreu em 13 de Novembro deste ano).

As homenagens ao Príncipe das Descobertas, nesta sua cidade natal, foram as seguintes:

- 1894 - Colocação de placa comemorativa na fachada da Alfândega Velha aquando do 5o Centenário do seu nascimento;
- 1900 - Colocação na praça com o seu nome de estátua em sua honra, do escultor Tomás da Costa, com inauguração pelo Rei D. Carlos I;
- 1960- O 5o Centenário da sua morte foi lembrado com uma procissão no rio Douro recriando a partida da Esquadra de Ceuta (1415) e inauguração no Largo do Calém de uma peça escultórica da autoria de Lagoa Henriques comemorando essa partida, e
- 1994 - O 6o Centenário do seu nascimento foi comemorado com a realização de uma exposição denominada de "Henrique - O navegador" e pela realização de uma Feira Medieval e pela recriação das festividades do baptismo do Príncipe. Nesse ano a regata The Cutty Sark tall ships race foi intitulada de Regata do Infante, tendo originado a entrada na barra do Douro de dezenas de magníficos veleiros de longo curso que animaram a cidade, dando-lhe um pouco do movimento que antes da construção do Porto de Leixões o Douro tinha. Esperemos que a projectada Marina da Alfândega (Nova) possa reanimar e removimentar o rio.

Deste início de visita é de realçar a qualidade da intervenção arquitectónica realizada, pois sem descaracterizar o imóvel permitiu: torná-lo funcional; eliminar-lhe as barreiras arquitectónicas ao seu uso por deficientes motores; criar a ilusão de que no auditório, 2 pisos abaixo do solo, existe luz natural, e fundamentalmente interligar de forma coerente e com qualidade o que resta de um conjunto de construções com vários séculos, repletas de adulterações e acrescentos com uma nova função, mantendo as marcas do passado e criando as condições necessárias para a criação do futuro

De seguida a Sra. Dra. Paula mostrou-nos os arquivos, e numa das salas tivemos o subido ensejo de ver algumas das preciosidades, que este Arquivo Histórico contém. Dessas destaco:

- O pergaminho com o Foral Manuelino de 1517 com as Armas da cidade do Porto e as Armas de Portugal;
- Uma "burra" com seis chaves, magnífica "mala de viagem", que pela "segurança" que aparenta deve ter transportado alguns tesouros;
- Os Forais de Vila Nova de Gaia, Matosinhos, Gondomar e Aguiar de Sousa (para nós que tanto defendemos que o que é da nossa cidade nela deve estar, pode parecer um pouco usurpatório o guardarmos tão importantes documentos de terras vizinhas, mas para além da razão histórica de essas terras terem pertencido ao "Termo do Porto", algumas ainda não possuem estruturas de âmbito cultural com a capacidade necessária para a preservação de tal património. Esperemos que as infra estruturas culturais se venham a desenvolver com conta peso e medida, permitindo que num futuro mais ou menos próximo se possa "dar" a "César o que é de César");
- As contas apresentadas à Edilidade com os custos do baptizado do Infante (não há dúvida de que as boas contas sempre foram um apanágio da nossa cidade);
- Uma série de plantas da cidade desde 1789 até 1950 - foi pena que o tempo útil de uma visita como esta não permitisse um estudo comparativo da evolução urbanística de uma zona predeterminada pois as surpresas, podem crer, são mais que muitas.

Notas:

Felizmente em 1992 na comemoração do 1o centenário da Carta de 1892 da autoria de Augusto Gerardo Teles Ferreira e com base no trabalho de pesquisa coordenado pelo Sr. Dr. Manuel Real a CMP editou um Álbum de Cartografia Portuense (Alguns exemplares anteriores à Carta de 1892), com uma tiragem de 1.000 exemplares, constituído pelas seguintes plantas:

1 - *Cidade do Porto (1813) - Planta redonda por George Balck - Colecção do Museu Nacional de Soares dos Reis*

É a mais antiga planta da cidade do Porto, que regista alguns factos ocorridos durante as invasões Napoleónicas. O desenho original encontra-se no Gabinete de estudos arqueológicos de engenharia militar. A gravura colorida é menos vulgar, existindo também uma versão impressa em seda de que o Arquivo Histórico Municipal do Porto possui um exemplar;

2 - *Plano da Cidade do Porto (anterior a 1824) - Por José Francisco de Paiva - Colecção do Arquivo Histórico Municipal do Porto*

Trata-se de uma planta inédita, anterior a 1824, data de falecimento do autor. Embora haja a notícia de outras 2 plantas baixas da cidade e de uma das margens do Douro, compradas pela câmara da mesma época à viúva de João Francisco Guimarães, esta carta constitui o levantamento de conjunto mais antigo hoje existente. Executado com estritos objectivos de gestão urbanística, ele é particularmente interessante porque assinala vários projectos em curso - alguns dos quais não se chegaram a concretizar - e por servir de controlo do sistema de iluminação da cidade, vendo-se implantada toda a rede de lampiões públicos;

3 - *OPORTO (1833) - Por W. B. Clarke - Colecção do Arquivo Histórico Municipal do Porto*

Os acontecimentos de 1832 - 1833 deram origem a uma multiplicidade de cartas militares, com a localização das linhas de tropas de D. Pedro IV e de D. Miguel assinalando as respectivas baterias e os locais onde ocorreram os combates mais importantes. No entanto, como reflexo da importância acrescida das ligações com o mar, confirmadas durante o Cerco do Porto, esta carta constitui uma das primeiras versões em que o centro histórico é inserido na mancha actual, com destaque para a orla oceânica;

4 - *Planta Topográfica da cidade do Porto (1839) - Por Joaquim da Costa Lima - Colecção do Arquivo Histórico Municipal do Porto*

Esta é a melhor representação do centro histórico realizada durante a primeira metade do século XIX. Dela foi incumbido Joaquim da Costa Lima, nomeado Arquitecto da cidade em 1837. A 8 de Fevereiro de 1840, a vereação ratificou a autorização dada pela câmara anterior a Luciano Simões de Carvalho, para que mandasse litografar a planta da cidade;

5 - *Planta da cidade do Porto (1865) - Por Frederico Perry Vidal - Colecção particular A presente carta constitui uma edição invulgar, de actualização da planta da autoria de F. Perry Vidal (1844). Esta reedição data de 1865, tendo como principal nota de interesse o facto de ser coeva da inauguração da Exposição Internacional e, pela primeira vez, aí vir representado o Palácio de Cristal.*

Na mesma altura (1992) foram publicadas as 6 folhas, à escala 1:500, do levantamento de Augusto Gerardo de Teles Ferreira constitutivas da Carta Topográfica do Porto de 1892, que claramente constituiu um marco fundamental do registo da evolução urbana da nossa cidade.

No ano de 1992 a CMP tinha iniciado um levantamento aerofotogramético da cidade de que resultou a digitalização do seu sistema cartográfico.

- Fotos antigas da Estação da linha da Póvoa na Rotunda da Boavista. Esta linha foi um investimento privado e teve como seu administrador o escritor Oliveira Martins, que durante esse tempo residiu na “Casa da Pedra” nas Águas Férreas;
- Um conjunto de fotos do convento da Ave-Maria, obra de grande qualidade, substituída nos inícios do século XX, por outra de não menor qualidade - A Estação de São Bento (Projecto do Arq. Marques da Silva com magníficos painéis de azulejo de Jorge Colaço);
- Fotos da Ponte Pênsil - Esta ponte foi construída na sequência do Desastre da Ponte das Barcas sucedido em 29 de Março de 1809 quando da 2ª invasão francesa. A Ponte das Barcas estava em funcionamento desde 14 de Agosto de 1806. A Ponte Pênsil, mais propriamente Ponte D. Maria II foi construída com base num projecto do Eng. Stanislau Bigault assessorado pelo Eng. Francisco da Rocha Soares e com fiscalização por parte do Eng. José Vitorino Damásio que foi o fundador da Associação Industrial. A Ponte Pênsil só foi inaugurada em 1843 e veio a ser substituída pela Ponte Luís I, da autoria do Eng. Teophile Seyrig a partir de 31 de Outubro de 1866. Esta ponte ao ter 2 tabuleiros, um na mesma à cota baixa e um outro à cota alta, originou uma enorme “revolução” urbanística na cidade, pois criou uma nova centralidade e um novo pólo de desenvolvimento urbano. Da Ponte Pênsil resistem os pilares do lado Norte (Porto), situados entre o acesso à Ponte Luís I e o Cais das Padeiras, em zona, hoje, felizmente muito bem recuperada. Falta contudo ser realçada a zona das Alminhas da Ponte com, por exemplo, a colocação integrada de painéis em vários idiomas permitindo aos milhares de turistas que anualmente visitam a Ribeira a tomada de consciência da tragédia causada pelo desmedido desejo de poder de Napoleão Bonaparte, um dos maiores “ladrões” do nosso património artístico, construído muito dele com os lucros (alguns ilícitos) da magnífica saga marítima portuguesa, que com um indomável e heroico fervor deu novos mundos ao mundo;

- As varas dos Vereadores Camarários que na Procissão do Corpus Christi desfilavam pela baixa citadina. Esta procissão que nos tempos de D. João V e mesmo até aos inícios do século XX foi a mais significativa e magnífica expressão da “religiosidade” portuguesa, infelizmente hoje já não se realiza na nossa cidade. Desta procissão restam, no Norte, 2 exemplares com algum significado, uma em Vila do Conde e a outra em Caminha, que, com os seus magníficos tapetes de flores, afloram ainda que ao de leve o esplendor de outrora;

Terminada esta etapa da visita, passamos a uma das áreas que reputo de mais interessante neste Arquivo Histórico, ou seja a sala em que das mais diversas formas temos acesso aos documentos de arquivo já devidamente tratados. Esta sala é um local a onde me desloco com alguma frequência, pois para além dos documentos a que posso aceder por análise directa ou por multimédia, há da parte das pessoas que lá trabalham uma atenção e bondade na ajuda de quem pretende obter qualquer informação assaz louvável. É também um local onde o meu orgulho de Tripeiro e a minha confiança no futuro são sempre alimentados, pois sempre que lá me desloco, fico muito satisfeito por ser o único “cota” que lá está, pois a idade média dos normais utilizadores situar-se-á entre os vinte e os trinta anos.

Para quem tiver alguma curiosidade pelo passado da nossa cidade, aconselho este local como uma hipótese magnífica de um bocado de tarde muito bem passado, sugerindo, por exemplo, o seguinte:

Todos nós já tivemos a curiosidade, não voyeurismo, de saber de quem teria sido um determinado palacete, como é que aquela zona teria sido antes da construção e mesmo se a curiosidade for maior, como a zona se desenvolveu até ao presente.

Não será, em muitos casos, difícil a satisfação dessa curiosidade. Começando por pesquisar nas fichas por Ruas, chegamos a um número de arquivo.

Indicando ao funcionário do balcão o mesmo, pouco depois obteremos um dossier com os alçados ou mesmo as plantas, o nome do proprietário e do projectista e o ano da obra. Depois passando para um PC obtemos a planta da zona antes da construção e seguidamente é ir obtendo as plantas posteriores para nos permitir analisar a evolução havida. Às vezes, as surpresas são muitas e agradáveis, mas também pode acontecer que a destruição provocada nos faça pensar na falta de discernimento de alguns dos nossos autarcas.

Como outra hipótese:

Porque não obter os custos suportados pela edilidade na Procissão do Corpus Christi de um determinado ano, e pela análise dos mesmos imaginar a sumptuosidade que terá tido.

Este tipo de actividade numa 3a ou 4a idade (já existe a 5a idade) pode ser complementada com outras numa forma inteligente de “pôr o cérebro a trabalhar”, pois ele só se deteriora pelo não uso. De seguida atravessamos o pátio entre o que foram as 2 torres constituintes do edifício primitivo mandado construir por D. Afonso IV. Aqui perduram alguns dos elementos “originais” tais como: calçada, aduela do arco da torre medieval e muro oeste do pátio com a soleira da porta primitiva Alfândega.

Destaca-se ainda uma epígrafe comemorativa da ampliação da Alfândega em 1432 na qual se pode ler:

Este : portal : ma(n)d
ou : fazer . honrad
o : graviel : g(onça)l(ve)z o p(ro)vi
an(us)Y . qE trinta : dous

e uma outra:

Príncipe Pedro MDCLXXVII
Gentil homem Marquês de
Fronteira
Vedor da Fazenda

Esta última está na parede situada entre as 2 torres por cima da porta de acesso ao armazém principal da Alfândega (actualmente está em obras de recuperação para posterior abertura ao público).

Como curiosidade um dos mais famosos Juizes da Alfândega foi Álvaro Anes de Cernache (da família do comandante da Ala dos Namorados na Batalha de Aljubarrota). Membros da família Cernache exerceram cargo de juizes da Alfândega até finais do século XVI. Será de não deixar de focar os Sás que durante séculos foram os Alcaides-mores do Porto, e os Brandões Pereira que exerceram durante várias gerações o ofício de Tesoureiro da Moeda e Contadores da Fazenda. Estas famílias portuenses emergiram de algum anonimato na sequência da crise dinástica de 1385, correspondente à passagem da 1a dinastia – Afonsina ou de Borgonha – para a 2a dinastia – de Avis – e devido ao apoio então dado ao Mestre de Avis, contra Leonor Teles e o Conde Andeiro.

A Torre Norte à qual agora nos dirigimos tem por base a construção original do século XIV (1325), obra a cargo do mestre João Anes Melacho, e seria constituída por 5 pisos com funções administrativas e de habitação. Posteriormente no século XVI ter-se-á aumentado o pé direito dos vários pisos por anulação de um deles (há cravações nas paredes que o consubstanciam). No século XVII a torre foi parcialmente demolida passando a ter somente funções administrativas. Finalmente no século XVIII é criado um piso intermédio no espaço remanescente da torre, e aberta uma porta para o então corpo principal do Alfândega situado do lado poente.

Esta descrição sumária consta de um vídeo em funcionamento contínuo passando num monitor situado após a entrada do lado esquerdo, e que de uma forma didáctica trata a evolução da construção e suas alterações desde o século XIV até aos nossos dias. Considero que vale a pena ver e rever, pois de forma genérica não há mais completa e perfeita descrição da evolução construtiva do conjunto arquitectónico.

Neste mesmo piso e do lado direito encontra-se a reprodução de um mosaico romano do século IV, descoberto, como já dito, nas últimas escavações efectuadas. O verdadeiro mosaico depois de devidamente consolidado e protegido foi de novo aterrado. Esta opção, em locais com acessibilidade complicada, é hoje em dia considerada uma das mais interessantes, pois não altera a localização primitiva e através de vídeo garante-se a visualização do achado. Paralelamente foram criados um conjunto de painéis explicativos do achado, com fotografias do mesmo e, para uma melhor “visualização” do mosaico, foi recriada uma réplica no pavimento. A descoberta deste mosaico foi extraordinariamente importante, pois pela qualidade do mesmo deduziu-se ter pertencido a um Palácio Romano do século IV d.C. e provavelmente ligado a actividades comerciais e portuárias, além de se tratar, para já, da mais significativa descoberta de tal tipo de mosaico no norte do nosso país. Os grandes exemplares deste tipo de mosaico estão em Conímbriga (Coimbra) e em São Cucufate (Vidigueira).

Do interior primitivo desta torre, nada resta, a não ser elementos estruturais nas paredes, como apoios para encastamento de vigas, janelas, janela geminada com bancos laterais ou “conversadeiras”, soleira de fogão, vestígios de porta e de lintel de janela. Havia uma janela dupla Manuelina, que em tempos foi desmontada e levada, segundo dizem, para a Quinta da Aveleda. De forma inteligente, o espaço interior foi dotado de uma estrutura metálica com piso em ripado de madeira, com os pisos ligados por escadas e assegurando o usufruto total a deficientes por uma plataforma elevatória acompanhando a escada.

No piso superior foi construída uma maqueta da cidade, a qual não corresponde a nenhuma época específica, mas procura de forma inteligente abarcar do Núcleo de Penaventosa (antiga Muralha Sueva), até à Muralha Fernandina e mesmo um pouco mais, entrando pelo século XV. Assim esta maqueta permite-nos visualizar mais ou menos 4 a 5 séculos da cidade, fundamentalmente no intra-muros. A maqueta está dotada de “n” pontos explicativos, ou seja, há um painel frontal com as mais diversas referências, com um botão junto de cada uma que, ao ser accionado, faz acender um pequeno piloto vermelho na maqueta junto da respectiva correspondência, dando ainda origem à emissão de um sucinto texto explicativo. Na nossa visita não foi possível “ouvir” todas as explicações, mas é um exercício interessante e que com algumas passagens pelo local se consegue

(até é de *borla* e a Ribeira fica mesmo ao lado). Não sendo lógico referir todos os botões, vou referir alguns deles por razões de “proximidade”:

- Organização Espacial:
 - Muralha Sueva ou do Bispo;
 - Muralha Fernandina;
 - Zona do Olival e Judiaria;
 - Zona das Hortas do Bispo;
 - Zona da Lada e da Ribeira;
 - Zona dos Banhos (casas para banhos públicos, fora da muralha e junto à Porta Nobre);
 - Subúrbio de Santo Ildefonso;
 - Subúrbio de Miragaia (Taracenas – o maior estaleiro naval português segundo Fernão Lopes – século XV).
- Religião e Assistência:
 - Sé Catedral;
 - Igreja de São Nicolau;
 - Mosteiros Mendicantes (São Francisco – parcialmente ocupado pelo Palácio da Bolsa / São Domingos – mais tarde Banco de Portugal, depois Companhia de Seguros Douro e futuramente pólo cultural / Santa Clara / Santo Elói – actual Palacete das Cardosas);
 - Igrejas fora de portas (São Pedro – Miragaia / Santo Ildefonso / Santa Cruz – Calvário Velho e hoje São José das Taipas);
 - Sinagogas (A 1a junto à Porta de Santana, a 2a no quarteirão dos banhos, a 3a em Monchique – Monte dos Judeus – século XIV, e a última na Vitória – a Igreja de Santa Maria da Vitória terá sido construída “por cima” dos seus escombros e chamada da Vitória por “significar” a vitória do Cristianismo sobre o Judaísmo – e “viva” a “Santa” Inquisição);
 - Hospitais (Rocamador – na Rua das Flores / São Crispim – na Rua da Banharia / Santa Clara – na Rua dos Mercadores / Espírito Santo – entre as Virtudes e São Pedro de Miragaia / Gafaria de São Lázaro – na Rua das Fontainhas e inicialmente no local da Igreja de São Nicolau).
- Habitações Senhoriais e Burguesas de destaque:
 - Paço do Bispo;
 - Paço de João Rodrigues de Sá (Alcaides mor);
 - Casa de Álvaro Anes de Cernache (Juiz da Alfândega, Alferes da Ala dos Namorados e Senhor de Gaia);
 - Casa dos Brandões Pereira (Contadores da Fazenda);
 - Torre do Bispo João Afonso Aranha (Bispo entre 1408 e 1414 com casa torre na zona dos banhos);
 - Torre de Álvaro Gonçalves da Maia (Vedor da Fazenda);
 - Torre dos Baldaias (Afonso Gonçalves Baldaia foi copeiro do Infante D. Henrique e explorou a costa africana);
 - Casa de Pêro Vaz de Caminha (na Rua Nova em local onde mais tarde foi aberta a Rua de São João);
 - Torres de João Martins Ferreira (Mercador – Vereador e Juiz do Concelho / uma ficava na Rua dos Mercadores e a outra entre o Olival e Cedofeita);
 - Torre de Pedro Sem (Ouvidor e chanceler mor do Rei D. Afonso IV – o tal “...*que já teve e agora não tem...*”).
- Diversos:

Referem-se às zonas das hortas e olivais, tendas e feiras, açougues, porto comercial, ourivesarias, ferrarias, latoarias, fornos de cal, pelames e tinturarias, moinhos, rio da Vila, pelourinho, picota do bispo e forca, cemitério dos judeus, pinheiro da marca, pesqueiros, latrinas públicas, grande incêndios e conflitos. Dos incêndios considero dever realçar:

 - Em 1391 na Rua das Tendas, e
 - Em 1497 na Praça da Ribeira.

Em relação aos conflitos, os mesmos deveram-se à Lei especial de D. Dinis que assegurou como privilégio dos habitantes do Porto um anterior acórdão camarário que proibia que Fidalgos, Escudeiros e Abades Beneditinos pernoitassem na cidade mais de 3 dias ou aí tivessem morada. Esta Lei pretendia assegurar “protecção” às mulheres e filhas dos comerciantes durante as suas ausências em negócio, assegurar uma não isenção de impostos e procurar diminuir as brigas entre Nobres e Burgueses por razões de comércio. D. Manuel I em 1503 derogou esta Lei, mas mais ou menos 3 anos depois viu-se obrigado a tornar a ratificá-la, acabando a Lei por entrar em desuso por concessão própria e não por imposição. Destes conflitos serão de realçar:

- Com o fidalgo Rui Pereira – Senhor de Santa Maria da Feira que ultrapassou os 3 dias que podia pernoitar na cidade, numa casa da Rua Nova originando um tumulto popular com o incêndio da casa, prisão do fidalgo e sua expulsão da cidade (Bons velhos tempos em que os Tripeiros eram homens por inteiro – não estou a defender a acção conflituosa em si, mas sim a intransigente defesa dos privilégios que o povo da cidade tinha), e
- Com o fidalgo Fernão Coutinho – Senhor da Maia, que não obteve licença para construir uma casa em Monchique em terrenos que tinha adquirido.

Será ainda de referir:

- Quiosque Informático

Aqui será possível verificar os principais produtos negociados (têxteis, cerâmicas, louças e azulejos), os portos com maior ligação (França, Inglaterra – Essex, Flandres, Boémia, Holanda – Haarlem, Alemanha – Augsburgo, Espanha – Valência e Itália – Génova e Toscana) e as embarcações usadas;

- Regimento da Alfândega – digamos a sua “lei” específica;
- Procedimentos de Alfandegagem – princípios muito claros dos procedimentos necessários para a importação ou exportação,
- Medidas – os Pesos e Medidas, pode dizer-se que nada tinham a ver com aqueles que hoje usamos e mesmo dentro de Portugal para já não falar na Europa, variavam de local para local. A 1ª reforma consistente do nosso sistema de Pesos e Medidas foi promulgado em 1499 pelas Ordenações Manuelinas. Pelo estranho de alguns dos nomes das Medidas e dos valores em comparação com o actual Sistema Métrico permito-me transcrever:

Pesos:

1. Quintal–4arrobas–58,72kg
2. Arroba–32arráteis–14,688kg
3. Arrátel–2marcos–0,459kg
4. Marco–“unidade”–229,5gr
5. Onça–1/8domarco–28,687gr
6. Oitavo–1/8daonça–3,585gr
7. Escrópulo–1/24daonça–1,195gr
8. Grão–1/24doEscrópulo–0,049gr

Medidas de comprimento:

1. Braça–6pés–184cm
2. Vara–5palmos–110cm
3. Meibraça–3pés–92cm
4. Còvado–3palmos–66cm
5. Meivara–2,5palmos–55cm
6. Meiocòvado–1,5palmos–33cm
7. Palmo–“unidade”–22cm

Medidas de capacidade (sólidos):

1. Alqueire–“unidade”–13,8l
2. Meioalqueire–6,9l
3. Quarta–3,45l

Medidas de capacidade (líquidos):

1. Almude – “unidade” – 25,8 l (Porto)
2. Canada – 1/12 do almude – 2,15 l
3. Meiacanada – 1,075 l
4. Quartilho – 0,5375 l (era considerado como o 1/2 litro)
5. Meio quartilho – 0,26875 l

- Contar ou calcular – Para a contagem dos produtos eram usadas as mais diversas marcas (patelas, bolas ou seixos), e para o cálculo dos impostos eram usados os Ábacos e os Tabuleiros de contar dos mais simples aos mais sofisticados. No século XVI, um mercador da cidade de nome Bento Fernandes mandou editar um “Tratado da Arte de Arismética ...” com o intuito de facilitar o ensino das operações de cálculo.
- Selar – Alguns produtos por razões de proveniência ou destino careciam de ser “selados”, o que era assegurado por selos de cera ou de chumbo.

Todas estas indicações constam de vitrinas e painéis, que obviamente contêm muita mais informação, mas que penso ter conseguido resumir.

E assim terminou esta visita.

É de ter em atenção que esta descrição da Casa do Infante foi feita à data de 2003, de onde há que ter em atenção algumas, ainda que pequenas alterações.

Bibliografia consultada e da qual foi recolhida informação:

1. Roteiro – Casa do Infante – A Alfândega e o Infante D. Henrique – Porto – Museu da Cidade – Pólo Medieval;
2. Álbum de Cartografia Portuense – Arquivo Histórico Municipal do Porto;
3. Guia de Arquitectura Moderna – Porto 1901 / 2001;
4. Guia do Porto – Porto 2001;
5. Guia American Express – Porto;
6. Regata do Infante – Edições ASA – Dezembro de 1994;
7. Porto – Do nome Portugal – Lema;
8. História do Porto – Luís A. de Oliveira Ramos;
9. Reis e Rainhas de Portugal – Manuel de Sousa, e
10. Unidade cultural – Conhecer o Porto – Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes – Dr. Hélder Pacheco.

UMA INESQUECÍVEL VIAGEM AO EGIPTO

por António Vasconcelos

As fotos que acompanham este texto são do autor

Antecedentes

No final de 1999 alguns colegas da área da História da Escola Secundária António Nobre, do Porto, onde a minha mulher Maria Elisa tinha sido professora, começaram a organizar uma viagem de estudo ao Egipto.

Este projeto teve logo de início muitas adesões, inclusive de nós próprios, atingindo um total de 76 pessoas incluindo familiares e amigos.

A data escolhida foi na semana de férias da Páscoa, do ano seguinte, 13 a 20 de abril. A viagem foi cuidadosamente preparada, tendo sido organizadas várias reuniões para tratar não só de aspetos operacionais, mas também de divulgação de informação histórica e cultural acerca do nosso destino. Entretanto foi contratada uma agência de viagens para tratar de todas as questões logísticas.

O plano de viagem era o seguinte. Cruzeiro no Nilo de 5 dias entre Luxor e Assuão e em seguida estadia no Cairo para visitar a Necrópole de Sakkara e as Pirâmides.

Felizmente que nessa época ainda não tinha começado o terrorismo islâmico e vivia-se um período politicamente estável. Assim a viagem desenrolou-se com a toda a tranquilidade. num convívio muito agradável, dado que todos nos conhecíamos.

Desta memorável viagem ao Egipto tenho muitas e boas recordações, passadas a escrito de tal maneira que passados mais de vinte e tal anos me permitem nesta ocasião partilhar este texto, para esta edição da revista A Fonte.

Diário da viagem

Dia 13 de abril, quinta feira

Após viagem de autocarro até Lisboa, embarcamos a 13 de abril, num voo direto até ao Cairo.

Chegados ao nosso destino, fomos divididos em dois autocarros, cada um com o seu guia. O do nosso grupo era um jovem que falava português com sotaque brasileiro, a quem o grupo deu a carinhosa alcunha de “faruquinho” (o seu nome era Faruk Ismail). Era muito culto e até sabia ler hieróglifos.

O cruzeiro no Nilo

Dia 14, sexta-feira

A noite num Hotel no Cairo foi passada apressadamente, pois no dia seguinte, manhã muito cedo, embarcamos num voo que nos levaria até Luxor, onde iria começar o cruzeiro fluvial no rio Nilo.

Iríamos então subir o rio em direção de Assuão numa viagem que iria durar 5 dias e 4 noites em regime de pensão completa, num trajeto de 230 Km.

A expectativa era grande, dado que nunca tínhamos embarcado num cruzeiro fluvial.

Uma vez a bordo do navio hotel Memnon Liberty, saímos após o almoço para visitar os Templos de Karnak e de Luxor. Trata-se de construções grandiosas, que impressionam os visitantes. Estes dois templos são ligados por uma calçada com cerca de três quilómetros, ladeada por mais de 600 esfinges com cabeça de carneiro. O Templo de Karnak, dedicado a Amom-Rá, deus do Sol, é um dos maiores do Antigo Egipto, destacando-se a grande Sala Hipostila, povoada por uma “floresta” com 134 colossais colunas com 21 metros de altura, com capiteis em forma de papiro.



Figura 1 - Templo de Luxor

Em frente do “pilone” do lado esquerdo do Templo de Luxor, pudemos ver um enorme obelisco com 23 metros de altura e o nosso guia recordou que falta o outro igual, que estava do lado direito. Foi doado por Mehmet Ali, então Vice-Rei do Egito. Depois foi transportado para Paris em 1836, num navio especialmente construído para o efeito, encontrando-se na Praça da Concordia.

Apesar de estamos no início da Primavera, o calor era insuportável, chegando a atingir os 40 graus, com muito sol e poucas sombras. Apesar de tudo, como era um clima muito seco, atenuava a sensação térmica. Assim, tínhamos de pôr chapéus de abas largas e óculos de sol, assim como protetor solar.

Dia 15, sábado

No dia seguinte levantamo-nos muito cedo, para evitarmos o calor, e fomos visitar a Necrópole de Tebas no Vale dos Reis, no interior da montanha e na margem esquerda do Nilo, onde se encontram os túmulos dos Faraós do Império Novo. Uma vez lá chegados, entramos num minicomboio turístico com pneus de borracha que nos levou à entrada dos Túmulos de Ramsés VI e IX, onde fizemos uma breve visita.



Figura 2 - Templo de Deir El Baharide

Em seguida visitámos o Templo de Deir El Baharide, construído pela Faraó- Rainha Hatshepsut. Este Templo desenvolve-se em dois terraços, ligados por rampas e encostados à montanha. O seu estilo arquitetónico é singular, sendo único em todo o Egito.

De tarde o navio continuou a viagem em direção a Edfu, com chegada de noite, tendo passado pela eclusa de Esna, a única do rio Nilo. Foi um deslumbramento ver os navios iluminados a entrarem nesta eclusa. Entretanto, antes de chegarmos à eclusa assistimos a um típico costume dessa localidade: vendedores em barcos a remos acercaram-se do navio, e atiravam para o deck superior peças de roupa típicas árabes, envoltos em sacos de plástico, tais como, jlabas e lenços, e depois os turistas enviavam “notas de dólares” nas mesmas sacas para o pagamento.

Dia 16, domingo



Figura 3 - Templo de Edfu

De manhã tivemos a oportunidade de visitar o Templo greco-romano de Edfu, um dos melhores bem conservados do Egito e dedicado ao deus Hórus. Para nossa surpresa, a curta viagem entre o navio e o Templo foi efetuada numa típica caleche, para duas pessoas, puxada por um cavalo. Obviamente toda a localidade cheirava imenso ao desagradável estrume de cavalo.

De tarde seguimos no navio em direção de Kom Ombo onde visitamos o Templo de Kom Ombo, da época Ptolemaica. Este templo é

dedicado a duas divindades, respetivamente Sobek (deus crocodilo) e Hórus (representado por um corpo de homem com cabeça de falcão).

Dia 17, Segunda-feira

De manhã visitamos as pedreiras de granito rosa de Assuão e o obelisco inacabado que permitiu conhecer o modo como os antigos egípcios talhavam estas enormes monumentos monolíticos, tão característicos desta civilização

Posteriormente, de tarde, passámos de autocarro pelo coroamento da barragem de Assuão, muito vigiada por militares.

Em seguida, fomos visitar o belo Templo greco-romano de Philae, dedicado à deusa Isis.

Agora está instalado na pequena ilha de Agilika, no lago Nasser, com acesso por um pequeno navio, mas antes da construção da barragem, estava em terra firme. Assim todas as pedras foram numeradas e trasladadas para a atual posição.



Figura 4 - Templo de Philae

Dia 18, Terça-feira

Depois do pequeno-almoço, saímos do navio e assim terminou o cruzeiro. Seguiu-se um passeio de falua (pequeno barco à vela com pano latino) e visitámos depois uma loja de perfumes, pois quase todos os dias o guia nos levava a uma loja típica para comprar diversos produtos da região.

Depois seguimos para o aeroporto para embarcar num voo Assuão – Cairo.

No Cairo

Na zona do Cairo ficámos alojados num Hotel em Giza, terceira cidade em população do Egipto, situada nos seus arredores.

Aqui o clima era totalmente diferente do Alto Nilo, onde tínhamos estado, pois era mais húmido, com nuvens e temperatura mais baixa e algum vento. Lembro-me de que havia muita areia em suspensão no ar, vinda do deserto, que se acumulava no cabelo. Nas deslocações que fizemos no Cairo pudemos ver o trânsito caótico nas ruas, onde todos se atropelavam uns aos outros.

Dia 19, quarta-feira

De manhã visitámos a Necrópole de Sakkara e a Pirâmide escalonada de Djose (Mastaba), construída por Imhotep, o primeiro arquiteto conhecido da História. Depois de almoço fomos visitar o Museu Nacional Egípcio, fundado em 1857 pelo egiptólogo francês Auguste Mariette, situado na Praça Tahrir. Este Museu guarda mais de cem mil artefactos de Antiguidades Egípcias, entre eles, centenas de artefactos do extraordinário tesouro do Túmulo de Tutankhamon

Finalizámos este dia com a visita às grandes Pirâmides de Gizé; Quéops, Quéfren e Miquerinos e também a enigmática Esfinge.



Figura 5 - Pirâmide de Quéops



Figura 6 - Esfinge

Ficamos realmente esmagados pela grandiosidade das pirâmides. Estivemos ao pé da pirâmide de Quéops e pudemos ver os enormes blocos de pedra calcária, com 2,5 t. de peso, assim como alguns militares montados em camelos a vigiar todo este complexo. Não é consensual entre os

especialistas o modo como o povo egípcio conseguiu, há cerca de 4.500 anos erguer esta colossal “montanha de pedras”, com a forma de uma pirâmide com 230 m de lado e uma altura atual de 137 m, mas, pelo menos, concordam que foram construídas por milhares de camponeses livres e não por escravos.

Dia 20, quinta-feira

Regresso a Lisboa em voo direto, após o que seguimos em autocarro para o Porto. Apesar das muitas recomendações para bebermos somente água engarrafada, alguns colegas apanharam no regresso uma forte diarreia e um deles teve mesmo de ser internado no H. S. João. Nós felizmente viemos bem.

Algumas notas complementares

O navio hotel Memnon Liberty.

Este belo navio, de categoria luxo, todo pintado de branco, de grandes dimensões, com 75 metros de comprimento e 1500 t de deslocamento, dispunha de 72 cabinas (capacidade de 150 passageiros) e 4 decks.



Figura 7 - Navio Hotel Menmon Liberty

Para além das cabinas, dispunha de dois grandes salões, respetivamente sala de jantar e sala de convívio, bar discoteca, lojas e também uma pequena piscina ao ar livre no piso superior



Figura 8 - Cabina

A nossa cabina era ampla, muito confortável, tinha todas as comodidades e situava-se à proa do lado direito. Da sua larga janela podíamos desfrutar uma bela perspectiva da paisagem da margem esquerda do Nilo, com muitas palmeiras e, por vezes, viam-se pescadores a estenderem as suas redes.

As refeições eram abundantes, com muitas saladas, mas obviamente estava ausente qualquer produto com carne de porco, de acordo com as prescrições alimentares islâmicas.

Todo o navio era climatizado e daí o facto de os geradores estarem continuamente a trabalhar, fazendo bastante ruído, que se ouvia desagradavelmente nas cabines à popa. Durante o cruzeiro realizaram-se festas de animação, algumas delas com trajes típicos árabes, que os viajantes compraram na loja do navio e que depois trouxeram como recordação, como a minha mulher que comprou uma “djaba”.

Falei amigavelmente com o Capitão do navio: disse-me que no Nilo navegam somente navios de turismo e o tráfego é muito intenso, pois existem cerca de 300 navios a percorrer o rio em vários trajetos

A navegação efetua-se quer de dia ou de noite a uma velocidade máxima de 10 nós, Por vezes cruzávamos com outros navios e era um espetáculo ouvir as sirenes apitarem festivamente.

Era tão intenso o movimento de navios no Nilo que em alguns portos não havia espaço suficiente para todos atracarem. Então ficavam em paralelo uns aos outros e tínhamos de atravessar a receção de outros navios até chegar ao nosso. Uma solução engenhosa, sem dúvida.

O Egipto

A República Árabe do Egipto é o país árabe mais populoso, tendo uma população atual de 100 Mh, numa área de um milhão de Km². Nunca um país, como o Egipto, deveu tanto à sua geografia e a um rio.

Assim, podemos dividir o país em três regiões bem distintas:

- O Baixo Nilo, na zona do Delta, estende-se desde o Cairo até ao mar, com 250 Km de largura por 160 Km de extensão e onde se concentra quase a totalidade da sua população. É uma região muito fértil, onde impera o cultivo do trigo e do algodão.
- O Alto Nilo, situa-se atualmente entre o Delta e a barragem de Assuão, uma zona fértil muito estreita com cerca de 20 quilómetros em cada margem,
- O restante é o deserto quente e árido

As duas maiores cidades do Egipto são o Cairo e Alexandria.

O Cairo é a maior cidade africana. Foi fundada pelos árabes em 969 e tem atualmente 20 Mh. Fica situada nas margens do Nilo no início da região do Delta, sendo a mais populosa deste país.

Alexandria é a segunda cidade deste país. Foi fundada por Alexandre Magno em 331 a.C., está situada no Mediterrâneo a 200 km do Cairo e tem atualmente 5 Mh de habitantes. Foi um importante foco de difusão da cultura helenística e desde então o Egipto começou a ser governado por descendentes de Ptolomeu, um general de Alexandre Magno. O Farol de Alexandria e a Biblioteca com o mesmo nome são o maior testemunho arqueológico dessa época de ouro da cidade que atravessou o período helenístico, romano, bizantino e árabe.

Foi nesta cidade, nos séculos II e III a. C., que um grupo de judeus da Diáspora, traduziu para grego a Bíblia judaica, chamada de Bíblia Septuaginta, que veio a ter muita importância no Cristianismo.

O Egipto tem uma enorme importância estratégica, pois nele se situa o Canal do Suez, aberto em 1869 e que constitui uma grande fonte de receita do Estado Egípcio, a partir do momento em que foi nacionalizado em 1956.

O Rio Nilo



Figura 9 - Mapa do Rio Nilo (internet)

O rio Nilo é um dos mais extensos rios do mundo, só comparável com o Amazonas. Tem perto de 7 mil km de extensão, dos quais 1200 km em território egípcio e atravessa vários países africanos. Foi fundamental para o desenvolvimento da milenar civilização egípcia, de tal maneira que o historiador grego Heródoto, afirmou que O Egito é “uma dádiva do Nilo”. A partir do Cairo o rio entra num extenso Delta, até desaguar no Mediterrâneo. Esta zona é muito rica para a agricultura, com boas colheitas de trigo e do famoso algodão do Egito. Já diziam os Romanos que o Egito era o celeiro do Mundo Romano.

As cheias do Nilo eram fundamentais para a organização e subsistência da civilização egípcia. De julho a setembro as suas margens eram inundadas, devidos ao degelo nas montanhas da Etiópia. Quando terminavam, o terreno tinha sido fertilizado pelo lodo, um adubo natural. Depois de semeados, os campos

davam boas colheitas de cereais. Não nos podemos esquecer de que ainda hoje só é habitada uma estreita faixa de cerca de uma vintena de quilómetros em cada uma das margens. Mais além é o deserto.

O Nilo era também muito importante como via de comunicação, visto que era navegável, no sentido Sul Norte, desde Mênfis, a primeira capital do Egito, perto do Cairo, até à catarata de Assuão, num percurso de mais de novecentos quilómetros. No sentido da foz, as embarcações eram empurradas pela corrente. No sentido contrário eram as velas triangulares, do tipo latino, que as moviam e só assim era possível transportar os pesados obeliscos desde as pedreiras de granito de Assuão, até Luxor e outras localidades.



Figura 10 - Margens do Rio Nilo

A barragem de Assuão

Esta enorme barragem, do tipo gravidade e enrocamento com 110 m de altura, é um símbolo do Egito moderno e uma das mais importantes de África. Foi inaugurada em julho de 1970 pelo Presidente Nasser após 10 anos de intensos trabalhos com grande apoio técnico e financeiro da antiga União Soviética.

A central hidroelétrica tem uma potência total instalada de 2.100 Mw, distribuída por 12 geradores, com uma produção hidroelétrica média anual de 10.000 GWh, e, à data da inauguração, fornecia eletricidade a 50% do país. Com esta barragem foi criada uma enorme albufeira, o lago Nasser, com mais de 200 km de extensão. Para além da produção de energia, esta barragem tem também a função de regularizar o caudal do rio, impedindo cheias e ao mesmo tempo captando água para a irrigação de campos de cultivo.

Um dos maiores trabalhos a que esta barragem obrigou foi a necessidade de trasladar, para uma posição de 61m acima do nível da água, os grandiosos Templos de Abu Simbel, situados na Núbia, construídos pelo Faraó Ramsés II, de modo que não ficassem submersos pelas águas da albufeira. Foi uma dispendiosa e complexa operação internacional coordenada pela UNESCO e financiada por vários países.

A descoberta do túmulo de Tutankhamon

A 4 de Novembro de 1922, o egiptólogo britânico Howard Carter, depois de anos de busca pelo Vale dos Reis, conseguiu encontrar a entrada do túmulo do Faraó Tutankhamon. De imediato, telegrafou ao seu patrocinador Lord Carnarvon, aristocrata, colecionador de arte e admirador da civilização egípcia, para assistir à abertura do túmulo.

Veio logo rapidamente acompanhado de sua filha Lady Evelyn. Apanhou um navio e depois de chegar ao Cairo, veio de comboio até Luxor e daí até ao túmulo que foi aberto a 23 no mesmo mês, com a presença de autoridades egípcias. Todos ficaram maravilhados com a beleza das primeiras peças encontradas e logo verificaram que o túmulo estava quase intacto.

Então Howard Carter começou o estudo sistemática do espólio, assim como a limpeza do mesmo, tendo contratado vários colaboradores, entre os quais um fotógrafo, trabalho este que durou três anos, até novembro de 1925, data em que foi retirada a máscara funerária, uma maravilha da arte com ouro e pedras preciosas.



Figura 11 - máscara funerária de Tutankhamon (fonte: internet)

Os trabalhos de catalogação, extração e conservação deste acervo com perto de cerca de cinco mil itens, (sarcófagos, tronos, camas, carros de cavalos, etc) continuaram por mais de dez anos e todo este espólio seguiu para o Museu do Cairo. (durante o ano corrente, este espólio já poderá ser visitado no novo Grande Museu Egípcio)

Tutankhamon faleceu a 1327 a.C. quando tinha 18 anos, no período do Império Novo, na XVIII Dinastia. Pouco se sabe da sua curta vida e da razão da morte. Julga-se, no entanto, que seria filho de Akhenaton, o Faraó Herético, que introduziu o culto do deus único, Aton, deus do Sol, contra a vontade dos Sacerdotes. Tutankhamon restaurou o culto dos antigos deuses e como tal agradou profundamente à classe sacerdotal. Segundo alguns autores, seria por esta razão que lhe construíram um tão magnífico túmulo.

Os hieróglifos

Uma das coisas que mais impressiona o viajante do Egito é a enorme quantidade de inscrições que revestem os seus monumentos, designadas por hieróglifos. No entanto, partir dos últimos Faraós, após a anexação romana, estas inscrições deixaram de ser utilizadas e perdeu-se a sua compreensão.

Assim permaneceram até ao início do século XIX, quando Napoleão invadiu o Egito em 1798, e com ele trouxe uma grande comitiva científica, com inúmeros arqueólogos, historiadores, geógrafos e artistas, que metodicamente começaram a estudar a civilização egípcia e os seus monumentos. Tudo foi descrito mais tarde na monumental obra com mais de 7 mil páginas intitulada “Description de L’Égypte”

Um dos achados mais valiosos dessas campanhas foi a Pedra da Roseta, (nome da localidade onde foi encontrada). Trata-se de uma estela gravada num bloco de basalto negro do período Ptolemaico, com inscrições em três alfabetos: (hieroglífico, demótico e grego) e em duas línguas, (antiga língua copta e grego). Algum tempo depois o jovem linguista François Champallion, soube da existência desta estela e das suas inscrições. Depois de muitos estudos e alguma intuição, conseguiu, em 1822, decifrar a complexa escrita hieroglífica.

Com esta extraordinária descoberta, foi possível ler milhares de inscrições, existentes no antigo mundo egípcio, permitindo assim conhecer toda a longa história desta milenar civilização. Atualmente estão disponíveis gramáticas e dicionários com toda a simbologia, que consiste num sistema híbrido com 24 caracteres fonéticos e mais de setecentos ideogramas.

Pouco tempo depois, os Ingleses derrotaram Napoleão no Egito, a Pedra de Roseta veio para Inglaterra e desde então está guardada em Londres, no Museu Britânico.

Sugestões de leitura (não formatadas)

- Arte e Civilização Antigo Egito, Neil Morris e Anne McRae, Texto Editora, 2000
- ARTE EGÍPCIA, A grande história da Arte, edição Público, 2006
- Hieróglifos, 580 sinais para compreender o antigo Egito, Marilina Betro, Mondatori, Florença, edição portuguesa Book.it, 2012
- Luxor, Valle of Kings, edição inglesa, Casa editora Bonechi, Florença, - 2000
- Musée Egyptien, Le Caire, Peter P. Riesterer e Lehnert Landrock, Le Caire, 1997
- TUTANKAMON , A descoberta do Túmulo, edição portuguesa, Scala Group, Florença, 2007
- As Pirâmides, um enigma a desvendar, Maria Rosa rio Luberto, Book. It, 2012
- O ANTIGO EGÍPTO, 100 Anos da descoberta do túmulo de Tutankhamon, Visão

JESUS - ESSE HOMEM DE HOJE

por Maria Fernanda Bahia

Tentando despir a cumplicidade do personagem Homem-Deus, converge um ser formidável e diferenciado para aquele que, se habitasse hoje a Terra, era a voz que clamava a esta humanidade desconcertada, sob o olhar impávido das cristas do clima e com inimigos sem rosto. Vejo-O a apresentar-se com t-shirt sem marca, ao lado dos seus desiguais, convidado para reuniões indecíveis onde ousam discutir um qualquer projeto sem nenhuma conclusão. Trata-se de um Ator em modo de perfeição a apontar estratégias oponentes à corrente politicamente correta, outras vezes atrapalhando o status quo ou ainda desatando um nó cego que desafia a inteligência. A solução enfim conseguida, quantas vezes ressuscitada de decisões declinadas, leva a um transe de bem-estar, a um êxtase de benevolência.

Esse Homem de hoje, em qualquer continente que vivesse, não seria o salvador de tragédias dionísicas, não evitaria as centenas de crianças mortas na Nigéria, os quantos sem casa pelas inundações no Brasil ou as cidades americanas destroçadas à passagem dos tufões. Mas certamente fazia notar a Voz da Ética apelando aos ricos e aos pobres. Os ricos não devem desperdiçar, antes repartir o pão, o mel e a pitada de sal e os pobres não devem deixar de criar, antes sim recusar a desesperança.

De cima, olhando o mundo de rosto contorcido pela ambição desmedida, esse Homem de hoje, sendo Ímpar, vem manifestar com vigor o quanto urge o discernimento sobre o verdadeiro e o falso; a necessidade imperiosa de defesa face a monstros belicistas físicos e virtuais, abanada a influência geopolítica dissemelhante, alterada em tempo record, dada a ascensão de populismos dos desclassificados à procura de uma força sociológica participante. Ele sublinha a narrativa histórica que diz que tudo o que já aconteceu pode acontecer outra vez e tudo o que está por vir já aconteceu antes. Mas cada época veste a sua roupagem, a atual sentida menos resistente ao gesto de dedo pela raiva não aplacada. É necessário esse Homem Genial impor-se com a presença de impacto radiante consciências adentro, a insuflar equilíbrio de razoabilidade entre os que têm e os que não têm valores, entre os que são e os que não são indiferentes, entre os que querem e os que não querem paz.

O avanço científico permite, cada vez mais sem contemplações, usufruir transversalmente dos proveitos e exigir que estes não fiquem nas mãos de nichos dos poderes. A razão não se confunde nem compadece com desejo e, com clareza, apesar de palpar medo no ar pelos descaminhos das descobertas, esse Homem Bom, acostumado à vastidão, torna-se Inspirador dos que denunciam abertamente, para que os povos aproveitem mais saúde, mais felicidade de viver, sem olhar a judeu ortodoxo, a cristão divergente ou ateu. Assim, a ciência continuará a desenvolver-se sem se sentir oprimida com as próprias dúvidas e, sem desagrado, num abrir de braços em cruz com o espírito de acolher todos os contributos.



Uma jornada pelas nuances da existência humana. Cada página reflete as múltiplas formas de expressão que nos ajudam a interpretar o mundo e a nós mesmos. Da força das palavras que contam histórias às imagens que falam sem voz, esta coletânea é um espelho das experiências, emoções e mudanças que atravessam gerações.

Neste livro, cruzam-se histórias de amor e perda, desafios e esperanças, capturando momentos que nos fazem refletir sobre a nossa própria jornada. É uma celebração da criatividade e do poder transformador da arte e dos ensinamentos da história, que nos lembram de olhar para o desconhecido com curiosidade e para o familiar com renovada apreciação.

Que estas páginas sejam intensas e marcantes na sua leitura.